

Revista do
INSTITUTO
HISTÓRICO *e*
GEOGRÁFICO

DO RIO GRANDE DO SUL

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO R. G. DO SUL

ANO XXII — I TRIMESTRE — JANEIRO - MARÇO DE 1942 — N.º 85

SUMÁRIO

Alfredo Ferreira Rodrigues	3
O Brasil e a Companhia de Jesus. Conferência pelo Dr. Darcy Azambuja	5
Notas para a história das ferrovias Sul-Riograndenses, pelo Eng.	
Atila do Amaral	15
“Plano das marchas e acampamentos das tropas espanholas no Rio	
Grande”, por Ricardo R. Caillet-Bois	23
Tricentenário da Batalha do Mbororé (11 a 16 de Março de 1641),	
pelo Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.	27
Relação da Guerra e vitória dos aborígenes (em 6 de abril do ano	
de 1641), por Cláudio Ruyter	29
Contribuição aos estudos dos problemas de alimentação no Rio Gran-	
de do Sul, por Raul Panatiéri	55

ATRAVÉS DA IMPRENSA

“O momento de Vernhagen”, por Jaime Adour da Camara. — “Gente	
que eu conheço”. — Eduardo Guimarães, por De Souza Junior.	
— “Maragatos e Gaúchos”, por Castilhos Goycochêa	187

NOTICIÁRIO

Uma carta do brilhante historiador uruguaio José Aguiar — Wolfgang	
Hoffmann Harnisch — Virgílio Varzea — Monumento a Euzé-	
bio de Oliveira — Regiões geoeconômicas do Brasil — Insti-	
tuto Brasil-México — Centenário da Revolução de 1842 e da	
ação pacificadora de Caxias — Instituto de Geografia e Histó-	
ria Militar do Brasil — Centro Dom Vital — Heróis de Laguna	
e Dourados — Para um livro sobre os Estados-Unidos — D. Jú-	
lia Lopes de Almeida — D. Pedro II — Centro de Pesquisas	
Educacional — Dr. Edmundo Navarro de Andrade — Xavier	
Marques — Marechal Argollo — Manoel Ribeiro — Exposição	
do livro Português — Sociedade de Geografia do Rio de Ja-	
neiro — A História e a Geografia do Colégio Pedro II — Dia	
do Reservista — Louis Bertrand — O ensino da língua Por-	
tuguesa — A troca sistemática dos nomes das ruas — Insti-	
tuto Histórico e Geográfico Brasileiro — Concurso de filmes	
brasileiros — Alberto de Oliveira — Instituto Heráldico-Genera-	
lógico — Academia Brasileira de Letras — Descobertos em	
Rio Pardo fósseis de gigantesco tatús e preguiças multimi-	
lienários	201

BIBLIOGRAFIA

por Olinto Sanmartín (O. S.)	255
REVISTAS	258

INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO
DO RIO GRANDE DO SUL

Presidente honorário: Desemb. Florêncio C. de Abreu e Silva.

Presidente: Dr. Leonardo Macedônia Franco e Souza.

Vice-Presidente: Prof. Otelo Rosa.

Secretário Perpétuo: Dr. Eduardo Duarte

2.º Secretário: Prof. J. A. L. Tupi Caldas.

Orador: Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.

Tesoureiro: Professor Afonso Guerreiro Lima.

Bibliotecário: Dr. Olinto Sanmartin.

COMISSÕES PERMANENTES

Fundos e orçamentos:

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa

Cel. Gaston Hasslocher Mazon

Prof. Jorge Bahlis

Dr. João C. Maia

História:

Cap. D. Paranhos Antunes

Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.

Dr. Mario Teixeira de Carvalho

Dr. Manoelito G. de Ornellas

Geografia:

Prof. A. G. Lima

Dr. Darcí Azambuja

Prof. Otelo Rosa

Dr. Olinto Sanmartin

Arqueologia, Etnografia e Paleontologia:

Prof. Angelo Guido

Dr. Armando Dias de Azevedo

Prof. J. A. L. Tupi Caldas

Prof. Jorge Bahlis

Folclore e línguas indígenas:

Prof. Angelo Guido

Sr. Dante de Laytano

Cel. Luiz Carlos de Moraes

Dr. Manoelito G. de Ornellas

Admissão de Sócios:

Dr. Armando Dias de Azevedo

Dr. Eduardo Duarte

Cel. Gaston Hasslocher Mazon

Cel. Luiz Carlos de Moraes

Estatutos:

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa

Gal. E. F. de Souza Docca

Dr. Eduardo Duarte

Prof. Walter Spalding

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO
RIO GRANDE DO SUL

(FUNDADA EM 1920)

—X—

- Registrada de acôrdo com as exigências da lei.
- Publicação trimestral
- Órgão do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.
- Reconhecido de utilidade pública por decreto n.º 4373 de 24 de novembro de 1921.

—X—

DIRETOR

DANTE DE LAYTANO

—X—

- Assinatura anual 20\$000
Cada número 6\$000
Números atrasados: preços especiais.
- A Revista não se responsabiliza pelos conceitos emitidos por seus colaboradores.
- Toda a correspondência deverá ser remetida para o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.
- Solicitamos permuta.

Alfredo Ferreira Rodrigues

Com o falecimento dêsse ilustre homem de letras, acaba de perder o Brasil e, especialmente, o Rio Grande do Sul, um dos mais nobres dos cultores do nosso passado.

Prosador e poeta e dotado de notáveis qualidades de historiador consagrou-se desde jovem ao estudo do passado sul-riograndense de que foi um sabedor.

Possuindo sólido curso de humanidade aprimorado pelo seu padrinho e protetor — o sábio professor Bernardo Taveira Junior, se impôs Alfredo Rodrigues, pelo brilho de suas narrativas e pela orientação de seus magníficos estudos.

O amor ao Rio-Grande-do-Sul, o culto pela verdade histórica, a glorificação de nossos heróis, tiveram no escritor que desaparece um dos mais impressionantes e dos mais nobres exemplos a ser apontado entre os estudiosos de nosso pretérito.

Tôdas as suas energias, quasi toda sua vida e todos os primores de sua inteligência foram consagrados, com raro desprendimento e edificante dedicação à vida idealística e heróica do Rio-Grande-do-Sul.

Conhecedor profundo da alma de sua gente e dos fatos de sua vida, muito contribuiu para o seu estudo em geral, sendo o seu maior labor na sublimação da Grande Revolução Farroupilha.

Seus estudos nesse sentido foram propícios à justiça na apreciação dessa cruzada memorável e indicaram alguns dos elementos que serviram para que se fixasse definitivamente a fisionomia dessa Revolução — evidenciando seu acentuado canho de brasilidade.

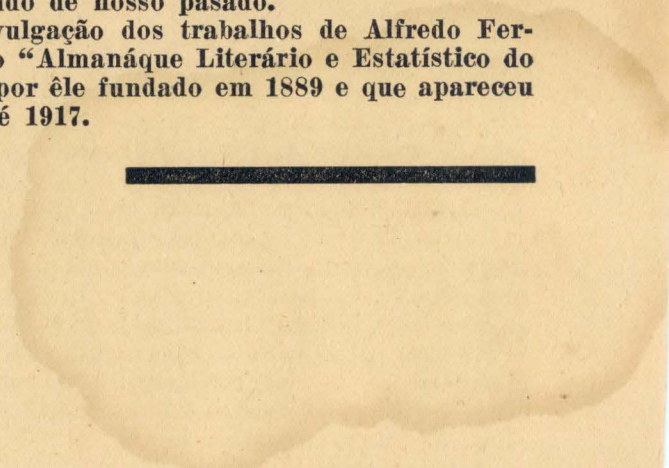
Entre seus trabalhos se destacam: “Notícia descritiva e estatística do Rio-Grande-do-Sul”, “Primeiros Fortes do Rio-Grande”, “A Pacificação do Rio-Grande”, “David Canabarro e a surpresa dos Porongos”, em dois magistrais estudos de reparação histórica, “Notas para a história da imprensa no Rio-Grande-do-Sul”, “Bento Gonçalves e seu ideal político”,

“Bento Manuel Ribeiro e seu papel na Revolução”, “Antônio Neto — combate do Seival e a proclamação da República” e muitos outros, sendo de se salientar a série “Homens e Fatos do Passado”, que constituem precisas lições de cultura cívica.

Publicou também interessantes estudos biográficos de grandes vultos de nossa pátria, merecendo destaque as biografias do General Osório, de Carlos von Koseritz, de Domingos José de Almeida, de Bento Gonçalves, de Lobo da Costa, do Barão de Triunfo, de Bernardo Taveira Junior, seu grande mestre e protetor; de José Gomes Portinho, de Antônio Vicente da Fontoura, de João Manoel de Lima e Silva.

Os estudos históricos de Alfredo Rodrigues tiveram grande influência no espírito dos fundadores do atual Instituto Histórico e Geográfico do Rio-Grande-do-Sul, que marca nova e brilhante era no estudo de nosso pasado.

O veículo de divulgação dos trabalhos de Alfredo Ferreira Rodrigues, foi o “Almanáque Literário e Estatístico do Rio-Grande-do-Sul”, por êle fundado em 1889 e que apareceu ininterruptamente até 1917.



O Brasil e a Companhia de Jesús

(CONFERÊNCIA)

Darcy Azambuja

Por certo nenhuma outra nação terá, mais do que o Brasil — e talvez nenhuma tanto, quanto o Brasil — o dever de celebrar o quarto centenário da Companhia de Jesús. O Brasil nasceu com ela, antecedendo-a de apenas quarenta anos, e lhe coube logo receber as primícias da sua obra de catequese e educação, a primeira prédica dos seus primeiros missionários, o sacrifício dos seus primeiros mártires.

Ainda frementes da modelação espiritual, feita pelo próprio Inácio de Loyola, inflamados na incoercível energia que o grande santo, sabia comunicar aos seus discípulos, os Jesuítas desembarcaram na América para conquistá-la. Para conquistar a terra, contra as feras e as florestas, e amansá-la e fecundá-la com a fartura nas searas, com o trabalho e a segurança nas fazendas, o refúgio e a esperança nas capelas, e conforto e a prosperidade nas povoações; para conquistar o homem à bruteza e à idolatria, e abrir-lhe nas almas tôscas as clareiras da fé, com as palavras da luz e da vida na suave mensagem do Redentor.

Ano a ano, das caravelas dos governadores e das naus dos vice-reis, êles desembarcavam, cada vez mais numerosos e mais decididos, para preencher as falhas que as doenças e o martírio abriam nas fileiras dos soldados da cruz; palmo a palmo a sua conquista avançava contra a vastidão da terra, no rasto das *entradas*, redimindo e convertendo os índios cativos; sozinhos e inermes furavam as brenhas, precipitavam-se no côncavo das igaras em procura das tabas selvagens, e já nas praias do oceano se erguiam, sôbre os outeiros risonhos, as primeiras obras da sua ação civilizadora: a capela e a escola.

Batizar e ensinar, foram as duas modalidades da ingente batalha que tão poucos soldados da fé levaram travada contra a gente selvagem, perdida na vastidão inexpugnada da terra, e até contra os cristãos, que, na passagem do equador, deixavam para lá dessa

linha ideal que separava o mundo civilizado do mundo bárbaro, as virtudes que lhes deviam ter infundido na alma mil e quinhentos anos de prédica evangélica.

Em verdade, a luta fôra o signo que desde o comêço assinalara o nascimento da Sociedade de Jesús.

Quando Inácio de Loyola reuniu os seus primeiros discípulos, havia poucos anos que Lutero arremegara um tinteiro à cabeça do diabo, com quem costumava discutir teologia nos vastos salões do castelo de Wartburgo. As consequências dêsses colóquios hereges e danados lavravam já nos terríveis incêndios da Reforma por tôda a Europa. A Companhia de Jesús nascia combatendo. Os seus pregadores e doutores, pelas catedrais e pelas Universidades, atacaram de frente o cisma colossal, e dentro dos próprios concílios, no seio mesmo da Igreja romana, os teólogos jesuítas sobressaíam em tôdas as discussões doutrinárias, numa obra de exegese e de divulgação que constitue sem dúvida o maior e o mais grandioso movimento filosófico dos séculos XVI e XVII. A "polêmica da graça" e a questão do livre arbítrio nasceram aí. A sombria doutrina da predestinação, com que Calvino pretendia transformar o mundo numa tumultuosa antessala do inferno, onde predestinados e condenados, sem esperança e convencidos da inutilidade da fé, errariam embrutecidos, os jesuítas opunham a própria palavra de Cristo, feita de misericórdia e de perdão.

No seu combate à reforma, os jesuítas realizavam uma dupla tarefa. A primeira era a de mostrar os erros da teologia protestante; a segunda era a de demonstrar que as teorias científicas, propagadas como uma conquista da religião reformada, não somente não se opunham aos dogmas católicos, mas também que estes eram um estímulo às investigações filosóficas e um abrigo seguro contra os desvarios da imaginação. Foram os primeiros a compreender que o mundo se transformara e que a igreja católica não podia ceder o passo às novas seitas na educação e orientação do povo e das classes ilustradas.

E assim, enquanto defundiam os princípios essenciais e eternos da religião de Cristo, humanizavam e atualizavam as interpretações, dizendo em palavras modernas as verdades antigas, corrigindo os abusos do fanatismo e desmascarando as pretensões da ignorância. A sua ação estendeu-se a todos os ramos da atividade humana; não foi apenas nos púlpitos e nos confessionários que êles exerceram os misteres para os quais a ordem fôra organizada, não foi somente à teologia e à filosofia que êles trouxeram a contribuição de uma incansável atividade. A física, a química, a astronomia, a mecânica, a literatura, a pintura e as artes em geral, inclusive o teatro, foram campos em que os jesuítas disputavam palmo a palmo a primazia aos leigos, quer por trabalhos originaes de membros da pró-

pria Companhia, quer protegendo sábios e artistas e divulgando-lhes as obras. Leibniz e Miguel Ângelo, Rubens e Van Dick foram amigos íntimos e dedicados dos jesuítas, e nenhuma obra científica, filosófica ou artística deixava de receber dêles o comentário devido, sem nenhum laivo de fanatismo, e antes com uma largueza de vista, uma simpatia e tolerância, que somente encontrava limites nos dogmas da sua religião.

Era natural, portanto, que a sua influência social crescesse e que o seu prestígio aumentasse. Dentro de dois séculos, era sem dúvida a mais poderosa das ordens religiosas. E era natural também que êsse prestígio e essa influência encontrassem adversários e invejosos. Uma tremenda campanha, surda ou ostensiva, levantou-se contra os jesuítas, cujos episódios mais célebres são de tôdos conhecidos.

Mas, não seria aquí o momento, nem me socorreriam recursos bastantes, para descrever, mesmo em síntese apressada, a vida da Companhia de Jesús.

Basta-nos, para esta comemoração, uma rápida vista de conjunto sôbre a sua ação no Brasil. Por muito rápido e apressado que seja êste exame, e há de sê-lo por força, colheremos motivos de sobra para justificar as expressivas comemorações com que tôda a nação assinala o seu quarto centenário.

O Brasil colônia recebeu a influência de dois poderes organizados; um temporal, político, administrativo e militar, a Coroa portuguesa; o outro espiritual, desarmado e sem mando, a Companhia de Jesús. A influência de ambos foi profunda, diferente uma da outra e muitas vezes em contradição. A Corôa descobriu, povoou e explorou; a Companhia de Jesús cristianizou, educou e civilizou. A cupidez pelas riquezas da terra, a crueldade para com seus habitantes, o descaso em relação aos destinos do país, recém-descoberto, assinalaram quasi constantemente a orientação dos administradores da metrópole; o desapêgo aos interêsses materiais, a caridade heróica na catequese, o incansável desejo de aperfeiçoar e engrandecer o povo e a terra, foram os ideais ínváriaveis dos missionários jesuítas. De certo momento em diante, sobretudo no governo do marquês de Pombal, o governo português não tem outra preocupação além da de extorquir as riquezas naturais e oprimir até o último extremo o desenvolvimento da colônia para evitar que se emancipasse; os jesuítas, com deslealdade com a metrópole portuguesa, não esqueceram um momento que o Brasil devia ser uma nação.

A catequese jesuítica no Brasil foi uma epopéia, e a mais viva imaginação de um homem de agora mal poderá aflorar a imensidade dos seus sacrifícios, os prodígios da sua energia, a soma inacreditável dos seus pequenos heroísmos e da sua inestinguível abne-

gação. Se refletirmos que ainda hoje o nosso território contém regiões inacessíveis, umas povoadas por selvagens rebeldes a todo o contacto com os brancos, outras por serem imensas estufas tropicais, onde residem os miasmas das mais terríveis doenças, podemos ter uma noção aproximada do que seria o Brasil de 1550 a 1650, que foi o século das “bandeiras cristãs de conversão e civilização dos indígenas”.

A selvageria natural de muitas tribus, juntava-se já o ódio de quasi tôdas as que povoavam o litoral, pelos maus tratos e às perfídias dos primeiros colonos; à extensão desconhecida da terra, coberta de florestas impenetráveis e de rios caudalosos, acrescia a falta absoluta de quaisquer meios de transportes. A pé sem roteiro, sem armas, sem auxílio de espécie alguma, os missionários entravam pelas matas, cruzavam os campos, venciam as serras e vadeavam os rios. Ninguém melhor do que um dêsses desbravadores legendários poderia descrever, no estilo do tempo, a vida assombrosa que levavam. Eis o trecho escrito pelo maior dêles, pelo grande Anchieta, o Apóstolo do Brasil, em uma carta de 1584:

“Os perigos e trabalhos que nisto se passam, pela diversidade dos lugares a que se acodem, se podem conjecturar. Perigos de cobras, de que há grandíssima cópia nesta terra, de diversas espécies, que ordinariamente matam com a sua peçonha, de que frequentíssimamente quasi por milagre são livrados e alguns mordidos sem perigar; — perigos de onças e tigres, que também são muitos, pelos desertos e matas por onde é necessário caminhar; — perigos de inimigos de que algumas vezes por Providência Divina tem escapado; tormentas por mar e naufrágios, passagem de rios caudalosos, tudo isto é comum; calmarias por vezes excessivas que parece chegar o homem a ponto de morrer, de que vem a passar gravíssimas enfermidades; — frio, principalmente na capitania de S. Vicente, no campo, onde já por vezes se acharam índios mortos de frio; e, assim acontecia muitas vezes, ao menos no princípio, a maior parte das noites não se podendo dormir de frio nas matas, por falta de roupa e de fogo, por que nem calças nem sapatos havia, e assim andavam as pernas queimadas das geadas e chuvas muitas e mui grossas e continuas; e com isto grandes enchentes de rios e muitas vezes se passam águas muito frias, por longo espaço pela cintura e às vezes pelos peitos; e todo o dia com chuvas muito grossa e fria, gastando depois grande parte da noite em enxugar a roupa ao fogo, sem haver outra para mudar. E contudo nada disto se estima; e muitas vezes, para acudir e batizar ou confessar um escravo de Português, se andam seis e sete léguas a pé, e às vezes sem comer. . .

Não há descansar, e nisto se gasta cá a vida dos nossos, com que se tem ganhado no Brasil muitas almas ao Senhor.”

Eis, na linguagem tocante e singela de Anchieta o breve resumo

de um martírio quotidiano, não apenas sofrido por todos, mas buscado por todos incessantemente durante mais de um século, e aceito com alegria e ofertado a Jesús pela salvação de algumas almas de índios brutos e desamorosos, quasi sempre cruéis e desagradecidos. Quantas vezes, após semanas e meses dêsses perigos por terra e tormentos por mar, atingida a taba dos selvagens, eram os missionários escoraçados violentamente e, se escapavam com vida, desandavam o seu calvário, percorrendo as mesmas regiões imensas e hostís, perseguidos pelas frechas dos índios, tocaiados pelas onças, picados pelas serpentes, quasi nus, famintos, doentes, doentes de corpo e de espírito, por não terem conseguido ganhar uma só alma para o Senhor.

Não desanimavam, porém, nunca esmoreceram. Alguns breves dias de repouso, longas horas de exercícios espirituais, de preces e penitências e lá investiam de novo contra o inferno verde para abraçar os que os repeliam, para salvar os que os martirizavam, para dar a vida aos que os matavam.

Não se podem ler as crônicas daqueles tempos duros e desconhecidos sem um arrepio de pavor e de admiração pelo heroísmo dêsses homens singulares, humildes e gigantescos, fracos e irresistíveis, que viviam morrendo, e morriam confessando e batizando; que repetiam obscuramente cada dia e cada hora o apostolado de S. Paulo, o martírio de S. Pedro e o exemplo de Jesús. Dir-se-ia que foi a própria mão de Deus que destacara para a evangelização do Brasil criaturas excelsas, de uma fé incoercível e de uma energia fulgurante, figuras de santos e de apóstolos da estatura de um Nóbrega, de um Anchieta, de um João de Almeida, de escritores sábios e oradores como Simão de Vasconcelos, Alexandre de Gusmão e Antônio Vieira. Esses nomes, mais conhecidos e afamados, são apenas o expoente de inúmeros outros que se lhes equiparam nas obras, na inteligência, no sacrifício e na abnegação.

Não obstante a magnitude da catequese dos jesuítas entre nós, quem se ativesse apenas a êsse aspecto, religioso e por assim dizer profissional, não somente faria uma idéia unilateral e incompleta da sua ação, como também não compreenderia a evolução histórica do Brasil, desde o descobrimento até à independência.

Outro aspecto de sua obra, neste sentido ainda mais vasta, e mais duradoura, e de eficácia social incomparavelmente mais profunda, assegurou à Companhia de Jesús um papel decisivo na formação moral e intelectual da nacionalidade brasileira.

Durante mais de duzentos anos o Brasil colônia sofreu um regime de opressão econômica e social que não encontra similar na história do que é possível fazer pelo embrutecimento e o atraso de um povo. As grosseiras indústrias que a custo surgiram na terra, foram arrasadas pelos decretos portugueses e proibido terminante-

mente o estabelecimento de qualquer outra; ainda no tempo dos últimos vice-reis nenhum tecido podia ser feito no Brasil e até o uso das roupas interiores era regulado pela pragmática, sendo pormenorizadamente prescrito o que podiam usar os nobres, os burgueses e os escravos. Em 1747 foi fundada no Rio a primeira tipografia, mas, no mesmo ano era fechada por ordem da Côrte, o material confiscado e remetido para além mar e vedado o funcionamento de qualquer oficina de impressão. Nenhum livro podia ser vendido sem autorização expressa da Mesa de Consciência e Ordens de Lisboa, e é fácil imaginar a odisséia de um requerimento de licença, enviado do Rio para Lisboa, pleiteando qualquer favor semelhante.

Data de 1772 a criação das primeiras aulas públicas no Brasil. Até então, todo o ensino no Brasil foi feito pelos jesuítas. Os desvelos, os sacrifícios, a energia que empregaram para ensinar os brasileiros, só encontra similar no heroísmo dispendido para catequizar os *brasís*, como eram chamados então os nossos índios. Nas missões que aqui empreenderam, nas *residências*, nas *visitas* que fundavam, não raro a escola antecedia à própria capela, e esta foi sempre o recinto em que se cultuava Deus e se cultivavam os espíritos. Onde chegava a cruz, chegavam, não os livros que não havia ainda ou eram proibidos, mas os manuscritos, elaborados pelos próprios padres, as *cartas de a, b, c*, em que o filho do índio e o filho do colono aprendiam a ler, às *tábuas*, onde se exercitavam nas *contas*. As capelas de rezar vizinhavam com as *aulas de ler e contar*, as mesmas vozes guturais de tamóios e guaraní que de manhã entoavam o *de Angelis*, à tarde soletravam as cartilhas. E não era apenas aos catecúmenos que ministravam as primeiras letras, mas também aos filhos dos colonos, e não eram somente estes os seus discípulos, nem se resumia o seu magistério à simples alfabetização. Nas povoações mais importantes, funcionavam cursos médios, com a gramática, humanidades, retórica e a geografia; e até o curso superior, com as ciências naturais, a filosofia e a teologia, os jesuítas organizavam, sendo mesmo um dos agravos do marquês de Pombal contra eles a pretensa preocupação que mostravam pelo ensino de matérias mais elevadas.

Em um país, descoberto em 1500, emancipado em 1822, e onde durante dois séculos o ensino primário, secundário e superior foi exclusivamente ministrado por jesuítas, nunca se encarecerá demasiado o que a eles deve a nação que se formou mentalmente sob o seu desvelado carinho; e se acrescentamos ao adverbio “exclusivamente” um outro por igual verdadeiro, que é “gratuitamente”, não poderemos deixar de confessar que o poder espiritual entre nós exerceu, na elaboração da nossa nacionalidade, uma função pelo

menos tão importante quanto o poder temporal e político da metrópole portuguesa.

Por isso mesmo, a expulsão dos Jesuítas constituiu para o Brasil um tremendo golpe. Ficávamos de súbito privados não apenas dos catequisadores e pacificadores dos índios, mas de todos os mestres, de tôdas as escolas, de todos os seminários, de tôdas as incipientes Faculdades. Com razão um escritor brasileiro, bem apreciando as consequências advindas ao Brasil e a Portugal, classificou êsse acontecimento “um novo Alcacer-Quibir”, e outro escritor o denominou “um segundo terremoto de Lisboa”.

Até hoje não estão bem elucidadas as causas que levaram o retrógado e cruel ministro de D. José, o marquês de Pombal, a essa estúpida perseguição. O que se tem dito, aquem e além mar, para elucidá-las, os motivos que se têm apontado, não convencem, a menos que na alma sombria de Pombal existiam ressonâncias específicas, que lhes desse a amplitude, o poder, a tenacidade encanizada que caracterizou a perseguição.

Esta, no Brasil, começou sob signos adversos. O terror e o perjúrio assinalaram os seus pródromos, como se a Providência quisesse admitir a todos que onde aquele mau conselheiro e êste crime aparecem, não há de cogitar que opere a vontade divina, senão as artimanhas usuais dos poderes das trevas.

Em agôsto de 1758 aportavam à Baía os três magistrados, investidos pelo marquês de Pombal na deshonrosa e ruim tarefa de prender os jesuítas, sequestrar-lhes os bens e expulsá-los do Brasil. Eram êsses três beleguins Antônio Azevedo Coutinho, José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho Melo e Manuel Estêvão Vasconcelos Barbarim. A nau que os trouxera sofrera em alto mar uma tremenda tempestade. Entre o oceano cavado em abismos que ameaçavam traga-los, em montanhas que pareciam espatifar a embarcação, e o céu todo negro, de onde choviam raios e rebentavam trovões, os três encarregados de sujos negócios, aterrorizados, caíam de joelhos e fizeram voto a Santo Inácio de Loyola de que, no desempenho da ordenança em que vinham nenhuma injustiça praticariam contra os jesuítas, promessa solente a que tôda a tripulação assistiu.

A borrasca passou, a nau sulcava por mares bonançosos e, com a tranquilidade, parece que na alma dos três magistrados pombalinos os conselhos da aleivosia começaram a achar grande demais o compromisso para um perigo já passado. A terra não estava longe, o marquês não era homem de tolerar complacências na execução de suas ordens. Talvez já a sinistra trindade, acreditando-se a salvo, planejasse o perjúrio.

Mas, o pânico acossou-os novamente. Uma calmaria podre imobilizou a nau. Dias e dias, sôbre o mar leitoso e quieto, debaixo de um sol comburente, as velas caídas ao longo dos mastros, o navio

derivou ao sabor das lentas correntes oceânicas, sem um sôpro de vento que lhe permitisse reaviar para o destino. A fome e a sede, ainda piores que a morte, ameaçavam a tripulação e os passageiros. Mais alguns dias de calmaria, e já não haveria água nem alimentos a bordo. Outra vez, na coberta da nau, os três pusilânimes e refalsados beatos preitaram a misericórdia de Santo Inácio de Loyola, renovando o voto anterior, ratificando a promessa que mentalmente já haviam quebrado.

O vento repontou de quadrante favorável e a nau aportou à Baía. Aí, dos três apenas um, José Mascarenhas, cumpriu o voto feito em peripécias tão trágicas, preferindo sofrer o ódio implacável do marquês de Pombal a deshonrar a justiça e faltar aos sentimentos cristãos na cega e odiosa trituração legal dos jesuítas do Brasil. Os outros dois, desaçamados agora do medo, levaram por diante a empreitada que lhes outorgara o marquês de Pombal, com uma fúria, uma desfaçatez e uma crueldade inauditas. Presos e cercados, os jesuítas tiveram ainda de sofrer a tortuosa perfídia dos delegados reais, que usaram de tôdas as traças, desde a intimidação ao suborno, para afastar da Companhia os noviços e conseguir apostasias dos professores. Nada obtiveram, além de algumas declarações, obtidas por fraude a alguns noviços, que, mal se encontraram em liberdade, tornaram a se apresentar aos dois magistrados, retratando-se e oferecendo-se a quaisquer castigos.

Confiscados os bens da Companhia, com que o ministro de D. José prelibava o enriquecimento do erário real, a alçada pombalina apurou a irrisória quantia de mil e duzentos escudos. E' verdade que saíram, do Colégio da Baía para o convento dos franciscanos, quatro arcas abarrotadas de ouro, mas era dinheiro da Coroa portuguesa que, a falta de bancos era a primeira a reconhecer a honradez dos jesuítas para cuidar dos haveres públicos.

Nas demais cidades, como Recife, Paraíba, Fortaleza, Rio, as cenas foram semelhantes e afinal, lançados nos porões imundos dos navios, foram os jesuítas enviados para Lisboa. Nem todos os capitães dessas naus sinistras foram verdugos, mas um pelo menos houve cujos maus tratos causaram a morte, em pleno oceano, de alguns dos míseros prisioneiros e, se maiores atrocidades não cometeu, foi porque a própria marinhagem ameaçou revoltar-se ante a selvageria que empregava.

Com a expulsão dos jesuítas ficava interrompida a sua missão no Brasil. Interrompida, sim; porém não perdida. A obra imensa e maravilhosa daquela falange de santos e civilizadores permanecia e avultava. Nações selvagens pacificadas e convertidas, povoações fundadas e prósperas, escolas, colégios e academias por eles criadas e transitoriamente, na sua ausência, dirigidas por outras ordens religiosas; as línguas indígenas conhecidas, divulgadas e disciplinadas

em gramáticas; o catecismo e diversas doutrinas cristãs traduzidas para elas, facilitando assim a tarefa dos futuros catequisadores — foram alguns dos frutos principais da sua presença no Brasil.

E essa obra, longe de esmorecer ou apagar-se, cresce e valoriza-se com o tempo. Os brasileiros de hoje, como cidadãos, como historiadores, como cientistas, podemos aprender com êsses pioneiros infáveis da palavra de Jesús, a amar, a defender e a conhecer o Brasil. A sua vida de catequese nos reconcilia com a bruteza dos colonizadores; os seus atos de heroísmo nos orgulham, quando defendiam o Rio de Janeiro contra os franceses e os índios, a Baía contra os holandeses, e todo o Brasil contra as fôrças selvagens que o ameaçavam na sua integridade e no seu progresso; os seus passos, marcados com sangue na selva e no sertão, fizeram nascer ali as primeiras povoações, unindo num abraço imenso duas épocas e dois mundos, duas raças e duas civilizações; os seus relatórios, as suas cartas, as suas crônicas são o mais completo arquivo de que dispõem hoje os estudiosos para conhecer a terra, na sua geologia, na sua flora e na sua fauna, e para conhecer os costumes dos caracteres, a organização social e política dos ameríndios.

Podemos aproveitar ainda hoje os frutos dessas vidas dedicadas ao bem e á ciência, mas, o que não podemos, homens de agora, é avaliar os seus sacrifícios. Não eram somente os perigos físicos, de que Anchieta nos deixou uma descrição exata; eram os perigos morais que os martírios e as tentações padecidas na solidão armou o espírito do homem. Por que, afinal, aqueles gigantes eram homens, semelhantes a nós nas fraquezas e nas contingências da condição humana, e só dissemelhantes de nós na energia inecercível com que lutavam contra elas. Isolados longos meses entre os índios de costumes sexuais inteiramente livres, de uma ferocidade, astúcia e doblez às vezes inacreditáveis, tentados, feridos, doentes, martirizados, nenhum dêles cedem jamais; no entanto, é possível imaginar os dramas interiores dessas criaturas excelsas, as lutas que travaram e venceram, sem outro escudo que a fé, muitas vezes sem o conselho e assistência de nenhum superior, longe do mundo, num mundo estranho, perverso e infernal.

Nenhum cedeu, e nem todos, entretanto, eram da estatura moral de Anchieta. Êste é um pico vertiginoso e singular no sistema ciclópico dos evangelizadores, coberto pela pureza da neve para os vícios do mundo, aureolado de radiosas auroras para a vida do espírito, abrigando no íntimo do ser labaredas inextinguíveis de amor, de caridade e de abnegação. Êste foi só, inatingível, inimitável, imensamente longe dos homens pela perfeição, bem perto dêles pelo amor. Santo Anchieta, chamaram-lhe os contemporâneos; *pobre e inútil José* assinava êle nas missivas. Santo da inteligência, gênio do coração, escrevia poemas suaves à Virgem nas areias da

praia e as ondas do oceano, ansiosas e frementes, suspendiam no arremêço, detinham-se no ar, para que êle pudessa decorar seis mil versos antes que elas os apagassem num soluço de espumas ante o sacrilégio que iam cometer; abraçava ternamente o selvagem que ia já esmigalhar-lhe a cabeça com o tacape ou trespassar-lhe o coração com a flecha, e à sua voz tranquila e sonora as tabas emudeciam os cantos guerreiros e vinham chorar de alegria ajoelhados aos seus pés depois da doce prédica que êle lhes fazia na própria língua dos filhos de Tupã. Esse foi só, "cavaleiro de mística aventura, herói cristão", passava ao lado das onças sem se apressar, as cascavéis e as sucurís afastavam-se para não perturbá-lo, os pássaros calavam o seu canto quando ajoelhava para rezar, e nos largos rios, nos dias de calor causticante, as garças e colhereiros vinham fazer sôbre a sua igara um docel branco e rosa para protegê-lo do sol. Bem disse dêle o grande poeta:

*Semeador de esperanças e quimeras
Bandeirante de entradas mais suaves,
Nos espinhos a carne dilaceras:
E, porque as almas e os sertões desbraves,
Cantas: Orfeu humanizando as feras,
São Francisco de Assis pregando às aves..."*

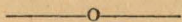
Mas, sendo tão grande, Anchieta é um símbolo, é o símbolo daquela força organizada para defender e propagar a doutrina de Cristo, para servir a Deus no mundo. A sua vida prodigiosa é um versículo do evangelho da vontade ideado pelo santo de Loyola para atingir à perfeição. Sendo tão só e singular na sua grandeza, Anchieta é um naquela estirpe de heróis e de santos que evangelizaram a América. Nele, tão grande e tão puro, tão singular e tão bom, veneramos a todos os seus irmãos por quanto amaram e serviram o Brasil.

Notas para a história das ferrovias Sul-Riograndenses

Eng. Attila do Amaral

A Estrada de Ferro Pôrto Alegre-Novo Hamburgo

Coube ao Governo Provincial, então sob a Presidência do Dr. João Sertório, contratar, em 30 de julho de 1869, com John Mac Genity e Julio Villain, a construção da primeira estrada de ferro no Rio Grande do Sul — a Pôrto Alegre — Novo Hamburgo — 43,426 quilômetros de bitola de 1,067 m — cujos trabalhos foram iniciados em 26 de novembro de 1871. A inauguração do primeiro trecho — Pôrto Alegre — São Leopoldo — 33,756 quilômetros — teve lugar a 14 de abril de 1874 e a do segundo — São Leopoldo-Novo Hamburgo — 9,670 quilômetros — em 1.º de janeiro de 1876.



Pôrto Alegre-Uruguaiana e seus ramais

A data de 20 de dezembro de 1873 assinalou a assinatura do contrato entre o Governo Imperial e Cristiano B. Otoni, Herculano Ferreira Pena e Caetano F. de Almeida, para a exploração e estudos da Estrada de Ferro Pôrto Alegre-Uruguaiana, autorizada pelo decreto 2397, que D. Pedro II sancionou em 10 de setembro do mesmo ano.

Margem do Taquarí foi o local escolhido para o início da construção, em 23 de dezembro de 1877, a cargo de vários empreiteiros.

A 7 de março de 1883, inaugurou-se o trecho Margem do Taquarí-Cachoeira, a 13 de outubro de 1884, o de Cachoeira-Santa Maria e a 23 de dezembro de 1890, o de Santa Maria-Cacequí.

Diversas causas, entre as quais a revolução de 93, interromperam os trabalhos de construção, afinal, suspensos em 1896.

Cogitou o Governo Federal, nessa época, de arrendar a estrada, mediante concorrência, que se realizou em 1897. Venceu Afonso Spee, organizador da Companhia "Auxiliaire" que assumiu a exploração da Estrada em junho de 1898.

Obrigações contratuais da “Auxiliaire” e providências ulteriores resultaram na conclusão do trecho Cacequí-Alegrete, em 22 de novembro de 1907; de Alegrete-Uruguaiana, em 24 de dezembro do mesmo ano, de Montenegro-Rio dos Sinos, em 2 de julho de 1909, e de Montenegro-Santo Amaro, em 10 de maio de 1910.

Só, então, isto é, 37 anos depois da assinatura do contrato, ficou terminada a Estrada de Ferro Pôrto Alegre-Uruguaiana que se ligou com a Estrada de Ferro Pôrto Alegre-Novo Hamburgo em Rio dos Sinos e veio a formar, mais tarde, uma das linhas-tronco da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, com a extensão de 764,970 quilômetros.

A ela vieram incidir, mais tarde, o ramal Ramiz Galvão-Santa Cruz, com 31,099 quilômetros, mandado construir pelo Estado e inaugurado em 15 de novembro de 1905; o ramal Montenegro-Caxias, com 216,470 quilômetros, cujos trabalhos foram iniciados pelo Estado em 1904 e concluídos pela Companhia “Auxiliaire” que inaugurou o trecho até Maratá, em 2 de julho de 1909, até Barão em 1.º de dezembro desse ano, até Carlos Barbosa em 27 de dezembro do mesmo ano e até Caxias, em 31 de maio de 1910; a linha Novo Hamburgo-Canella, prolongamento de Pôrto Alegre-Novo Hamburgo, formado pelos trechos de Novo Hamburgo-Taquara inaugurado em 17 de agosto de 1903 e de Taquara a Canella pôsto em tráfego em 14 de agosto de 1924; as linhas-tronco Santa Maria-Marcelino Ramos e Cacequí-Rio Grande, das quais trataremos adiante; o ramal Entroncamento-Santana do Livramento, com 158,564 quilômetros, construído pela Companhia “Auxiliaire” de acôrdo com o contrato de arrendamento renovado em 1905, cuja inauguração teve lugar em 15 de novembro de 1909 até Rosário e em 30 de outubro de 1910 até Livramento; o ramal de Dilermando de Aguiar a São Borja, com a extensão de 304.800 quilômetros, empreendimento autorizado no Govêrno do Marechal Hermes da Fonseca, realizado pela firma João Corrêa & Irmão até Jaguarí (inaugurado em 13 de maio de 1919) e pelo 1.º Batalhão Ferroviário, de Jaguarí a São Borja (inaugurado em 1.º de janeiro de 1938); e o ramal de Alegrete a Quaraí, também autorizado no Govêrno do Marechal Hermes, empreitado pelos Engenheiros Florisbello Leivas, André Rebouças e João B. Garcez até Severino Ribeiro, em 27 de fevereiro de 1911, construído pela Empresa Construtora do Rio Grande do Sul até Severino Ribeiro (inaugurado em 10 de agosto de 1924, pela Brigada Militar do Estado) sob orientação técnica da 5.ª Divisão da Viação Férrea, até Mancarrão, e pela Viação Férrea até Quaraí.

Com a extensão total de 112,385 quilômetros o ramal Alegrete-Quaraí foi, finalmente, inaugurado em 25 de novembro de 1939.

Cacequí-Rio Grande e seus ramais

O decreto 2397, de 10 de setembro de 1873, originou também a linha férrea troncal Rio Grande-Cacequí, projetada primeiramente, de Rio Grande a Candiota, depois de Rio Grande a Alegrete e finalmente de Rio Grande até encontrar a linha Porto Alegre-Uruguaiana, em Cacequí.

O primeiro concessionário Higino Correia Durão que havia assinado o contrato para exploração e estudos, em 15 de abril de 1874, não logrou levar a bom termo os seus trabalhos.

Só em 1878, Miguel G. da Cunha e James G. Taylor conseguiram nova concessão, transferida por decreto 7934, de 11 de dezembro de 1880 à "Compagnie Imperiale du Chemin de Fer du Rio Grande do Sul" que se fundiu com a "Southern Brazilian Rio Grande do Sul Co.", em 1883.

Finalmente, em 2 de dezembro de 1884, com a presença do Conselheiro José Júlio de A. Barros, Barão de Sobral, então Presidente da Província, foi inaugurado o tráfego entre Rio Grande e Bagé.

A ligação dessa linha com a de Porto Alegre-Uruguaiana, foi, porém, retardada e só se concretizou em 1900, pois, em 24 de agosto de 1896, inaugurou-se o trecho Cacequí a São Gabriel, em 3 de dezembro do mesmo ano o de Bagé-São Sebastião e em 8 de outubro de 1900 o de São Sebastião-São Gabriel.

Medindo 490,037 quilômetros e ligando a zona fronteira com o porto marítimo do Estado, a linha tronco Cacequí-Rio Grande, originou, também, a construção de vários ramais que são os seguintes:

1.º) *São Sebastião-Santana do Livramento* com a extensão de 55 quilômetros, contratado pelos mesmos engenheiros do ramal de Quaraí, em 1911, construído parte por eles e parte pela Companhia Construtora do Rio Grande do Sul e inaugurado até D. Pedrito, em 17 de fevereiro de 1923.

O contrato para a construção do trecho restante — D. Pedrito-Livramento, foi rescindido em 1924, incumbindo-se de concluí-lo o 1.º Batalhão Ferroviário que iniciou os respectivos trabalhos em 1939 e ainda prosseguem.

2.º) *Bazílio-Jaguarão* com a extensão de 113,600 quilômetros. Em 1890, o General Falcão da Frota, então à testa do Governo da Província, concedeu privilégio a Augusto César Leivas e ao Eng.º José Barbosa Gonçalves para a construção, uso e gozo dessa estrada.

Malogrando a tentativa, o Governo Federal mandou abrir concorrência para construí-la, em 1910.

Foram, também, contratantes, os Engenheiros Leivas, Rebouças e Garcez, que transferiram os seus direitos à Empresa Construtora, em 1912.

Esta concluiu o trecho Bazílio-Airosa Galvão, inaugurado em 5 de janeiro de 1925, cabendo ao 1.º Batalhão Ferroviário terminá-lo até Jaguarão, em 12 de dezembro de 1931, quando foi aberto ao tráfego.

3.º) *Pelotas-Fluvial* com 2,989 quilômetros, construído em 1902, pela Municipalidade com o auxílio do Governo Federal e doado à União ao ser incorporado a "Southern Brazilian".

4.º) *Junção-Vila Siqueira* medindo 17,281 quilômetros, construído em 1887 por Antônio C. da Siqueira e ligado à linha Rio Grande-Bagé, em 1894.

————— :: —————

Santa Maria-Marcelino Ramos e seus ramais

Ainda no regime da monarquia, seis dias antes da proclamação da República, 9 de novembro de 1889 — o grande engenheiro João Teixeira Soares, obteve concessão (decreto 10432) para a construção uso e gozo de uma ferrovia que partindo das margens do rio Itararé terminasse em Santa Maria da Bôca do Monte, incluindo os ramais de Guarapuava, Piquirí e foz do Iguassú, no Paraná e o de Cruz Alta, pelo Ijuí Grande, até às margens do Rio Uruguai.

A concessão dependia de aprovação do poder legislativo mas, proclamada a República, o Marechal Deodoro declarou-a efetiva, por decreto 305 de 7 de abril de 1890, data em que foi também lavrado o respectivo contrato.

A construção dessa importante linha inter-estadual, encontrou de parte dos Governos inteiro apôio e se processou rapidamente graças à atuação e espírito realizador de Teixeira Soares.

Sucessivas alterações do contrato e transferências de obrigações confiaram a construção do trecho Santa Maria-Cruz Alta à "Sud Ouest Bresiliens" e o trecho Cruz Alta-Itararé à "Companhia União Industrial dos Estados do Brasil".

Os estudos definitivos apresentados pelas duas companhias para os trechos Santa Maria-Cruz Alta e Cruz Alta-Rio Uruguai, foram aprovados, respectivamente, em 14 de novembro de 1891 e 20 de outubro de 1892, iniciando-se os trabalhos em 4 de janeiro de 1893.

O ano seguinte — 20 de novembro — marcou a abertura do tráfego da linha Santa Maria-Cruz Alta, sétimo por ordem de data, inaugurado no Rio Grande do Sul.

A 7 de março de 1895, a construção do trecho Cruz Alta-Rio Uruguai e do ramal de Ijuí, que fôra transferida pela União In-

dustrial à Companhia São Paulo-Rio Grande, ficou, também, a cargo da “Sud Ouest Bresiliens”.

Os trabalhos prosseguiram normalmente inaugurando-se o tráfego do trecho Cruz Alta-Pinheiro Marcado, em 31 de maio de 1897, o de Pinheiro Marcado-Carazinho, em 15 de novembro do mesmo ano e o de Carazinho-Passo Fundo, em 31 de janeiro de 1898.

Concluída a linha Santa Maria-Passo Fundo, o Governo Federal resolveu logo depois encampá-la, o que se verificou em 1902, após o acôrdo celebrado em Bruxelas.

Na mesma ocasião, o Governo mandou abrir concorrência para o seu arrendamento, que foi anulada, por inaceitáveis as propostas apresentadas. O engenheiro Jorge Benedito Ottoni que fôra encarregado de receber a estrada, assumiu, então, a sua direção até o seu arrendamento definitivo ocorrido, afinal, em 1905.

Coube à Companhia “Auxiliaire”, arrendatária da rêde e na forma do contrato construir o trecho Passo Fundo-Rio Uruguai concluído em 3 de maio de 1910 até Capoerê, em 30 de agôsto até Baliza e em 25 de outubro do mesmo ano até Marcelino Ramos.

A incumbência de construir o ramal de Ijuí foi dada ao 2.º Batalhão de Engenheiros, pôsto à disposição do Ministério da Viação, em 1907.

Três anos depois, foram aprovados os estudos e orçamentos da linha Cruz Alta-Santo Ângelo, com a extensão de 109,070 quilômetros, inaugurando-se o trecho até Ijuí, em 23 de março de 1911, até Rio Branco, em 24 de abril de 1915 e até Santo Ângelo, em 16 de outubro de 1921.

Ordenado, posteriormente, o prolongamento dêsse ramal até Pôrto Lucena, no Rio Uruguai, foi a sua construção confiada ao 1.º Batalhão Ferroviário que a concluiu, até Giruá, em 1.º de novembro de 1928.

Tempos depois, o Governo do Estado contratou com a firma Dahne, Conceição & Cia., a conclusão do trecho Giruá-Santa Rosa, inaugurado em 10 de julho de 1937 até Cruzeiro e em 12 de maio de 1940 até Santa Rosa.

A linha Santa Maria-Marcelino Ramos com a extensão de.... 531,263 quilômetros foi, pois, posta em tráfego 20 anos após a assinatura do primitivo contrato e a de Cruz Alta-Santa Rosa, com 180,996 quilômetros, 50 anos depois do mesmo ato.

— :: —

Arrendamento, Unificação e Encampação das Linhas Férreas do Rio Grande

Ao arrendamento da Estrada de Ferro Pôrto Alegre-Uruguaiana e das linhas de Cacequí-São Gabriel e Bagé-São Sebastião à “Auxi-

liaire”, em 3 de maio de 1898 (Decreto 2884, de 25 de abril de 1898), seguiu-se, ao seu término, em 1905, a renovação do contrato com a mesma empresa e a unificação da rede ferroviária do Rio Grande do Sul, sob a inspiração de Lauro Müller, então Ministro da Viação do operoso Governo do Conselheiro Rodrigues Alves.

O novo contrato, assinado em 19 de junho de 1905, impôs à “Auxiliaire” as seguintes obrigações:

Arrendar as linhas de:

Margem do Taquarí-Cacequí
Cacequí-Bagé
Rio Grande-Bagé com os ramais da Costa do Mar e Pelotas Fluvial
Santa Maria-Passo Fundo
Pôrto Alegre-Novo Hamburgo
Novo Hamburgo-Taquara.

Construir ou concluir as linhas de:

Cacequí-Uruguaiana
Entroncamento-Santana
Margem do Taquarí-Rio dos Sinos
Ramiz Galvão (Couto)-Santa Cruz
Montenegro-Caxias.

Pelas cláusulas contratuais o arrendamento duraria 53 anos e a construção das novas linhas como a conclusão das já iniciadas, deveriam estar terminadas em 1.º de dezembro de 1907.

O início da execução do contrato deu-se em 1.º de julho de 1905, quando o Eng.º Frederico Nonnenberg, um dos diretores da “Auxiliaire”, assumiu a direção da rede arrendada e começou a recepção das linhas que não figuravam no contrato anterior.

Concluído o processo de recebimento, em 15 de abril de 1907, a companhia mandou proceder aos estudos para as obras a executar ou a concluir, orçados em 50.741:274\$421.

Tendo à frente, dentre outros, a figura respeitável e justamente apreciada do eng.º Gustavo Vauthier, a administração belga explorou os serviços da rede até 1911, quando os americanos passaram a dirigí-la.

Nessa situação, isto é, sob a orientação da “Brasil Railway”, os transportes ferroviários do Rio Grande mantiveram-se até 1919, época em que os belgas reassumiram a sua direção.

Quando isso aconteceu a rede se encontrava em situação precária, originando reclamações de toda ordem.

Para conjurá-la, a “Auxiliaire” conseguiu por duas vezes um aumento de tarifas, mas os protestos se avolumaram em proporções equivalentes à desorganização dos serviços.

Foi, então, que o Governo do Estado, sob a presidência do Dr. Borges de Medeiros, encarando o problema de frente, propôs ao Governo Federal a encampação ou o sub-arrendamento da estrada.

De logo atendido pelo Presidente Epitácio Pessoa, promoveu-se a seguir um acôrdo com a Companhia, que tinha por fim encampar as linhas de sua propriedade e arrendar tôda rêde ao Estado.

Firmou-se, em 29 de março de 1920, o acôrdo provisório entabulado pelo Governo Estadual, contendo entre outras disposições, a encampação das linhas da “Auxiliaire” por 200 milhões de francos belgas e a consequente transferência do arrendamento para o Estado.

Finalmente, depois de ultimadas tôdas as providências, a rêde ferroviária foi entregue à administração rio-grandense, em 29 de julho de 1920, quando então contava com o desenvolvimento de 2.328,205 quilômetros de linha em tráfego.

—::—

A incorporação da Estrada de Ferro Carlos Barbosa-Alfredo Chaves e da “Brasil Grèat Southern”.

Em 1915, o Governo Estadual resolveu construir a linha Carlos Barbosa - Alfredo Chaves cujos estudos e orçamentos haviam sido feitos, anteriormente, pela “Auxiliaire”.

Em 7 de setembro de 1918, inaugurou-se o trecho até Garibaldi e, em 10 de agosto de 1919, até Bento Gonçalves.

Na mesma época, o Governo Estadual contratou com a firma Octacilio Pereira & Cia. o prolongamento até Alfredo Chaves, cujos serviços foram paralisados em 1923.

Só em 1934 as obras tiveram prosseguimento, mediante contrato com a firma Heitor Mazzini, e ainda não foram terminadas.

—::—

A “Brasil Great Southern” compreendendo a linha Barra de Quaraí a Itaqui, construída por essa companhia inglesa (1877-1888) e a de Itaqui-São Borja de propriedade da União (1908-1913), com a extensão total de 291,754 quilômetros, teve uma existência cheia de dificuldades que culminou com a paralisação do tráfego, em 1924.

O Governo da República decidiu, então, encampá-la e incorporá-la à Viação Férrea, fato registado em 1.º de agosto de 1933.

—::—

Em consequência dessas incorporações, da retificação técnica de vários trechos da linha de Santa Maria a Cruz Alta e de Santa Maria a Porto Alegre; da construção da Variante do Barreto (60,294 quilômetros), inaugurada em 14 de abril de 1938; da extinção do ramal do Paredão (3,292 quilômetros) em 1938; e correções de outros pequenos trechos, contava a Viação Férrea, em 1939, com.... 3.369,093 quilômetros de linha em tráfego, intercomunicando várias regiões do Rio Grande.

Estão, atualmente, em construção, além do trecho Bento Gonçalves-Veríssimo de Matos, a cargo do Estado, os ramais Santiago-S. Luiz e D. Pedrito-Santana e a linha Pelotas-Santa Maria, por conta do Governo Federal e execução do 1.º Batalhão Ferroviário, sob o comando do General Deniz Desiderato Horta Barbosa.

Concluídas essas linhas, a rede ferroviária rio-grandense tornar-se-á a mais extensa do sistema nacional, posição agora ocupada pela Rede Mineira de Viação.

Expandi-se, assim, ano por ano, a sua eficiência econômica e a sua função de ordem social, política e militar, intimamente ligadas ao progresso de um dos mais importantes Estados da Federação.

“Plano” das marchas e acampamentos das tropas espanholas no Rio Grande

Ricardo R. Caillet-Bois

A história das questões hispano-lusitanas no Rio da Prata deparar-nos-á mais de uma novidade. Assim o faz prever a riqueza documental que encerram nossos arquivos, riqueza da qual é uma demonstração convincente o volume editado pelo nosso “Archivo General de la Nación”, com o título de “CAMPANHA DO BRASIL.”

Se a história das campanhas militares nas fronteiras do Rio Grande e de Santa Catarina, está ainda por escrever-se, ⁽¹⁾ outro tanto pode dizer-se da análise cartográfica referente a ditas operações.

Acrescenta-se agora esta modestíssima contribuição, cujo achado é obra que por inteiro pertence ao diligente comissionado do Instituto na Europa, senhor José Torre Revello, à rica e insubstituível coleção de planos dados a conhecer por Pedro Torres Lanzas, José Revello e Félix F. Outes.

Corria o ano de 1773. Os portugueses, em uma das suas contínuas investidas, ocuparam a serra dos Tapes, desbordando-se até as margens do Jaguarí. A operação não passou desaperccebida pelo governador João José de Vértiz, ⁽²⁾ e lhe deu motivo para escarmentar os invasores. Organizou assim uma força composta de 1014 homens, ⁽³⁾ e a 7 de novembro ⁽⁴⁾ deu começo à campanha, rompendo suas marchas da praça de Montevideú. Com o fito de assegurar a fronteira e dar-lhe um ponto de apôio sólido, ordenou ao engenheiro Lecocq ⁽⁵⁾ a fortificação de Santa Tecla. Por sua parte, Vértiz avançou até o Piquirí, “cortando as pontas do Camaquã e Irapuá”, em cujas margens se achava entrincheirada uma força portuguesa.

“Para resistir o ataque espanhol, o governador do Rio Grande dispunha somente de 714 homens, dos quais 263 atendiam as necessidades da fronteira atacada.

“Tomou D. João José Vértiz — escreve a este respeito o marquês de Grimaldi — suas medidas à vista das provas de resistência que advertiu, e de imediato dispôs passar, antes, os requerimentos correspondentes, por escrito, ao oficial que ali fazia as vezes de comandante, e aos demais que ocupavam as guardas e postos fortificados em domínios da Espanha, como também aos governadores de Viamão e Rio Pardo, para que desocupassem e fizessem desocupar os territórios em que indevidamente se haviam introduzido os portugueses, cientificando-os que se veria precisado de usar da força para recuperar as terras e sustentar os direitos do Rei, replicando aquela proposição.

54. Entregou-se este ofício... ao citado comandante do Passo do Rio Piquirí, quem só acusou seu recebimento, sem dar o menor sinal de retirar-se, e tendo Vértiz feito rufar os tambores de sua tropa à alerta, com intento de instar segunda vez aquele oficial para que, sem o deter por mais tempo em seu trânsito, desocupasse o território espanhol, não obteve outra resposta que uma descarga cerrada de fuzilaria: procedimento tão bárbaro, irregular e alheio ao estilo estabelecido ainda mesmo em guerra aberta, que obrigou a Vértiz a acometer o Piquirí, que no ato abandonaram os portugueses com precipitada fuga. Sucessivamente foi Vértiz afugentando a tropa que encontrou em ademanes de guerra, tanto na guarda chamada Tomatingaí (sic), que haviam estabelecido em domínios del Rei, anos depois do tratado de París, como em outras mais posteriores, tais as que denominam da Encruzilhada, do Cérro Partido, do Arroio das Palmas e Ouro...” (6).

Forçado o Passo do Piquirí (janeiro 5 de 1774), tornou a encontrar os contingentes inimigos em Ibatingaí (Tabatinguai?) e por segunda vez o êxito coroou as armas espanholas. No mesmo mês de janeiro, o português Rafael Pinto Bandeira conseguiu surpreender nas cercanias de Santa Bárbara uma partida de milícias de Corrientes, causando-lhes sensíveis perdas entre mortos e feridos. (7)

Aos 14 de janeiro de 1774 Francisco Bruno de Zabala, que mandava uma das colunas da expedição, foi bruscamente atacado, em Tabatingaí, pelas forças de Rafael Pinto Bandeira, e depois de

ver dispersada a parte dos seus 440 soldados, viu-se obrigado a bater em retirada.

A expedição deteve suas marchas em o Campo do Capitão Pereira, “a duas léguas distantes de Rio Pardo, onde chegou a 13”, em cuja data, ignorando a derrota sofrida por Zabala, tornou a endereçar aos portugueses uma enérgica intimação. Porém, pouco depois, ao conhecer o desastre de Tabatingá, manifestava estar satisfeito porque a sua finalidade tinha sido a de destruir as guardas portuguesas ao sul do Jacubí. Em 16, Vértiz retrocedeu dirigindo-se para a Vila do Rio Grande de São Pedro. Os guerrilheiros portugueses hostilizaram a sua retaguarda até Camaquã, lugar onde cessaram as hostilidades. No entanto o Governador lusitano ao ver desvanecido o perigo, não tardou em restabelecer as guardas do Piquirí e Tabatingá.

O “Plano” cuja reprodução incluímos, assinala com tóda clareza a direção seguida pelas forças expedicionárias espanholas, assim como também os diversos acampamentos que fizeram no transcurso de suas marchas. E’ muito provável que a documentação relativa a êsse momento histórico, permitirá elucidar quem é o autor dêsse trabalho cartográfico — (Miguel Rodriguez?). Anotamos, como contribuição final, que a cartografia militar das campanhas coloniais recebe, com o presente “Plano”, um elemento nada desprezável para a análise crítica das operações que se realizaram então contra os lusitanos.

ANOTAÇÕES:

1) José Torre Revello, “Juan José de Vértiz y Salcedo governador y virrey de Buenos Aires, Ensayo basado en documentos inéditos del “Archivo general de Indias”, em FACULDADE DE FILOSOFIA E LETRAS, publicações do INSTITUTO DE INVESTIGAÇÕES HISTÓRICAS, numero LX, Buenos Aires, 1932.

2) Veja-se: “Resposta do Marquês de Grimaldi sôbre a questão de limites na Banda Oriental do Rio da Prata e notícias sôbre os dois sítios da Colônia do Sacramento em 1762 e 1777, escritas por testemunhas oculares e publicadas pela primeira vez, Montevidéu, 1849 (Mariano B. Berro) Anais da República Oriental do Uruguai vol. I, De 1492 a 1816, Notas para escrever a história civil e colonial, p. 63 (Montevidéu?), 1895; Francisco Bauzá, Historia da Dominação espanhola em Uruguai, t. II, segunda edição, pp. 222 e 223, Montevidéu, 1895.

3) “Resposta do Marquês de Grimaldi” etc., cit., p. 39; Horácio Arredondo (filho) “O Forte de Santa Teresa, in “Revista do Instituto histórico e geográfico do Uruguai”, t. II, n.º 1, p. 196, Montevidéu, 1921.

4) Horácio Arredondo (Filho), O Brigadeiro de Engenheiros Dom Bernardo Lecocq, in “Revista do Instituto” etc., cit., t. IV, n.º 1, p. 199, Montevidéu, 1925.

5) "Resposta do Marquês de Grimaldi etc., cit." pp. 38 e 39 Cfr. o excelente estudo do Cel. Jonathas da Costa Monteiro, "Dominação espanhola no Rio G. do Sul, 1763-1777", p. 179 e seguintes, Rio de Janeiro, 1935, na qual refere minuciosa informação relativa a esta campanha.

6) MARIANO B. RERRO "Anais da Republica Oriental do Uruguai" etc., p. 63; DÂMASO LARRAÑAGA e José R. Guerra, "Apontamentos históricos sobre o descobrimento e povoamento da Banda Oriental do Rio da Prata e as cidades de Montevideu, Maldonado, Colônia, etc., in "Revis-ta histórica", t. VI, pp. 624 e 625, Montevideu, 1913.

7) Jônatas da Costa Rêgo Monteiro, "Dominação espanhola, etc," cit. pp. 192 a 198.

Tricentenário da Batalha do Mbororé

11 a 16 de março de 1641

Duvidamos haja nestas terras brasílicas uma dúzia de historiadores que conheçam mais de perto a suprema importância da encarniçada luta, que durou vários dias, travada entre os bandeirantes e os guaranís nas águas do alto rio Uruguai, mais ou menos na altura das fozes do Comandá e Ijuí, na semana santa de 1641.

Não será, pois, demais recordá-la em breves traços nas páginas desta REVISTA, segundo os documentos mais primos, tanto da parte paulista, um pouco escassos, como do lado dos jesuítas que deixaram relatórios pormenorizados acerca dessa memorável ação militar.

Em nosso ensaio sobre as "INVASÕES BANDEIRANTES no Rio-Grande-do-Sul, 1635-1641, Porto-Alegre, Ginásio Anchieta, em 1940", — estampamos um resumo de toda a obra dos mamelucos de São Paulo nas suas correrias depredatórias ao Rio-Grande: o estado florescente das 18 Reduções jesuíticas entre os guaranís e tapes, as causas que induziram os paulistas de 1636 a empreenderem expedições armadas às Reduções rio-grandenses, a superioridade de equipamento piratiningano contra a arma indígena, a obra arrasadora da gente de São Paulo, o número aproximado de baixas, cativos, fugitivos e emigrados, e, por fim, a reação dos guaranís, dirigidos e militarizados pelos missionários da Companhia de Jesús.

Até o ano de 1639 os paulistas haviam varrido mais ou menos da metade setentrional do Rio-Grande-do-Sul a quase totalidade dos índios, conduzindo presos para os mercados de São Paulo os que lhes haviam caído nas mãos. Ficara nesses anos sobejamente comprovado que era de todo ponto impossível conter o avanço bandeirante sem armas de fogo.

Nesse intuito, pois, embarcou para a Espanha, em 1637, o famoso missionário peruano Padre Antônio Ruíz de Montoya, que, após longos memoranduns e insistentes súplicas, obteve de Felipe IV a permissão limitada e provisória de entregar certo número de armas de fogo aos

guaranís, ficando, entretanto, responsaveis os Padres por qualquer abuso contra os espanhóis. Tão cegos estavam a corte de Madri e seus ministros sul-americanos que não quiseram compreender que os melhores defensores dos seus territórios eram justamente os ameríndios cristianizados, aos quais injusta e obstinadamente se negava o único e eficaz meio de defender seus haveres e suas vidas. Tanto é verdade isso que, se os guaranís não tivessem embargado o passo aos ousados paulistas em março de 1641, bem diverso seria hoje o mapa político desta parte do Atlântico.

Em 1639 os mamelucos haviam sofrido pesados revezes da parte dos guaranís na região entre a hodierna Santo Ângelo e o rio Uruguai. O orgulho piratiningano exigia terrível desforra por essas humilhações, como ainda era preciso desalojar de uma vez para sempre ao odiado espanhol das margens do Uruguai até ao rio Paraná.

O modo magistral como os guaranís, sob a direção dos religiosos da Companhia, apartaram esse perigoso golpe de vida ou morte, no-lo deixou consignado circunstanciadamente o Padre Cláudio Ruyer, jesuíta flamengo, superior regional das Reduções de ambas as margens do Uruguai, num longo relatório dirigido a seu provincial, Padre Lupércio Zurbano, sucessor do Padre Diogo de Boroa, documento que se encontra na Biblioteca Nacional do Rio, Coleção de Ângelis, sob o N.º I. 29. 1. 93., publicado por Capistrano de Abreu, em 1905, nas páginas 529 a 553 da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, Vol. X.

A leitura desse monumento histórico, escrito em espanhol, em fraseado descuidado e caligrafia deficiente, é indigesta. Oferecemos aos nossos leitores uma versão fidedigna, tanto quanto possível, marcando as passagens indecifráveis com um ponto de interrogação e explicando alguns nomes e fatos por meio de notas.

Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.

Relação da guerra e vitória dos aborígenas

Em 6 de abril do ano de 1641

Pax Christi, etc.

Muito antes de o Padre Diogo de Boroa, amoroso pai das Reduções ⁽¹⁾, nos avisasse da vinda certa dos Portugueses de São Paulo no intuito de destruir as Reduções, tive particular cuidado que em todas as fronteiras applicassem especial cuidado e vigilância, com a ordem de que jamais faltassem sentinelas e espías, e juntamente em todos os povos cuidassem de fazer sentinelas, alardos e exercícios militares. Com essa medida nossos filhos ⁽²⁾ se animaram notavelmente e já nem podiam mais esperar a hora de virem às mãos com o inimigo. Causava-lhes incômodo e aborrecimento tanta demora, vindo a fazer já o mesmo caso que soldados valorosos fazem de homens afeminados.

Entre tanta vontade de medir as forças, estando com notavel suspensão de ânimo, sem saber ao certo da chegada do inimigo às cabeceiras do Uruguai, tendo quase por certo que da sua numerosa infidelidade se desliseria alguma canoa de infiéis, fugindo dos Portugueses, atendendo às muitas ofertas que lhes havíamos feito e partidos aqueles havíamos saído se nos avisassem (?), assegurando-nos que o fariam, pois que todas as vezes que o inimigo dessa nação guaraní lhes infestou as suas terras o faziam, garantindo-nos disso, ainda mais pelo fato de haver tantos parentes seus tão próximos à Redução de Santa Maria. ⁽³⁾

Porém, uma vez que eles, por justos juizos de Deus, talvez em castigo da sua dureza não o fizeram nem os enfrentaram, mas até

(1) Aldeamentos de índios cristianizados.

(2) Sempre que Ruyter fala em "nossos filhos", refere-se aos índios "reduzidos" ou cristianizados pelos Padres jesuítas.

(3) Entre os rios Uruguai e Paraná.

admitiram as ofertas que continuamente lhes fizemos, entregando-se infamemente aos Portugueses, Nosso Santo Padre, compadecido destes pobrezinhos, filhos nossos, o fez com o aviso que o Padre Diogo de Boroa ⁽⁴⁾ nos enviou tão oportunamente e com tanto auxílio de material para a guerra e prêmios para os soldados, enviando o Irmão P.^o Sadorni, seu companheiro para que ele nos trouxesse o aviso com presteza e cuidado, cuidado que ele demonstrou vindo com brevidade e tão a tempo que ainda me foi possível mandar voltar os Padres que já iam à missão da serra e estavam já no ...iro. Se demorasse um pouco mais teria sido coisa difícil o detê-los e nos teriam feito grande falta tanto os Padres como os índios, por irem mais de mil índios com as suas armas de fogo, e para a missão de Santa-Teresa ⁽⁵⁾ estavam já para partir do Uruguai outros dois Padres com mais de duzentos índios e suas armas de fogo.

Com o aviso, pois, e ajuda de custas do Padre Diogo de Boroa creceu o cuidado e a diligência; e vendo que o golpe nos ameaçava pelo Uruguai, além dos espias que deviam prestar peculiar vigilância e animar os outros, destaquei o P. Diogo Suárez para que assistisse os índios que faziam a ordinária sentinela. Fê-lo com cuidado durante quinze dias que ali estive, nos quais nos deu aviso quase certo Nosso Senhor e da chegada a este rio dos Portugueses de São Paulo mandando em tempo extraordinário, qual é o dos meses de dezembro e janeiro, uma enchente deste rio Uruguai na qual desceram boiando mais de cem canoas e com elas muitas coisas da pobreza dos índios de acima, e algumas canoas já perfeitamente falquejadas para balsas e muita flecharia.

Com estes indícios quase evidentes, — pois que denunciavam claramente o deslizar dessas boas canoas repletas de haveres dos índios que eles tinham pressa e fugiam, como ainda as próprias balsas indicavam serem elas artefatos de gente mais ladina e habil que os índios infieis, — dando graças a Deus pelo aviso e a lembrança, com a aprovação dos Padres, no dia oito de janeiro fiz uma convocação de sómente dois mil índios dos povos, deixando o restante da força de prontidão e com a ordem de se juntar todos logo ao primeiro aviso certo.

(4) Fora Provincial do Paraguai, pouco tempo antes.

(5) S. Teresa, a primitiva, ficava na serra rio-grandense, perto das nascentes do Igaí (Jacuí), nas proximidades da cidade de Passo Fundo. Devido a seu ponto isolado foi transferida em 1633 mais para o Oeste, possivelmente para as pontas do Uruguai-mirim (rio Passo Fundo). Foi destruída poucos anos depois pelos bandeirantes. Por isso ignoramos a que "missão de S. Teresa" se refere Ruyr. Talvez fosse constituída de refugiados da S. Teresa rio-grandense, estabelecidos provisoriamente na margem direita do Uruguai, enquanto durasse o perigo bandeirante.

Abalei com eles ao Acaraguá ⁽⁶⁾ determinado a enfrentar ali o inimigo e de passagem destruir aquelas provisões de boca, a-fim-de-que o inimigo, se viesse, não se apoderasse delas e cobrasse nova coragem. Ali resolvi com o beneplácito dos Padres enviar gente para indagar o que passava rio acima. Escolhi para essa missão os Padres Cristovão de Altamirano, Diogo Salazar, Antônio de Alarcón e o Irmão P.^o Sadorni, acompanhados de soldados, com a ordem de informar-se e tomar língua acerca do inimigo e dos seus intentos, e, se se oferecesse alguma boa oportunidade para ofender o inimigo, não a perdessem.

Foram os Padres, e logo pelo caminho já toparam alguns corpos mortos, dos quais alguns, a julgar pelo frescor, tinham indícios de haver sido mortos poucos dias antes, além disso encontraram grande quantidade de frechas, canoas que se cruzavam girando, e sobretudo encontraram mais de dez ou doze balsas feitas de umas canas da terra que os índios chamam taquaras, muito bem trabalhadas e acabadas. Desses indícios concluíram os Padres da proximidade do inimigo e vizinhança da nossa fronteira, e assim, chegados a um posto próximo ao Salto deste rio Uruguai ⁽⁷⁾, enviaram os Padres gente por terra e água para ver se apanhavam algum espia ou gente que os informasse sobre o que havia na região. Os que iam por terra tiveram ótima sorte, porque já com três horas, pouco mais ou menos da noite, voltaram com umas dezesseis almas que haviam vindo, abandonadas as suas canoas, fugindo por terra dos Portugueses, aos quais já haviam avistado rio acima e encontrando-se em ajuntamentos que os do rio acima haviam feito contra os Portugueses, e ao mesmo tempo avisaram aos Padres da sua determinação que era a de ir alguns ao Para..., outros por Santa-Teresa à Conceição e outros em canoas pelo Uruguai abaixo no intuito de divertir as forças de nossas Reduções.

Com esse aviso certo os Padres determinaram chegar-se ao salto e esperar ali os espías enviados, onde os aguardaram até quase as três horas da tarde do dia seguinte e ali avistaram grandíssima quantidade de canoas e balsas dos Portugueses que haviam deslizado. Passou a nossa gente duas léguas para cima do salto, onde acharam todos os povos e portos já desertos, sem gente nem canoas. Com isso se persuadiram os Padres que o Português havia voltado à sua terra ou feito o que se suspeitava e diziam os índios apanhados. Assim os Padres voltaram imediatamente com a sua gente para estarem apercebidos para qualquer evento e terem todas as forças reunidas.

(6) O Acaraguá é um pequeno rio, que alguns chamam Mbororé, mas parece que são dois rios diferentes acima da atual San Javier, frente à foz do Comandá e Ijuí.

(7) Salto do Uruguai, no município de Palmeira, 12 kms. abaixo da foz do Peperí-guaçu.

E com isso saíram do Acaraguá os dois mil índios que eu havia mandado juntar-se e pelo receio que havia de que o Português tomasse os campos e o caminho que sempre tinha seguido. Para maior cuidado, os Padres missionários, que nessa ocasião como nas outras, jamais se pouparam ao trabalho pelo amor de Deus e dos seus filhos, se encarregaram os Padres Paulo de Benavides, Pedro de Mola e Cristovão Portel, posto que em tempo de excessivos calores e com extraordinárias incomodidades à sombra de uma choupana, a fazer sentinela ininterrupta por aquela região, estando durante quinze dias, e vez houve que durante um mês, padecendo o que Deus sabe; e outro tanto passou no Paraná, no qual os Padres mostraram, como sóem, a força do divino amor e dos próximos que reina nos seus corações.

No Acaraguá, embora parece não ameaçava já tanto perigo, ordenei ao P. Cristovão de Altamirano, se encarregasse de que seus filhos acudissem a espiar e fazer contínuas sentinelas pelo rio acima, e assim deixei o Padre naquele posto, ainda que tivesse já a sua gente um dia de caminho mais para baixo, no Bororé, e segura, a-fim-de que, à sua sombra e com a sua presença, os índios tivessem em maior apreço a sentinela que faziam, na qual gastaram um mês e meio sem cessar, ocupação que o Padre e seus filhos tiveram faz quatro anos com grande diligência e cuidado.

Finalmente, aos 25 de fevereiro quis o Senhor avisar-nos da vinda certa dos Portugueses a nossas Reduções com haver apanhado no mencionado dia os do Acaraguá, que estavam de sentinela, a dois rapazes fugidos dos Portugueses, que, trazidos à presença do P. Altamirano, lhe disseram o que havia, e, mais firmes do que uma rocha, afirmaram ser certa a determinação e vinda dos Portugueses, que estavam muito ativos e afanosos em fabricar canoas e matalotagem para descer pelo rio para dar sobre as Reduções. Imediatamente despachou o Padre um destacamento que havia ido em balsas a seu povo antigo em busca de milho, a que acudiu a gente pressurosa e logo me deram parte de tudo, e o Padre duplicou os espias e colocou duzentos índios em vários pontos para saber ao certo o movimento dos inimigos.

Recebido o aviso voltei do Paraná, onde houve algum rumor de inimigos, e para onde eu havia ido para dispor algumas coisas. Chegado a este Uruguai dei ordem para tudo estar de prontidão, e assim mesmo encarreguei ao Padre Altamirano cuidasse daquela fronteira pois do seu cuidado dependia o bem das Reduções. Fê-lo assim como lho haviam encarregado, com o qual Nosso Senhor nos auxiliou, pois havendo o Padre mandado oito canoas rio acima, e, de acordo com a sua instrução, saído de manhã a fazer um reconhecimento do rio, ao nascer do Sol avistaram o inimigo. Viraram com presteza as proas, porque imediatamente o inimigo, embarcando nas canoas ligeiras que para esse fim já trazia prontas, com o desejo de apanhar os nossos espias dos quais já estavam informados pelos infiéis do rio acima e

dos postos em que se faziam, começou com seis canoas e esforçados remadores a dar-lhes caça e a segui-los cerca de meia légua puxada com toda a fúria e tal denodo que quase chegaram a igualar as proas e a dar vozes e fazer outras coisas no intuito de perturbar os nossos filhos e fazê-los desanimar a-fim-de poder tomar-lhes a dianteira e rendê-los, e fazê-los desanimar para ter, digo, e rendê-los e apanharmos re-repente, depois de apanhados os espias; porém, estando já as duas canoas de nossos filhos neste ponto e já quase como vencidas (pois o mais provavel é que com trabalho teriam escapado dos inimigos) saíram em seu auxílio de uma meia emboscada as outras seis canoas, e disparando um arcabuz e levantando uma vozearia, com toda a sua pingolleria (?), que o Padre, prevendo já semelhante lance, os havia feito levar, se deteve o inimigo e deixou livres nossos filhos, ficando envergonhados e muito burlados e frustrados os seus intentos, e nossos filhos lhes deram uma vaia desafiando-os, e avisaram o Padre da proximidade do inimigo, o qual, receiando alguma cilada, disparou toda a sua arcabuzaria, arvorou as suas bandeiras, tocou suas caixas e enveredou por uma vasta enseada que por ali há no rio em forma de guerra.

Nossos filhos, conhecendo os seus designios, foram-se colocando de ponta a ponta no rio, manobra com que foram trazendo os contrários até perto do Acaraguá. Nesse ínterim, o Padre, havendo-me dado parte de tudo o que tinham apurado esses índios, a-pesar-de um grande aguaceiro e com a água até meia perna numa canoa, por causa das ondas, veio até o Bororé que é para onde se mudou a Redução, a-fim-de dar ordem de retirar os não-combatentes, encarregando-se disso o P. Pedro de Mola, tornou o mesmo Padre à mesma hora ao Acaraguá, onde havia deixado determinado aos índios o que haviam de fazer e o que lhes importava para que o inimigo não os colhesse desprevenidos. Isso lhes deu vida, porque havendo-os antes ouvido de confissão a todos e exortado à defesa das suas terras com um Cristo nas mãos, animando-os a fazer ao menos alguma demonstração, fizeram mais do que o Padre pensava como logo direi.

Aquela noite, o inimigo, no intento de apanhar a gente desapercibida, e algumas índias que ele desejava muitíssimo, mau grado toda a chuvarada, rodearam o povo por três lados e se espalharam pelo rio com as suas canoas. Nossos filhos que não dormiam e se tinham colocado em outra parte, fizeram outro tanto vigiando e pondo-se na parte oposta do inimigo. Sucedeu, porém, que as sentinelas do rio se misturaram de tal jeito que uns espias se encontravam com os outros sem conhecer-se, pois perguntando os do inimigo aos nossos quem eram e como se chamavam se fingiram índios novos respondendo “ad ephesios” e dizendo: “Meu nome?” Perguntaram-lhes mais, quem vos enviou aquí, respondendo: “O Capitão-mor”. E com isso se retiraram os nossos depressa para não serem conhecidos.

Amanheceu e o inimigo acometeu o povoado achando-se ludibriado por não encontrar alma viva nele. Nisso os nossos filhos saíram em suas canoas para desafiar o inimigo, embora tão poucos que não passavam de duzentos e cinquenta das Reduções do Acaraguá e São Xavier em apenas trinta canoas, sendo que o inimigo tinha mais de cem, que aceitou a batalha tendo como certa a vitória; mas, ajudando Deus aos nossos, guiados por S. Francisco Xavier, nosso Padroeiro, o capitão Inácio Abiarú com quinze canoas acometeu a mais de cinquenta do Português, e, durando a peleja mais de duas horas, um mosqueteiro nosso disparou e, guiando a bala S. Francisco Xavier, deu num músculo a um Português e lho partiu, dando com ele na água, e outro, de outra canoa, acertou em outro Português num lado e o derrubou; um outro, com uma bala de mosquete disparada de perto, limpou uma canoa de inimigos.

Entrementes chegou o P. Altamirano animando de-novo os índios que, cobrando novos brios, deram sobre o adversário e o fizeram fugir infamemente mais de oito quadras e saltaram em terra não querendo combater mais, bem que os nossos o desafiassem e incitassem muitíssimo.

Nisso chegaram três bandeiras do inimigo, e vendo o Padre que a força que trazia era grande, retirou os índios contra a vontade deles, pois, conquanto fossem poucos, desejavam morrer "pro Patria et lege".

Trouxe-os a todos o Padre ao Bororé sem ter tido nenhum ferido nem desgraça que muito se temeu, pois choviam as balas como granizo e setas a montões sobre os nossos, porém sem causar dano algum, o que foi de muito proveito, porque com isso cobraram muito alento todos os nossos filhos. A consequência aí estava à vista: se poucos faziam fugir covardemente a tantos, quanto melhor não o faria todo o nosso exército junto e com tantas armas!

Naquele mesmo dia, sábado nove de março, enviou Nosso Senhor uma terrível chuvada e tormenta com que o inimigo se quedou aquele dia no Acaraguá e no domingo em que se reuniu a gente toda do Uruguai. Se Nosso Senhor não tivesse mandado tão a tempo o temporal, o adversário teria executado o que desejava, que era vir logo empós das canoas que os haviam enfrentado, e se teriam apoderado das provisões do Mbororé, com o qual muito trabalho nos teriam dado e fora muito difícil expulsá-lo da terra, cobrando brio e crescendo a sua soberba e orgulho que era grande e fiado nela já se prometia o bom êxito e a destruição de todas as nossas Reduções, tendo feito já partilha delas e da sua gente; porém, muito pouco depois se desengana-ram completamente vendo no Acaraguá, onde pensavam dar um terrível assalto, conforme o tinham determinado desde São Paulo, segundo o conta a gente que se separou deles, viram-se sem gente alguma, as casas desertas e afugentados por poucos índios. Contudo, levados daquele desejo tão conatural de prear índios, não descansaram em- preendendo várias correrias pelas chácaras e demais postos daquele

povoado, e voltando os Tupís (que são seus corredores maiores) sem presa alguma, os açoitavam e apaleavam, atribuindo a pouco cuidado e a demasiada frouxidão não terem trazido nem uma única alma sequer.

Com isso abateu-se-lhes o ânimo e disseram entre si e a seus vassallos que se cansavam em vão, e que melhor fora não terem vindo, pois haveriam de voltar feridos deixando a muitos mortos; e por fim, vazios e sem presa nenhuma trataram de-fato com toda a sinceridade de voltar segundo afirmam quantos se apartaram deles.

Cegos, porém, pela cubiça e querendo Nosso Senhor que muitos dentre eles pagassem por seus pecados, e querendo humilhá-los e trabalhá-los pesadamente, pelo que se sabe, não fomentou essa determinação permitindo que subitamente mudassem de idéia e descessem este Uruguai abaixo.

Em nosso arraial do Mbororé, enquanto o inimigo ficava perplexo no Acaraguá, trataram os Padres de verificar o que se havia de fazer. Em primeiro lugar se prontificaram a ouvir de confissão, dia e noite, os seus filhos, estando ocupados nisso sem cessar, não se poupando a trabalho nenhum, que o tiveram grande, pois a força já passava de três mil índios. Consolava ver a fé dos índios e as ansias com que desejavam encontrar os Padres a-fim-de confessar-se, embora todos já estivessem confessados, apreendendo vivamente o temor da morte em pecado. Nesse exercício gastaram os Padres o sábado e o domingo até segunda feira, mais ou menos as duas da tarde, jejuando tão rigorosamente que sua alimentação ao meio dia não passava de meia colação, por se verem obrigados a atender a tantas coisas e ajuda das almas e dos corpos dos seus filhos, pois disso dependia o bem e o aumento delas, atendendo com toda a diligência a-fim-de preparar a gente e as coisas para a luta, sendo que do bom êxito dela dependia a conservação de todas as Reduções.

Enquanto os Padres e seus filhos tratavam tão deveras de dispor-se para a guerra, o inimigo Português, vendo que não achavam rasto algum de gente, resolveram-se a descer o rio abaixo, porém com tão pouca união e tão medrosos que duas vezes voltaram ao posto do Acaraguá, de mais de meia légua de caminho, até que por fim decidiram-se a descer, mas com tamanho medo que apenas remavam, com grandes receios de alguma cilada.

Em nosso exército, advertindo a proximidade do inimigo, tudo ficou a postos conforme a ordem do P. Pedro de Mola que tinha as minhas vezes por eu me achar doente de terças em São Nicolau, distante três léguas do Bororé, enquanto não vinha o P. Pedro Romero que por ordem do P. Provincial anterior, Diogo de Boroa, havia de acudir para a guerra, o qual arribou no segundo dia e se encarregou dela.

Aprestou-se a armada do rio, na qual se acharam setenta canoas com cincoenta e sete arcabuzes, sendo nomeado comandante em chefe

do rio o capitão Dom Inácio Abiarú, que cumpriu o seu encargo magnificamente com aplauso dos Padres e dos índios, falando e adestrando os seus soldados sobre o modo que haviam de observar no combate com o inimigo que aguardavam aflitos. O da terra também se dispôs muito bem, incumbindo-se o Irmão Domingos de Torres da execução, a que ele acudiu com notavel ardor, grande ânimo e esforço, que patenteou em ocasiões e combates em que aparecia pessoalmente encorajando os índios e auxiliando-os com a sua indústria, sem reparar em trabalhos que padeceu muito grandes, e nos ajudou muitíssimo; e o Irmão P.^o Sadorni, da sua parte, também nos ajudou com todas as veras em tudo, cuidando também de medicar os feridos os quais assistiu com grandíssima aplicação e caridade até mais de três ou quatro horas da noite, edificando notavelmente os Padres, dos quais acudiam uns a confessar feridos, outros a fazê-los trazer da guerra e fazer-lhes fogo para que não se resfriassem, cedendo todos os seus cômodos, porque a choça onde todos viviam serviu de enfermaria e hospital, trazendo os próprios Padres o fogo, pedindo para poder banhar e cauterizar os feridos, enroupando-os com as suas próprias vestes e mantas (frezadas ?), fazendo tiras das suas camisas para faixas e outras coisas que necessitam os feridos.

Estando já iminente o perigo da batalha falou-se aos índios para que fizessem fervorosos atos de contrição e pedissem a Deus misericórdia; absolvendo-os aos grupos pelo tempo já não dar lugar para mais. Fizeram-no os nossos filhos com afeto e devoção que enternecia a seus Padres pedindo a Deus misericórdia e perdão dos seus pecados e defeitos. Absolvidos todos, na segunda feira, onze de março, lá pelas duas da tarde, chegou uma canoa nossa remando a bom remar com o aviso da vinda do inimigo; logo surgiu outra e ainda uma terceira, — que as tínhamos dispostas para que não nos colhessem de surpresa, — saltaram nossos filhos em suas canoas e se puseram em ordem de batalha, e, estando já tudo de prontidão, começou a despontar por um promontório do rio a armada inimiga, que vinha ostentando o seu poder e arrogância.

Logo que descobriram o casario do Bororé encostaram todos numa grande chácara que havia pela margem do rio, e, saltando em terra alguns reconheceram-na.

O comandante em chefe Dom Inácio saiu impaciente (antes que fosse tarde demais) para apresentar-lhes batalha, tirando apenas cinco canoas; e para obrigá-lo a sair logo antes de o inimigo ter descansado, começou a lançar-lhes em rosto os agravos que aos índios faziam destruindo-os e acabando-os, tirando-lhes as suas igrejas, cativando-os e privando-os da sua liberdade e da vida do corpo e da alma e exortando em altas vozes a gente que o Português trazia que saíssem e se recolhessem junto dos nossos. Vendo, porém, que a tudo isso não se mexia o adversário, mostrando até, ao que parecia,

um pouco de medo em aceitar a batalha, insistiu em que saísse já e não fosse covarde, dizendo-lhes que tivessem vergonha de que uns índios nós se expusessem a enfrentá-los, dizendo-lhes ainda outras palavras de vitupério e desprezo.

O restante da gente de nossos filhos que estavam nas canoas, ao verem a seu capitão em perigo e já impacientes com a demora, saíram ordenadamente em forma de meia lua. Na vanguarda haviam posto um canhãozinho que ia numa balsa forte e bem guarnecida com papapeitos, etc., e nela uma bandeira com a imagem de Nosso Santo Padre e Padroeiro S. Francisco Xavier.

Afrontados os Portugueses ao verem a valentia dos nossos filhos e corridos com as palavras de desdem e mofa que lhes diziam, tornaram a embarcar em suas canoas e começaram a por-se em ordem. Imediatamente os Padres, convencidos de que dessa vez ficava o inimigo em pé ou pelo chão, principiaram a pedir de joelhos a Nosso Senhor, por intercessão de S. Xavier, a vitória, este prometendo jejuar-lhe a vigília a pão e água, outro oferecia cinquenta missas às almas — e destes houve muitos — e em altas vozes instavam os Padres com os nossos filhos que pedissem misericórdia a Deus, e invocassem ao glorioso S. Francisco Xavier, como de-fato o fizeram com grande afeto, e logo se puseram os Padres a rezar em coros as ladainhas, e no tempo em que com grande afeto invocavam ao Santo Padroeiro, os índios dispararam o tiro com tão bom acerto que com ele mataram a dois Portugueses e transtornaram três canoas dos inimigos, ferindo e matando a muitos índios, coisa que os atemorizou grandemente e deu singular esforço a nossos filhos. E assim, dando vozes e pondo-se em fila o inimigo, travou-se a batalha, com brava valentia de parte a parte.

Começou a arcabuzaria de ambos os lados, carregando e disparando nossos filhos tão de pressa e com tal destreza que pareciam soldados de Flandres. Foram-se retirando nossos filhos com o desejo de aliciar ao inimigo — que desejavam atraí-lo para longe da sua chusma para a seu salvo arcabuzá-lo e dar cabo dele.

Nesse interim saltou em terra o capitão Pedroso ⁽⁸⁾ o maior velhaco de todos) com trinta homens, e atravessando matos e um arroio grande, subitamente começaram a arcabuzar pelas costas a nossos filhos que estavam em terra. Apanhando-os assim de-repente, mataram três e feriram mais de trinta. Volvendo, porém, sobre si os índios, ao verem que os acometiam por tantas partes, acometeram aos Portugueses defendendo-se varonilmente e matando logo a um Português e a quatro Tupís, fizeram fugir aos demais, enviando-os muito mal feridos e arrastando-se uns aos outros, dos quais morreram alguns em sua paliçada. Com os demais também foi ferido numa coxa o

(8) Jerônimo Pedroso de Barros, chefe da bandeira.

traidor do seu capitão, a quem mais que a ninguém desejavam matar os índios, e bem pouco lhes faltou para conseguí-lo.

Retiraram a seu rancho ou paliçada tão escarmentados que ninguém se atreveu mais a sair por terra para acometer os nossos. Ao ruído de suas escopetas três canoas, que pelejavam com nossos filhos, investiram com a nossa paliçada, cuidando que tínhamos toda a nossa força no rio, e que somente os índios e a chusma estavam na paliçada, porque de indústria estavam todos os índios encobertos e as bandeiras escondidas, para que se aproximassem por ali onde estava a mosquetaria esperando-os. Chegaram as ditas três canoas inimigas com arrogância bem cerca da paliçada, e vendo-os já os nossos, de improviso lhes dispararam tantos mosquetes que pareciam granizo as balas que caíam sobre eles. Mostrou-se toda a gente levantando e tremulando as bandeiras com grande vozerio. Espantou-os e assombrou-os de sorte que as canoas estacaram estendidos todos eles pelas quilhas das canoas e, à vista de todos, ali, ficou morto um Português e todos ou quasi todos os seus remeiros, e dos demais ficaram malferidos e destroçados e tão sem alento que depois de um grande intervalo, remando com as mãos se apartaram retirando-se para junto da sua gente por não termos ali uma única canoa, que, se a tivéssemos, todos teriam ficado ali cativos ou mortos.

Os índios do rio, menos numerosos do que os Portugueses, — pois os que pelejaram, dos inimigos eram mais de cento e trinta canoas, e quase trezentos Portugueses nelas e mais de seiscentos tupís afora os remadores, e os nossos apenas setenta canoas e trezentos índios, — andaram tão valorosos que havendo trazido os Portugueses da sua gente um muito grande trecho rio-abaixo, retirando-se em boa ordem, sem reparar nas muitas arcabuzadas que lhes disparavam, voltaram sobre eles com tal denodo e esforço que obrigaram ao inimigo a voltar mais que depressa, e os nossos atrás deles a tiros de arcabuzes e frechas apertaram-nos de sorte que uns, atirando suas escopetas à água, se jogaram das canoas saltando em terra na outra banda do rio a esconder-se pelo mato, deixando suas canoas — que foram quatorze — em mãos dos nossos com todo o seu fato, vestido, ferramenta, prisioneiros e outras coisas. Outros se viram constrangidos, para escapar, a deixar a escopeta e tomar a pá do remo, para vogar. Deste modo os levaram grande trecho matando-os e ferindo-os. Ficaram mortos nove Portugueses, feridos tanto de Portugueses como dos seus índios muitíssimos, tiraram-lhes uma bandeira, pólvora e balas e uma escopeta (pois que as outras lançaram-nas à água para não virem ao poder dos nossos). Finalmente os largaram onde estava a sua gente com o seu presidio, corridos e afrontados, ficando os nossos vitoriosos, agitando suas bandeiras, tocando suas caixas, e (pingo lleria?), senhores do campo assim por terra como pelo rio. E o que mais admira, não saíram pelo rio mais do que seis ou sete índios nossos

feridos, e nenhum morto. Quem não vê claramente aquí o favor do céu e amparo do glorioso Santo e Padre Nosso S. Francisco Xavier? Até os próprios inimigos, tão cegos, o conheceram e confessaram.

Era já posto o Sol e assim se desistiu de seguir no alcance e vitória do inimigo, com que ficamos todos consoladíssimos e rendendo infinitas graças ao Senhor e a nosso Santo Padroeiro.

No dia seguinte, doze de março, trataram os nossos de dar outra vez sobre o inimigo, pois que já não o temiam. O Português, havendo visto o nosso poder e o ânimo e valor de nossos filhos, trabalhou toda aquela noite fazendo uma forte paliçada pelo temor de algum assalto. Já de manhã a tinham quase acabada. Nossos filhos, não fazendo caso dos seus feridos nem mortos, saíram pela manhã a desafiar novamente o inimigo e a dizer-lhes as mil leis — como dizem — (dizer-lhes as verdades?); ele, porém, ficou quieto sem querer sair à batalha, antes pelo contrário, enviou uma carta com dois velhos, do seguinte teor, que (revertida do espanhol ao português), reza assim:

Mui Reverendos Padres. Chegamos aquí onde vínhamos falar a Vossas Paternidades para saber dos homens que Vossas Paternidades apanharam nos anos passados, a saber Pascoal Leite Paes e dos demais, de quem nunca temos tido notícia nem por mar nem por terra, se são vivos ou mortos. Pelo que vi ante-ontem vejo que Vossas Paternidades estão postos em armas, e antes que tivéssemos bem chegado já achamos este rio cheio de canoas de guerra por ordem de Vossas Paternidades, às quais quatro moços descortezes sem ordem minha, se dispuseram a sair ao encontro, o qual Vossas Paternidades, sem nenhuma razão nem cristandade o fizeram, que, se eu viesse para fazer mal, abalroara com todo o meu exército, porém, antes mandei recolher a gente toda e assim o fizeram como Vossas Paternidades bem viram, vendo que eram religiosos e servos de Deus e nós cristãos: e sem havermos antes falado uns aos outros nem dito para que vínhamos; e logo rio acima, querendo falar às canoas de Vossas Paternidades içamos uma bandeira branca à qual nos responderam com muitas arcabuzadas, coisa que cada vez vai de mal em pior. E assim requeiro a Vossas Paternidades, de parte de Deus e de sua Majestade uma e muitas vezes, descarregando a minha consciência e de todo este acampamento sobre Vossas Paternidades do que succeder de hoje em diante de parte a parte, pois provocaram-no Vossas Paternidades, pois é claro que não tive tal intenção e para isso deixo traslado desta minha carta para que em todo o tempo conste esta verdade, pois nós não temos intenção de fazer mal a cristãos. Assim, ao que viemos, não é mais que saber de nossos Irmãos e parentes, que os demais deles são casados e estão carregados de filhos e filhas, que estão hoje em grande desamparo e clamando e pedindo justiça a Deus contra Vossas Paternidades pelo desamparo e misérias em que se veem: e a mim como da parte do Padre Vicente Rodrigues da Companhia de Jesús me pediram

as partes interessadas me chegasse aqui para saber deles; e assim estimarei que Vossas Paternidades me façam a caridade e mercê de que nos vejamos e principalmente para que nos digam missa, e ouçam algumas confissões, pois estamos na santa quaresma, e assim não imaginam Vossas Paternidades que temos vindo cá com cubiça dos seus índios, que muito bem sabem Vossas Paternidades o muito gentio que tinha este rio em si, ao qual enviei na frente, e com que Vossas Paternidades se cheguem aqui a avistar-se comigo, verão que acharão ser tudo isso certo e verdadeiro, eu fico esperando a Vossas Paternidades ou resposta; e não seja a que se deu a Antônio Raposo Tavares em Jesús-Maria e Vossas Paternidades muito bem sabem o que dali resultou, ⁽⁹⁾ o que entendo não farão Vossas Paternidades e assim querendo Vossas Paternidades chegar-se aqui podem fazê-lo confiadamente sem receio algum, eu fico esperando a Vossas Paternidades a quem guarde, etc. 13 de março de 1641 anos. De Vossas Paternidades servidor que beija suas mãos o Capitão Manuel Peres ⁽¹⁰⁾.

Até aqui a carta que lida por conhecer já por experiência de tantos anos e tão a custa de nossas Reduções ser traça sua para com isto entreter o tempo em demandas e respostas, enfadar e entibiar os ânimos de nossos filhos e fazer-nos suspeitosos a eles, levantando-nos mil testemunhos e dizendo que temos trato com eles e os entregamos em suas mãos, por isso a resposta que se deu a essa carta, havendo falado a nossos filhos e dilacerado diante deles um traslado dela, foi que animados se determinaram a cercá-lo pelo rio e por terra para acabar com ele e consumi-lo dentro de sua mesma paliçada, e assim, embora erguessem mais a bandeira branca os inimigos de Deus, puseram-se em ordem três mil índios por um mato espesso e com grande silêncio chegaram a tiro de arcabuz até a paliçada dos Portugueses, e assim começaram a dar-lhes logo uma famosa rociada de arcabuzada e frecharia.

Turbaram-se imediatamente; mas vendo o estrago que lhes seguiria do cerco e vizinhança do nosso exército, saíram todos arrotados fora de sua paliçada a pelejar contra a nossa gente, para retirá-la e fazê-la desistir de uma estacada que ao mesmo tempo iam fazendo ali e combatendo simultaneamente. Mas os nossos brigaram com tal valor que três vezes fizeram fugir aos Portugueses e entrar

(9) Parece aludir a um fato ainda não publicado pelos nossos cronistas, e é que a gente de Raposo Tavares, que atingiu a Redução de Jesús-Maria, em 2-XII-1636, pediu alimento aos Padres. Como estes não respondessem, os bandeirantes, enfurecidos, arrasaram no dia seguinte a ferro e fogo a Redução.

(10) Manuel Peres, ou melhor o Manuel Pires dos velhos documentos paulistas, marido de Maria Bicudo, sogro de Raposo Tavares e 7.º avô de Otoniel Mota (Do rancho ao palácio, p. 130), morreu, ao que parece, obitestado. Deve ter perecido nesta fracassada expedição do Mbororé.

em sua paliçada mais que de-vagar, matando a quatro Portugueses e ferindo muitos, e dos seus tupís mataram grande quantidade, e ainda que durasse o combate quase três horas não desistiu dele até muito entrada já a noite, que a desejavam muito, vendo a nossos filhos tão valentes que chegavam a tirar paus da sua mesma estacada, e se durasse mais o dia, teriam ficado de todo vencidos, porque já os Portugueses estavam cansadíssimos e medrosíssimos, e as índias do seu arraial choravam e se lamentavam da sua destruição, vendo-se já muitas feridas e maltratadas e os Portugueses mesmos altercavam uns com os outros e se lançavam maldições por haverem vindo a dar sobre as nossas Reduções, vendo o estrago que nossos filhos faziam no meio deles e da sua gente. Ao mesmo tempo se acometeu também pelo rio com seis balsas bem armadas de mosquetes com os seus parapeitos, donde os canhonearam e fizeram muito dano.

A noite apartou nossos filhos dos Portugueses, e por ser o sítio mau e não apropriado para cercar o inimigo, embora a pesar seu se houvesse concluído já um muito grande lanço de paliçada, se retiraram outra vez ao acampamento de noite, deixando ao Português bem castigado e descontente da resposta que se lhe deu à carta.

No dia imediato se lhe moveu outra vez guerra mais forte e cruel, e foi que havendo-se saído deles alguns Tupís e vindo para junto de nós, entre os quais um famoso arcabuzeiro trazendo alguns machetes e um talabarte e alguma munição, levaram-nos numa balsa e os mostraram aos Portugueses e exortaram a seus índios que se saíssem deles e os deixassem para gozarem a liberdade que Deus e o Rei lhes davam. Aborrecidos disso os Portugueses, com cólera e despeito atiraram muitas arcabuzadas à balsa, e os que iam nela lhes pagaram a salva com outra de bons mosquetazos.

Surtiu bom efeito esta ação, pois depois dela se lhes escaparam muitos e se entregaram aos nossos. Não cessavam pelo rio as seis balsas a hostilizar o inimigo de dia e de noite dando cargas de mosquetaria a seus ranchos que, por estarem numa chácara desobstruída e eminente na mesma margem do rio, recebia muito grande estrago. A um Português que estava soprando o fogão do seu rancho, entrou uma bala e dando-lhe na boca o deixou morto ali mesmo. A outro miserável, estando deitado na sua rede e uma índia — que depois escapou deles — junto a ele, entrou outra bala através de uns paus, e também o deixou morto ali. A outro, estando ceiado, veio outra bala dando por cima da mesa, quebrando-lhe o prato em que comia, lhe deu no umbigo e o matou logo; e assim temeroso com estes acontecimentos, tomaram a resolução de dormir pelo chão e sem acender fogos, não se contentando com uma estacada e outra, senão que cada um dos seus ranchos tinha sua contrapaliçada pelo lado do rio; davam muitas balas nas árvores que dentro da paliçada havia e desgalhando

galhos escalavravam aos que debaixo estavam, causando isso semelhante horror nos infieis do rio acima, que não sabiam que fazer e se lamentavam por não haverem crido em nossas admoestações.

Advertindo o inimigo o grave dano que recebia com as balsas cobertas de táboas que nós tínhamos, intentou fazer outras ele também, mas as nossas lho impediram com os mosquetes com morte de alguns que andavam occupados na obra.

Doutra feita, bem de noite, quizeram dar assalto a nossas canoas, e sentindo-os os nossos deram-lhe tal chuva (de balas) que com desconcertada pressa saíram das canoas e entraram em sua paliçada, porque o Padre João de Porras, que cuidava da gente do rio, não repousava andando em continua vela e cuidado.

Persuadidos já e resolvidos eles a não combater mais pelo rio, embora nossos filhos mais os desafiassem, e se punham a tiro de arcabuz, todas as canoas pelo receio de que não nos escapassem eles pelo rio, como sabíamos dos seus tupís que intentavam fazê-lo, dávamos traças de tirar-lhes as canoas; e alguns de nossos filhos, lançando-se à água, foram de noite, pouco a pouco, e acercando-se das canoas, não conseguiram tirar-lhes mais de duas ou três por tê-las eles tão bem amarradas e com muitos guardas, e para poder fazê-lo melhor vieram de-repente nossas balsas e deram uma chuva com que feriram a alguns e os espantaram.

Nestas contínuas refregas gastaram nossos filhos desde a segunda feira onze de março até o sábado 16 do mesmo mês, o qual dia, lá pelas onze, saiu do seu acampamento uma canoa com uma bandeira branca, e os índios com desejo de que não se tratasse de concerto algum, tomaram o papel e o fizeram em pedaços.

No mesmo momento, todos os Portuguezes despeitados, vendo que não se tratava de ouvi-los nem admitir-lhes meio algum de paz, atacaram com grande furor a suas canoas e com uma fúria infernal eles e seus índios começaram a disparar a toda pressa, saiu nossa armada a impedir-lho com a mosquetaria e matando de um mosquetaço um Português, pararam de razarlas (?), contudo razaron (?) mais de cem, porque traziam mais de duzentas e cincoenta canoas, as mais eram dos pobres índios do rio acima, outras haviam feito eles mesmos de má figura embora de bom porte.

Foi causa desta sua resolução o ver-se repentinamente cercados pelo lado do rio acima — por onde lhes era forçoso passar querendo voltar ao Acaraguá por terra, — de mais de mil e duzentos índios, que por ordem do Padre Pedro Romero haviam vindo do Paraná e os havia despachado na desembocadura do Tabaí com ordem de ali fazerem a sua paliçada e tolher o passo ao inimigo como o fizeram, o qual reparou o inimigo este dia por ver arvorar uma bandeira e tocar caixas naquele posto.

Nessa mesma noite, indo três Padres visitar a gente que estava

no arraial do Tabai e consolar os da armada, começou um Português a falar, e o Padre José Domenech lhes falou, afeiando-lhes sua má vida, ponderando-lhes suas maldades e a excomunhão em que haviam incorrido, a deslealdade que tinham a seu Rei fazendo essas “entradas” contra as suas reais cédulas, como tendo nelas tantos e tão enormes pecados, com que lhê tocou um ponto da eternidade, e ultimamente lhes disse que se tivessem alguns feridos mortais os enviassem que os confessávamos. Disse o capitão que tinham onze brancos — que assim chamam aos Portugueses — e outros índios. Então um moço mau saiu dizendo que não eram mais que dois os feridos de morte, para não descobrir a fraqueza e o dano que haviam recebido de nossos filhos, que pelejaram nesta ocasião tão valente e esforçadamente que o Irmão Domingos de Torres dizia que soldados de Flandres não o fariam melhor, e até os mesmos Portugueses vendo o esforço tão estranho e a perseverança, sem assombrar-se com a vista de feridos e mortos, até hoje se persuadiram que pelejavam não com índios senão com espanhóis, ajudando-lhes a essa persuasão o ver tanta gente e tantos arcabuzeiros com talabartes em nosso exército. Já (vê) meu Padre Provincial que nossos filhos (são) ouvidos e (son cides ya ?) ajudados por Deus e a intercessão de nosso Santo Padre Francisco Xavier, são outros em valor, brio e esforço, e bem o demonstraram, pois fizeram rosto a mais de trezentos e cinquenta Portugueses e mais de mil e duzentos Tupís, tão bem armados e preparados e que haviam saído com ânimo de acabar com todas as Reduções; porém não o permitiu Nosso Senhor que ajuda aos pobres e ajuda as orações ordinárias e extraordinárias de Vossa Reverência e de toda a província. Elas são as que deram ânimo a nossos filhos, elas as que nos defenderam com grande confusão de nossos inimigos, que desejaram se lhes desse passagem franca para voltar ao Uruguai acima, enviou novos papéis num cabaço muito bem fechado, ao qual nossos filhos deixaram ir rio abaixo sem tocar-lhe com desejo de dar a tão maus homens o castigo que mereciam. Com isto, vendo já seu negócio tão mal parado, dizendo a sua gente e uns aos outros, já não há remédio de vencer nem sujeitar aos filhos dos Padres, pois claramente vemos que Deus lhes ajuda e defende; despeitados e cheios de uma cruel ira começaram a guerra entre si, tratando-se muito mal e quase vindo às mãos, lançando-se a culpa uns aos outros desembainhando espadas, levantando escopetas e apontando-se uns aos outros, dando desmedidas vozes como gente totalmente fora de juízo e razão, vendo perdidos os trabalhos de tantos meses, lembrando-se das dívidas em que se haviam empenhado pelos grandes gastos que haviam feito em munição e pólvora e outras coisas da sua matalotagem, cuja paga haviam de ser nossos pobrezinhos filhos se Deus não os defendesse e seus Padres, com tanto cuidado, não os animassem e principalmente o Padre Diogo de Boroa, antecessor de V. Rev. não houvesse posto

tão extraordinário cuidado em aumentar-lhes as armas de fogo, animá-los oralmente e por escrito e sobretudo não perdoando a trabalho algum, solicitando que tirassem os pecados que são causa de semelhantes castigos.

Com o qual, por fim, se livraram contra o poder de tantos sertanistas do Brasil, homens que gastaram sua vida em destruir povos de índios, homens que arruinaram a cristandade do Guaíra, serra do Tape, Pinhais e parte do Uruguai, homens que fiados em suas armas se prometiam já o dito Uruguai todo em suas mãos e juntar a sua destruição com a do Paraná, homens que blasonavam haver de enviar a suas terras os Padres e até de matá-los ou ao menos de conduzi-los a suas terras maniatados, depois de haver-lhes tirado seus queridos filhos de tanta dor, homens que levados de louca e cega paixão se jactavam já e compraziam como se já tivessem em seu poder as mulheres e filhos dos pobrezinhos índios dos quais se prometiam gozar bem a seu salvo e não se envergonhavam de dizê-lo em altas vozes a seus mesmos maridos e Padres: homens que traziam montões de cadeias e grilhões, algemas e coleiras para que sujeitando-os e vencendo-os ficassem nelas, postos em miseravel cativeiro; homens tão desalmados que alguns deles a gritos diziam aos Padres que haveriam de matá-los a tiros de escopeta, outros que haveriam de enforcá-los e frechá-los. Estes pois, que tão inchados e soberbos diziam a vozes que haveriam de destruir até os próprios povos dos espanhóis ficaram vencidos, destruidos e afugentados pela mão poderosa do Senhor, tomando por instrumento a estes nossos pobrezinhos filhos.

Vendo-se já com tantos feridos e mortos e suas forças diminuídas, porque cada dia se lhes ia desertando a gente em maior número, fizeram o que outras vezes haviam feito, que é ir por entre montes e sarçais a toda pressa, ficando-se muitos deles entre os paus da sua paliçada escondidos em cilada no intuito de enganar a nossos filhos e matá-los. Nosso Senhor, porém, que os defendia e amparava deu-lhes um freio mediante um forte aguaceiro, com que, às gatinhas, para não serem vistos, se meteram entre os matos e fugiram como os outros, o que viram os espias que tínhamos posto pelo alto das árvores, que nos avisaram, e logo se reconheceu a paliçada e se começou a seguir no encalço com grande ânimo de nossos filhos, não reparando na espessura dos matos, aspereza das serras, que com a chuvarada antecedente estavam tais que a todo momento caíam os que por elas subiam. Todavia, nossos filhos, desejosos de apanhar os que Nosso Senhor lhes entregava em suas mãos, não perdoavam a trabalho algum, assistindo-lhes, como sempre, os seus Padres, com toda aquela chuvada em cima, sem que muitos tivessem com que mudar-se nem para onde recolher-se, a fazê-lo em todo aquele dia, nem enxugar-se até a noite, do qual para alguns se lhes originou alguma doença, dando-a por muito bem empregada por amor de Nosso Senhor e de seus filhos,

e mais ainda alcançando o inimigo como de-fato o alcançaram já pela volta das cinco da tarde, que depressa fazia paliçada e procurava fortificar-se. Antes de realizá-lo, posto que defendido por umas teríveis serranias, nossos filhos (valorosos soldados, honra da nação guaraní), os acometeram denodadamente, afligindo-os e esgotando-os tanto que diziam: “Estamos perdidos”, e aos índios: “Não nos matemos em quaresma” e outras palavras de grande submissão e lástima. Nossos filhos, porém, reconhecidos à mercê do céu, apertavam-nos mais e mais até que por fim a noite os separou.

Bem de manhã se pôs em fuga o inimigo e sentindo-o os nossos foram no seu encalço dando-lhes braba bateria sem treguas — não havendo dormido quase na noite anterior, tendo chovido a cântaros sobre eles, fazendo grande frio e não parando ainda a água — não obstante nada disso os mudou nem estorvou em dar após o inimigo que afirmava, vendo a sua coragem, não serem homens senão demônios; outros os chamavam de tigres cruéis pois não se fartavam de derramar sangue humano. Nada, porém, perturbava a nossos filhos senão que cada hora mais animosos cometeram uma grande temeridade, que foi a de meter-se por uns espessíssimos matos e umas íngremes serranias, arcabuzeando e frechando, com o que mataram seis Portugueses e feriram muitíssimos, e dos seus Tupís de quatro em quatro estavam os corpos mortos, e com ver nossa gente que nos matos não conheciam nem viam e que iam expostos a grandes perigos se empenharam de sorte que durou a peleja desde a manhãzinha até as duas da tarde, correndo por aqueles montes e terras, caindo e levantando por momentos, causando ao inimigo grande estrago e pondo-o em tais transe que ultimamente vendo a todos os seus índios tão amedrontados e malferidos, tomaram eles mesmos, digo os Portugueses, as rodela e machetes e fizeram rosto aos nossos filhos enquanto passavam as serranias os feridos e demais chusma, que a todo correr ia adiante, e todos eles se esforçavam quanto podiam por ver que lhes ia a vida, e assim feriram a mais de trinta dos nossos, quebrando a alguns os braços e atravessando-lhes as coxas e mataram três. Ai nossos filhos destemidos arremeteram de sorte que se misturaram tanto com os mesmos Portugueses que a paus e machetadas e balaços mataram a quatro Portugueses e dos seus Tupís tantos que ficaram os matos semeados dos seus cadáveres, não sem grande risco dos nossos, porque sem saber uns dos outros se metiam entre os Portugueses, e assim esteve apanhado já o capitão general Dom Nicolau Neenguirú, porém acudiu-lhe para defendê-lo sua gente, matando aos gualachos que o haviam agarrado. O capitão Arazas esteve já quase rendido, mas acudiu-lhe bem ao acaso outro que deixou alí prostrado ao inimigo. Ao capitão Dom Inácio do Acaraguá já o arrastavam para levá-lo aos Portugueses, ao qual livrou Nosso Senhor enviando a um rodeleiro

do seu mesmo povo que enfrentou dois Portugueses e quatro Tupís e ajudando-lhe o capitão também, se pôs em pé e deu atrás dos inimigos matando a um deles e escalavrando e ferindo aos outros, pondo-os em fuga. Ao capitão Dom Francisco Mbayroba de São Nicolau também o teve já quase rendido um Português, ao qual matou um índio da mesma redução e livrou a seu capitão — que como os capitães são os mais valorosos vão avante de todos e entram primeiro nos perigos. Outro índio se empenhou de sorte que se achou entre os mesmos Portugueses, e vendo-se só e advertindo o seu perigo se fez do bando deles e sem ser conhecido deles lhes ofereceu ajudar mostrando-se valente defensor; porém, em breve viram o engano, pois de repente, vendo-se em alguma segurança, virou o seu arco e frechas contra eles. Outro caiu numa cilada dos mesmos Tupís e Portugueses, e advertindo o seu perigo, com grande dissimulação se tirou o rosário que trazia ao pescoço a-fim-de não ser conhecido e se pôs na cilada com eles e deixando-os descuidar, empregou suas frechas nos Portugueses, deixando-os burlados e feridos.

Houve muitos casos parecidos que, para não cansar se omitem, porém os mencionados bastam para mostrar quão animosos e quão sobre si andavam os nossos. No meio de toda essa confusão lhes ia fugindo e entregando-se aos nossos muita da sua gente, e os Portugueses mesmos, com aquela revolução e perturbação se feriram uns aos outros e mataram a seus Tupís pensando que eram filhos nossos.

Com essa confusão, crescendo cada hora com o fumo da pólvora e da neblina a escuridão dos matos, não conhecendo já uns aos outros, os Portugueses medrosos, vendo tantos dos seus mortos, e reparando na diminuição dos seus Tupís, e sobretudo espantados do valor dos nossos, e da sua constância, aproveitando-se dessa confusão, se puseram em fuga dando gritos e dizendo: “Deixai-nos já, capitão Neenguirú, soltai-nos, basta que nos hajais matado todos os brancos!” Mas os nossos, inflamados em justa cólera, ainda os seguiam até que por fim a fragosidade dos montes, a aspereza das serras, a escuridão do fumo, e o contínuo trabalho de haver combatido desde as seis da manhã até às duas e meia ou três da tarde, cansados de trepar encostas empós dos Portugueses — que esta foi a sua defesa — insultando-os porque não lhes faziam rosto, cheios de injúrias, a que corridos não respondiam, soltando grande vozearia e fazendo grande algazarra, retiraram-se nossos filhos para descansar, gozosos e contentes, por lhes haver saído tão bem o que a todos nos tinha em grande cuidado, ficando apenas mortos dez dos nossos em todas as guerras que houve pelo espaço de oito dias contínuos, contando-se quase sessenta Portugueses mortos, e quase todos feridos, e dos seus Tupís sem comparação mais, deixando semeados os matos de corpos mortos e

cheios os ranchos onde param, pois num só se contaram dez mortos a frechadas e arcabuzadas.

Um dos inimigos mais cruéis que teve o Português foi a fome, porque se lhe defenderam todas as chácaras de sorte que não colheram nem uma espiga de milho afora do que acharam na chácara onde fizeram a sua paliçada, que não foi muito e assim não comiam outra coisa que palmitos e sua gente caía de ...? estado, mortos de fome, e em todas as suas rancharias ou dormidas deixaram crianças mortas e gente tão magra que apenas se podia mexer, feitas uns esqueletos. Outras crianças mataram-nas com machetes, abrindo-lhes as cabeças, outras com setas e aos doentes deixaram-nos na sua mesma paliçada sem remédio algum nem comida já muito fracos, outros não tão fracos sem deixar-lhes nem uma só espiga de milho, nem sequer fogo para poder-se aquecer, fazendo então muito frio, e chovendo e os pobres tiritando de frio, e apurados com câmaras de sangue.

Nestes se empregou a caridade dos Padres, ajudados dos seus filhos, carregando-os, pondo-os nas canoas e dando-lhes algum refresco e sobretudo catequizando-os, e aos que estavam muito acabados batizando-os, ficando os tais consoladíssimos ao ver-se morrer entre cristãos e os Padres gozosíssimos ao vê-los acabar com os sacramentos.

Logo que o inimigo fugiu, enviou-se ao Acaraguá para ver que rumo ele tomava, e por estar tão maltratado e haver-se retirado por tão extraordinários caminhos e serranias, levado do medo, que muitas vezes lhes foi forçoso atar-se cordas às cinturas para deixar-se deslizar por elas entre as quais deixou morta muita da sua gente, e se lhe escapou outra, até dos seus mesmos pagés e confidentes, indo com tanto medo que por momentos se assombravam, e ao ruído insignificante de uma árvore ou voo de pássaro tinham por numeroso exército, e uma noite se assustaram de sorte que pensando estava já cercado de nossos filhos se pôs imediatamente de prontidão e tomado de medo tendo a seus mesmos Tupís por inimigos lhes atiraram duas arcabuzadas com que os mataram, ferindo a outros, e até os mesmos índios que em sua companhia estavam se atiravam frechas e ter-se-iam acabado uns aos outros se não se socegassem e advertissem no seu espanto vão.

Jamais faltou ao inimigo, enquanto andou pelos matos, quem o hostilizasse, pois até os próprios tigres os desassossejavam de noite não os deixando dormir, que cevados nos muitos corpos mortos, buscavam ao dito inimigo para fazer presa nele.

Por estas e muitas outras causas se deteve o inimigo seis dias nos matos sem saber-se ao certo nada dele, nem do rumo que levava. A gente que foi ao Acaraguá, queimou oitenta fanegas de trigo, e outras coisas de sustento, às quais o inimigo tinha posto o olho para o seu aviamento. Encontraram os mencionados filhos nossos alguns

corpos mortos nas rancherias que haviam sido dos Portuguezes quando desceram pelo rio, e entre os que acharam foi um o de uma índia já quase desfeita e encima dos ossos dela uma criança de uns cinco anos, onde havia estado dez dias, e perguntando-lhe pelo que tinha comido respondeu balbuciante que um pouco de milho queimado lhe havia servido de sustento no mencionado tempo, conservando-lhe a vida até aquele dia, que foi o da (vida) espiritual de sua alma, trazendo-a para onde foi batizada e vive agora.

Queimaram os índjos os ranchos e casarios e demais coisas que poderiam servir de algum alívio ao Português e a seus vassallos; retiraram as sete canoas que haviam deixado escondidas quando baixaram a dar sobre as nossas reduções, e de volta, ao sexto dia depois da batalha perto do Acaraguá, mais ou menos uma curta meia legua-zinha, perceberam ao inimigo na margem do Uruguai a quem deram vozes e dispararam dois mosquetões, com o qual, fora de si o Português, cheio de medo, não reparando si eram apenas espias, se alvo-rotou de sorte que fugiu aos montes com a sua chusma, intentando romper de noite novamente pelos matos e sair por onde a sua ventura os conduzisse. A espia voltou e tratei logo de partir atrás deles, como se executou, saindo no seu encalço mais de mil e duzentos índjos para hostilizá-los quanto possível e, encontrando uma boa ocasião, dar-lhes uma boa pancada. Com este efeito enviei os Padres Pedro de Mola, Cristovam de Altamirano, João de Porras, Miguel Gomes e Diogo Suarez. Partido o exército, o capitão Dom Inácio, com alguns dos seus, se ofereceu a ir avante, para com semelhante práctico da terra tomar língua sobre o inimigo e dos seus intentos; o qual, antes de chegar ao Acaraguá saiu por terra, empós do rasto dos Portuguezes, e encontrou um índio muito fraco que, com a sua mulher e filha, extraviados, não sabiam que rumo tomar, e sem coisa para a boca, conduziu-os à sua canoa, deu-lhes de comer, com o que voltaram a si e se animaram e chorando diziam: "Oh, quem houvesse acreditado aos Padres, sendo filhos deles, então não me veria agora na miséria em que me vi e na qual estão agora atualmente meus desditosos parentes, escravos dos seus inimigos os Portuguezes.

Tambem achou a outro índio com a coxa atravessada de uma arcabuzada e uma perna malferida de uma frechada, que apenas se podia mexer, que, se não tivesse ido por lá e auxiliando-lhe Deus, teria morrido de fome. Com isso, carregando-o às suas costas, usou da mesma caridade que com os primeiros. Prosseguiu no seu caminho na quarta feira santa, e deixando anoitecer, foi e deu com o espia do Português, e maniatando-o, na quinta feira santa pela manhã, o trouxe aos Padres, que informou acerca do paradeiro do inimigo, e da sua determinação de logo após a Páscoa partir do dito Acaraguá, tomando sua derrota pelos matos para sair junto a um arroio que está este Uruguai acima chamado Guarumbaca, e dividir-se

alí uns em direção ao Iguaçu, outros passar pelo salto o Uruguai em direção a Santa Teresa, para ir rebuscar as taperas de Jesús-Maria e dalí ao Caamo, Caagua ⁽¹¹⁾ etc. e outros resolveram ir o Uruguai acima rebuscar os povos dos infieis.

No intuito de dar-lhe serviço antes de que saísse da nossa zona, esperaram os Padres toda a quinta feira santa, em lugar escondido, que chegasse todo o nosso exército. Veio o resto dele e quase ao nascer do Sol, saíram do rancho e se puseram perto do Acaraguá, e muito de manhã, reconhecidos os postos dos Portugueses que por segurança e medo se haviam metido da outra margem do rio Acaraguá, deram os nossos nos seus Tupis e gente que estava descuidada por quatro lados de uma e outra margem do dito rio com tão boa ordem e tão a tempo que mataram muitos deles e apanharam outros e os maniataram tanto a índios como algumas índias, e aos que fugiram seguiram-nos frechando-os muito depressa até dar com eles no mesmo Acaraguá, ao qual se lançaram e lhes serviu de defesa para escapar com as vidas, ainda que malferidos, pois não se perdia tiro neles. Todo o qual se fez sem ruído de arcabuzes afim de não serem percebidos pelo Português.

Com este inopinado successo, os Portugueses que estavam occupados em levantar cruzes, fazer calvários, enramar arcos e andar estações, dizendo aos índios que nossos filhos não os atacariam em dias tão santos e quietos, espantados por tão inesperado successo, soltaram os altares, interromperam suas estações, desamparam os seus calvários e se retiraram aos matos tratando logo de fugir naquela mesma noite.

Muita da gente do Português que desejava como a água de maio a vinda de nossos filhos, a nado uns, correndo outros, começaram a escapar dentre os Portugueses e assim toda a sexta feira santa, desde as doze do dia até a tarde de citano (?) deixaram de sair-se deles vindo aos nossos, embora o Português, reparando nisso, fez todo o esforço possível para lho impedir, com o qual não puderam sair tantos quantos desejavam fazê-lo com ameaças e levantando-nos gravíssimo testemunhos como sóem: primeiro que nós lhes havíamos escrito que enforcáramos a quantos dos seus passassem para os nossos; segundo que de-fato o havíamos executado assim, e que a igreja de Acaraguá estava cheia de cabeças dos enforcados por ordem nossa por haver-se saído dos Portugueses; terceiro que aos fugidos havíamos de restitui-los logo; que nossos filhos os haviam de matar onde quer que os achássemos e sem avisar os Padres, com que alguns medrosos e de curta capacidade ficaram entre eles, porém, outros, mais advertidos, rindo-se de semelhantes ditos tendo-os por qualificadas mentiras e patranhas, dizendo não poder persuadir-se que Padres tão amorosos

(11) O Caamo ficava mais ou menos nos municípios de Vacaria e Bom Jesús; o Caagua extendia-se pelo município de São Francisco de Paula.

seus como o eram os da Companhia de Jesús e o haviam sido sempre, se trocassem assim de repente; sem reparar em nada, fiados em Nosso Senhor e na caridade dos Padres, com desejo de viver como cristãos e deixar aquela má vida que entre os Portugueses levavam sem confissão nem missa, nem obra alguma de cristãos, deixando quanto tinham, se passaram para nós.

Outros mais animosos e sagazes, vieram trazendo juntamente todo o fato de seus amos, deixando-os sem rede de dormir, sem fresadas (?) (frezadas = cobertores), vestidos, nem camisas, todo o qual repartiram logo connosco. Nisso se passou a sexta feira santa até de tarde, e havendo descansado um pouco nossos filhos, se lhes pregou a paixão que ouviram com atenção acompanhando ao pregador com lágrimas e gemidos e fervorosos atos de contrição, que consolava os Padres o vê-lo. Ao qual se seguiram muitas confissões de maneira que mais parecia congregação devota que exército de soldados vitoriosos.

Aquela mesma noite o capitão Dom Inácio Abiarú com índios foi e reconheceu os ranchos e paliçadas do inimigo, e viu tudo e gastou toda a noite em contínua vigia não reparando em que, se fosse advertido, seria morto ou preso, porém, ajudou-lhe Nosso Senhor pelas orações dos Padres que naquela noite lh'o suplicaram afetosamente e ao amanhecer, estando com grande cuidado acerca do sucedido, nos veio a dar contas de tudo, e da disposição em que estava o inimigo e parece que fugia já, pois não tinha chusma consigo como foi certo, porque nô-lo garantiu um índio dos Portugueses, capitão dos seus Tupís que cansado daquela vida bestial que entre os Portugueses levava, desejoso de viver como cristão, ainda que estimado por eles e tratado como se fosse um deles por seu valor e esforço pospondo todos esses regalos e gostos ao que desejava ter verdadeiro, separou-se deles no tempo em que partiam e nos disse que, assombrados já de nosso poder e admirando-se da perseverança dos nossos filhos, temendo ser exterminados, se haviam posto já em fuga, dizendo a brados que haviam de matar quem quisesse medir-se com nossos filhos.

Com esta notícia nossos filhos quiseram ir logo no encalço, porém, o mesmo Tupí os advertiu de não fazê-lo, já porque era a terra fragosíssima, já porque os estariam talvez esperando em alguma cilada de que já haviam tratado e seria factível que caíssem nela. Com isso os índios muito a contragosto e como violentados se detiveram todo o sábado santo, e no domingo de páscoa, muito cedo, tendo ouvido missa e comungado alguns e confessado outros muitos, fiados em Nosso Senhor, foram detrás dos Portugueses e reconhecer sua paliçada e rastro e o seguiram até muito de tarde sem poder alcançá-lo por ir a toda pressa e ter alguns dias antes feito já os caminhos malabertos e defendidos com muitas obstruções e tojais, porém, já que não o alcançaram, trouxeram muitos dos pobrezinhos índios e índias que dos Portugueses iam-se embora, trazendo quase todos alguma coisa dos

seus amos, deixando-os muito desventurados e desacomodados, atirando pelos matos as cargas de alimento.

O que consolou muito os Padres nesta ocasião foram muitas crianças fracas e já para morrer, que lhes trouxeram os filhos espirituais dos Padres, às quais depois de havê-las batizado lhes procuravam a saúde e regalo do corpo dando-lhes de comer da sua pobreza, a que sem mais se atiravam, mortos de fome, cuidando da lenha, dos ranchos e encomendando-os muitas vezes a seus filhos e visitando-os para verificarem si se cumpria o que se lhes encarregava. Partia o coração o vê-los e enternecia seu aspecto aos Padres e índios; os quais mostraram a sua caridade trazendo muito de longe índios e índias fraquíssimas e algumas que não esperavam mais do que a água do batismo para sair deste miseravel mundo.

Foram estas as páscoas que os Padres celebraram batizando crianças e catequizando adultos. Naquela noite trataram os Padres entre si acerca de ir seguindo as pegadas dos Portugueses não tanto para seguir-lhes no encalço quanto a buscar doentes fracos e crianças. E havendo rezado missa muito cedo na segunda feira depois da páscoa, oferecendo o trabalho do caminho ao Senhor com todas as veras, todos os nossos filhos assim capitães como soldados não o permitiram opondo-se eficazmente aos designios e determinação dos Padres, oferecendo-se de irem eles mesmos em pessoa para fazer o que os Padres talvez não poderiam totalmente alcançar pela fragosidade e aspereza da terra e pântanos grandes que dificultavam o caminho. Com efeito, com grande dificuldade partiram e se espalharam pelos bosques e sendas dos Portugueses, indo até bem perto deles sem reparar em perigos; pelas quatro da tarde vieram voltando muitos com os enfermos e fracos (abandonados pelos ditos inimigos) para que os Padres empregassem seus fervorosos desejos, ajudando-lhes. Entre os que trouxeram houve uma rapariga cujos pés estavam todo queimados vertendo sangue, esfolados até o peito do mesmo pé e pendurando-lhe a pele das plantas, queixando-se lastimosamente. Acudiu-se-lhe como se ponde, e perguntada, respondeu que um Português que a tinha a serviço, aborrecido já de trazê-la, e vendo-se que já não podia seguir por seus pés, tomou todo o rescaldo de um fogão e com brasas e cinzas lho jogou em cima, queimando-lhos ambos.

Encontraram-se corpos mortos tanto de crianças como de velhos e velhas e alguns moços mortos violentamente com facas e paus, porque de pura fraqueza não os podiam seguir: partia o coração ouvi-lo, quanto mais vê-lo; e a nossos filhos foram estes espetáculos umas exortações muito vivas de quanto lhes importava viver com os Padres e defender-se dos seus inimigos.

Teve-se noticia de alguns doentes fraquíssimos que ficavam muito perto do curral dos Portugueses e embora houvesse perigo em ir para

lá, por amor daquelas almas e ofereceram os Padres a ir, porém nossos filhos reconhecidos pelo muito que a seus Padres devem, se animaram e foram e trouxeram os doentes que eram duas índias fraquíssimas, das quais uma morreu logo naquela noite depois de batizada, e outras crianças muito acabadas que também foram batizadas; foi também com os soldados um catequista muito preparado, para o caso de haver algum moribundo. Foi advertência do céu aquela, porque achou uma índia que estava acabando, e catequizada a batizou e logo morreu. Alegres com isso, voltaram da sua missão, não deixando doente, nem fraco que não trouxessem. Em paga dessas boas obras, sem dúvida, se serviu Nosso Senhor para que os nossos, sem perda alguma *nem* derramamento de sangue próprio afugentassem o inimigo de todas as suas terras. O qual fica tão destroçado que como afirmaram os que dele desertaram, vão enfiadas inteiras de feridos, com báculos nas mãos, mais humildes a suas terras (se é que a elas chegam) do que vieram, deixando nossas reduções não só não destruídas como eles orgulhosamente se prometiam, senão aumentadas com o melhor da sua gente que se nos ficou, com bastante dor de seus corações como o lamentavam dizendo terem vindo por lá e voltarem tosquiados.

Lançados já os inimigos de todos nossos confins, voltaram os Padres e seus filhos vitoriosos e reconhecidos aos favores do céu e à intercessão do glorioso apóstolo S. Francisco Xavier, foram-se à sua igreja e ali cantaram uma missa solene e um *Te Deum* laudamus em ação de graças, vendo-se já livres de seus inimigos tão gloriosamente. Outro tanto fiz eu nesta Redução de São Nicolau onde me achei e o mesmo fizeram os demais Padres em todas as reduções, e afora isso, em cada uma delas, se cantou uma missa de requiem por nossos filhos defuntos que morreram no combate, ficando muito reconhecidos a Nosso Senhor pela multidão de mercês que da sua liberalíssima mão temos recebido nesta ocasião, e juntamente muito agradecidos a Vossa Reverência e a toda a província que com tantas veras nos ajudaram e alcançaram com suas orações de Nosso Senhor essa vitória, na qual ficaram mortos, feridos e envergonhados a flor dos sertanistas de São Paulo e do Brasil, inimigos declarados desta afligida cristandade e dos seus Padres.

Agora torno a enviar o Padre Cristovam de Altamirano o rio acima para que recolha a gente que do Português cada dia debanda, e acuda aos enfermos e crianças que sem dúvida irá (quedando?) encontrando em todos os ranchos, e saiba o rumo que este inimigo leva. Do resultado avisarei a V. Rev.^{ia} em outra ocasião. Peço a V. Rev.^{ia} com todo o afeto de milha'alma se sirva de mandar encomendar a Nosso Senhor esta missão e a da serra que se fará em breve, e em seus santos sacrifícios não me esqueça.

Desta Redução de São Nicolau, abril 6 de 1641.

Cláudio Ruyter.

NOTA EXPLICATIVA

A carta do padre Cláudio Ruger (sic!) agora impressa entrou para a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com a coleção Ângelis. Consta de nove folhas escritas de ambos os lados, exceto a última, reunida posteriormente onde três vezes se lê no dorso o título e mais: *archivo de Buenos Ayres, gaveta 6 — legax 4*.

O catálogo de Ângelis considera-a autógrafa; o carater da letra, a qualidade do papel, certos acréscimos e emendas difíceis de explicar si não se tratasse da redação primitiva, persuadem a realidade do asserto.

Serviu agora para a impressão na *Revista* uma cópia extraída, vai para muitos anos, a pedido do benemérito Bâão do Rio Branco, por A. do Valle Cabral, de saudosa memória, e pelo abaixo assinado.

Por motivo hoje impossível de apurar, deixou de ser remetida em tempo a seu destino.

A correção das provas foi feita pelo autógrafo. Pontos de inter-rogação indicam leituras duvidosas.

Rio — Novembro 1905.

Capistrano de Abreu

(Fim da pág. 553 da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, vol. X, 1905).

RAUL PANATIÉRI

*Contribuição ao estudo
dos
problemas de alimentação
no
Rio Grande do Sul*

INDICE

- I — *Introdução*
 - alimentação e alimentos.
- II — *Regimes locais*
 - Alimentação para cada um dos 10 tripulantes duma gasolina que trafega entre Rio Pardo e Pôrto-Alegre.
 - Ração diária de um soldado do exército, arranchado, nesta zona.
 - Carro restaurante da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, passando por este município
 - Ração de cada preso na cadeia civil
 - No asilo São Vicente de Paula
 - Ração alimentar no Hospital em Rio Pardo.
- III — *Quadro comparativo dos principios nutritivos nas observações do presente trabalho, após os quadros comparativos sobre*
 - Lipídeos ou gorduras.
 - Glacídeos ou hidrato de carbono.
 - Protídeos ou albuminóides.
 - Calorias.
- IV — *Mapa de regimes locais*
 - De algumas observações sobre alimentação no Rio Grande do Sul.
- V — *Percentagem de consumidores, segundo os alimentos e as refeições*
 - do meio-dia e da noite
 - da manhã e da tarde
 - percentagem de consumidores em relação aos alimentos mais usados.
- VI — *Dados económicos*
 - Comparação económica
 - Salários nas empresas rurícolas
 - Preços correntes dos géneros alimentícios
 - Quadro comparativo
- VII — *Estatística biológica.*
 - Percentagem das cáries de dentes
 - Dados sobre sorteados: pêso, altura e diâmetros torácicos expiratórios
 - Clínica privada em Rio Pardo: movimento de consultório, segundo as doenças.
 - Hospital dos Passos de Rio Pardo: movimentos de doentes de 1930 a 1940.
 - Obituário de Rio Pardo, em 1940, segundo os boletins do D.E.S.
 - Obituário do R. G. do Sul (1918-1927)
 - Idem de Pôrto Alegre
 - Idem do Rio Pardo.

- VIII — *Inquérito sobre media dos regimes alimentares no Estado do R. G. do Sul*
- Zona colonial: Alfredo Chaves, Antônio Prado, Bento Gonçalves, Candelária, Caxias, Encantado, Farroupilha, Flores da Cunha, Guaporé, Montenegro, Prata, Santa Cruz, São Pedro, Taquara, Taquari e Venâncio Aires
 - Litoral: Guaíba, Pelotas, Porto Alegre, Rio Grande, Santo Antônio, São João do Camaquã, São Lourenço, Tôrres e Viamão
 - Fronteira: Alegrete, Dom Pedrito, Itaqui, Jaguarão, Livramento, Pinheiro Machado, Quaraí, Rosário, São Borja, São Gabriel, São Luiz Gonzaga, Santa Rosa, Santa Vitória do Palmar e Uruguaiana.
 - Serra: Bom Jesus, Cruz Alta, Erechim, Getúlio Vargas, Iraí, José Bonifácio, Palmeira, Soledade e Vacaria
 - Centro: Cachoeira, Caçapava, Cangussú, Encruzilhada, General Câmara, São Jerônimo, Santiago do Boqueirão, São Sepé, Triunfo.
- IX — *Regime dos flagelados da enchente de maio de 1941.*
- Porto Alegre (Seção da Escola de Engenharia)
 - Ração preparada, por flagelado, nos postos de socorro, durante a enchente — diariamente — no Rio Pardo
 - Ração individual diária distribuída em gêneros — no Rio Pardo (quadro).
- X — *Regimes usados em hotéis de zonas coloniais do Rio G. do Sul*
- Regime usado em hotéis de colônias agrícolas — de origem alemã — no Rio Pardo.
 - Média de regime alimentar em hotéis de zonas da colônia italiana no nosso Estado.
- X — *Média de regime alimentar, mais comum em diversos países europeus*
- Na Alemanha do norte
 - Em Portugal
 - Na Espanha
 - Na Polônia alemã
 - Na Ucrânia e Bulgária
 - Na Itália (Sicília)
 - Racionamento na Rússia (guerra de 1941)
 - Regime na Sibéria
 - Almoço e janta num submarino inglês
 - Regime na Inglaterra
- XII — *Tipos apresentados como padrão para ração alimentar*
- Hiss-Zurich
 - Tipo I e correspondente cardápio
- XIII — *Mapa estatístico da tuberculose em Rio Pardo (1863-1940)*
- XIV — *Conclusões*
- XV — *Água do rio Jacui, em cuja margem se acha Rio Pardo*
- Água bruta (6/I/1941)
 - Água tratada (6/I/1941)
 - Período da enchente: água bruta e tratada
- XVI — *Quadro sinóptico do município de Rio Pardo em 1939*
- XVII — *Mapa geográfico do município*

I — INTRODUÇÃO

A alimentação é questão básica para a vida humana. Retirada do meio ambiente, à sua aquisição corresponde sempre trabalho.

E' ela indispensável ao crescimento e ao reparo dos danos causados pela própria vida, e ainda fornece energia que se exteriorizará nesse mesmo trabalho.

Como o carvão que queima na locomotiva, desprendendo calorías para movimentar a composição, assim o nosso organismo, através do aparelho digestivo e seus anexos, liberta a energia potencial que lhe fornecem os alimentos ingeridos. Da terra e do ar, sob a influência dos raios solares, é que essa força é sintetizada nos vegetais e nos animais, dos quais a espécie humana se abastece para poder viver. Desdobra-os, então, na intimidade dos tecidos, lançando-os pela corrente sanguínea para todos os recantos, reabastecendo uns, desenvolvendo outros, desprendendo o calor necessário para as reações orgânicas e fornecendo aos músculos a força suficiente para que eles executem o trabalho quotidiano.

E' neste cadinho maravilhoso, mixto de barro e sôpro etéreo, que se molda a imagem divina.

Por sua composição química, foram os alimentos grupados em protídeos, glicídeos e lipídeos, cabendo a cada um determinada taxa para integrar a ração alimentar ideal. Para uma parte dos primeiros, devem corresponder seis dos segundos; meio a um dos terceiros. Veiculados ainda por eles, vão os sais, as vitaminas e a água.

Complexos em sua estrutura, há alimentos que encerram todos os componentes elementares, como o leite, por exemplo, enquanto outros são providos mais duma qualidade que doutra.

As carnes são ricas em protídeos; os cereais e as frutas, em glicídeos; os leguminosos, em ambos, sendo mais avantajados nestes; os lipídeos: abundam nos animais e em certos vegetais, as oleaginosas.

Os sais e as vitaminas são transportados pelos vegetais, (hortaliças e frutas) e produtos animais. A água é veículo obrigatório.

A diferenciação biológica entre a composição dos alimentos, que ingerimos, e a dos tecidos humanos, obriga a prévia transformação daqueles pelo aparelho digestivo, para igualá-los e, então, incorporá-los definitivamente. E' a assimilação cujo epílogo denominamos de nutrição.

Daí deduzimos que, quanto mais próximos forem os componentes alimentícios dos do corpo humano, mais facilmente serão aproveitados e mais integralmente nele se fixarão.

Além dessa condição, ainda sobressai a especificidade de alguns: os aminoácidos dos protídeos animais, tanto servem para reparar o desgaste diário como se prestam para o crescimento; enquanto os de origem vegetal desempenham somente a primeira função. Completos e integrais, denominaremos uns; insuficientes, os outros.

Eis porque o leite é chamado o alimento ideal, porque não só leva os diferentes aminoácidos dos protídeos como também fornece glicídeos, lipídeos, sais e vitaminas. As carnes e os ovos seguem-lhe os passos, mas mais sóbrios na composição.

Justifica-se, pois, a variedade de alimentos, para constituir a ração alimentar ideal; cada um contribuirá com as parcelas com que foram dotados pela natureza.

Repisemos ser o equilíbrio entre as diversas quotas de princípios alimentares condição para o bom funcionamento orgânico.

A predominância ou o exagero de uns sobre outros só é justificável em determinados casos, todos dependentes do meio ambiente. Enquanto nos climas frios é feito um apêlo aos alimentos produtores de calorías — os lipídeos e glicídeos, (uma grama daqueles produz nove calorías, e destes quatro, com o mínimo de resíduos para serem expelidos pelos órgãos depuradores) — nas zonas ou estações quentes, logicamente, se impõe a sua redução.

Do repouso ao trabalho vai também uma exigência especial; mínima num, variável com a intensidade do outro.

Serviu para medida orientadora o número de calorías desprendidas pelos alimentos e a proporção já enumerada. Anexamos neste trabalho uma tabela clássica, citada pelos maiores mestres na matéria.

Considerando como básica a questão alimentar, pois dela é que depende a eficiência do trabalho humano, e porque nos convencemos que o perigo da subnutrição avança a passos largos, ameaçando a nossa resistência física, resolvemos coligir dados sobre a alimentação aqui, estendendo a observação a todo o Rio Grande, e, ainda mais, comparando-a com a dos países adiantados em civilização, como estudo complementar.

II — REGIMES LOCAIS

Alimentação para cada um dos 10 tripulantes duma gasolina que trafega entre Rio Pardo - Pôrto Alegre

ALIMENTOS	p/30 dias	p/dia	protídeos	lipídeos	glicídeos	calor	VITAMINAS					
							A	B1	B2	C	D	E
Arroz	60 kgs.	200 gr.	16	0,6	158	714	—	—	—	—	—	—
Azeite	5 "	16 "	0,1	13	—	120	++	—	—	—	—	+
Açúcar	50 "	170 "	—	—	161	661	—	—	—	—	—	—
Banha	28 "	93 "	—	89	—	896	++	—	—	—	—	+
Batata	40 "	134 "	2,4	0,5	19,5	87	+	++	—	++	—	—
Carne de rês..	210 "	700 "	143,5	12	—	630	+++	+	++	—	—	++
Xarque	10 "	33 "	16	3,6	—	103	+++	+	++	—	—	++
Carne de porco	10 "	33 "	6	15	—	163	+++	+	++	—	—	++
Feijão preto...	35 "	117 "	27	2,3	58,5	377	+	+++	—	+++	—	+
Farinha trigo..	12 "	40 "	5,6	7	28	144	+	+++	—	—	—	+
Far. mandioca.	10 "	33 "	4	3	27	112	—	+	—	—	—	—
Massa	20 "	66 "	8,8	0,6	49	238	—	—	—	—	—	—
Pão mixto.....	67 "	—	17	7	138	593	+	++	—	—	—	—
Verduras	30 "	—	1,4	0,2	4,8	25	+	++	—	+	—	—
TOTAL....			247,8	153,8	643,8	4863						

Obs. 340

Diária: De 8\$000 a 10\$000. Etapa: 3\$100.

Ração diária de um soldado do Exército, arranchado, nesta zona

ALIMENTOS	p/dia	protéicos	lipídeos	glicídeos	calor	VITAMINAS					
						A	B1	B2	C	D	E
Arroz	160	13	6	126	576						
Açúcar	160	0	0	152	624						
Banha	25	0	24	0	227	++					+
Café	50	1	0	7	35						
Carne verde	450	90	8	0	395	+++	+	++	—	—	++
Farinha mand. ...	150	2	1,5	120	510		+				
Feijão preto.....	160	36	3	80	515	+	+++	—	—	—	+
Massa	20	3	0	15	72						
Mate	10	0	0	0	2						
Manteiga	15	0	12	0	112	+++	—	+	+	+	+
Pão	300	15	3	183	852	+	++				
Xarque	300	144	33	0	939	+++	+	++			++
TOTAL.....		304	900,5	683	4859						

OBSERVAÇÃO: — Etapa do soldado nesta zona, corresponde a 3\$100.

Obs. 401

Carro restaurante da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, passando por este município

Cardápio, em 3 refeições

ALIMENTOS	p/dia	próteios	lipídeos	glicídeos	calor	VITAMINAS					
						A	B1	B2	C	D	E
Leite	150	5	6	7,5	102	+++	++	+	++	++	+
Café	10	1,5	—	1,0	7						
Açúcar	25	—	—	24	97						
Pão	75	4	0,5	45	213	+	++				
Manteiga	10	—	8,5	—	75	+++	—	+	+	+	+
Sopa de cereais...	500	4	—	39	178						
Peixe	300	30	7	—	183	+	+				
Batata inglesa...	200	3	1	1	130	+	++	—	++	—	—
Carne em conserva	150	30	10	—	195	+++	+	++	—	—	++
Carne de rês.....	200	40	3	—	180	+++	+	++	—	—	++
Arroz	200	16	0,5	158	714						
Verdura	200	2	—	9	50	+	++	—	+++	—	—
Frios	50	10	4	—	65	+++	+	++	—	—	++
Massa	20	3	—	15	74						
Sobremesa (doces)	25	—	—	15	64	+	++	—	+++	—	+
TOTAL.....		148,5	40,5	314,5	2327						

Obs. 498

Alimentação de cada pessoa na Cadeia Civil

ALIMENTOS	p/dia	protéicos	lipídeos	glicídeos	calor	VITAMINAS					
						A	B1	B2	C	D	E
Café (infusão)....	250	1	0	7	35	—	+	—	—	—	—
Açúcar	25	0	0	24	97	—	—	—	—	—	—
Pão mixto	75	4,5	1	46	213	+	++	—	—	—	—
Arroz	300	24	1	237	1071	—	—	—	—	—	—
Feijão	400	92	8	200	1288	+	+++	—	—	—	—
Batata inglesa....	200	3	1	28	130	+	++	—	++	—	—
Carne	300	60	5	—	270	+++	+	++	—	—	—
Banha	50	—	48	—	375	—	—	—	—	—	++
TOTAL.....		184,5	64	566	3479						

OBSERVAÇÃO: — A batata inglesa pode ser substituída por batata doce, abóbora, xuxú, verdura, mandioca.

- + Vitamina está presente em pequena quantidade
- ++ Representa boa fonte de vitamina
- +++ Representa excelente fonte de vitamina.

Obs. 371

No Asilo São Vicente de Paula

15.pessoas — 1940

ALIMENTOS	p/dia	protéicos	lipídeos	glicídeos	calor	VITAMINAS					
						A	B1	B2	C	D	E
Leite	360	11,8	18,4	23	244	+++	++	+	++	++	+
Pão	70	3,9	0,7	43	200	+	++				
Açúcar	44	—	—	41,8	171	—					
Café	13	0,4	—	1,6	10	—					
Carne de rês.....	130	26,5	2,2	—	117	+++	+	++	—	—	++
Feijão preto.....	40	9,5	0,9	20	129	+	+++	—	—	—	+
Arroz polido	40	3	—	31,6	142	—	—	—	—	—	—
Banha	30	—	28,8	—	273	++					+
Massa	15	2	—	11,6	54						
Aipim	100	0,5	0,8	28	117		+				
Verdura	50	0,6	—	2,4	12	+	++		+		
Banana	100	3	0,2	29	131	+	+	—	++	—	—
ou											
Laranja						+	++	—	+++	—	—
TOTAL.....		61,2	52,0	232,0	1600						

Obs. 403

+ contém
 ++ contém bastante
 +++ contém muita.

Ração alimentar no Hospital em Rio Pardo

7 ½ horas

1 ovo cozido
25,0 salame
20,0 manteiga
250 cc. café com leite ¼ p. ¾
25,0 açúcar
75,0 pão mixto
— mel ou doce

10 horas

250 cc. de caldo de cereais (canjica, trigo, aveia)

11 ½ horas

arroz
feijão preto
carne de rês (bife, assada, cozida)
galinha ou peixe
verduras (abóbora, couve, repolho, mostarda)
batata inglesa ou doce
tomate ou cebola em salada
sobremesa — frutas ou doce de frutas

15 horas

Chá de mate com leite, pão e manteiga

18 ½ horas

Sopa (de verduras, massa ou farinha)
Arroz
Feijão preto
Carne
Mandioca ou batata inglesa
Verduras
Sobremesa
Cafezinho ou chá.

III — QUADROS COMPARATIVOS DOS PRINCÍPIOS NUTRITIVOS

Lipídeos ou gorduras

Quadro comparativo parcial:

Marinheiros	159
Soldados Exército	100
Presidiários	64
Asilados	52
Carro Restaurante	40

Glacídeos ou Hidratos de Carbono

Quadro comparativo parcial:

Soldados Exército	683
Marinheiros	643
Presidiários	566
Carro Restaurante	314
Asilados	232

Protídeos ou albuminoides

Quadro comparativo parcial:

Soldados Exército	304
Marinheiros	247
Presidiários	224
Carro Restaurante	158
Asilados	61

Calorias

Quadro comparativo parcial:

Marinheiros	4.863
Soldados Exército	4.859
Presidiários	3.479
Carro Restaurante	2.327
Asilados	1.600

Quadro comparativo dos princípios nutritivos nas observações dêste trabalho

	Protídeos	Lipídeos	Glicídeos	Calorias
Carro restaurante.	158	40	314	2.327
Marinheiros	247	153	643	4.863
Presidiários	224	64	566	3.479
Soldados Exército.	304	90,5	683	4.859
Asilados	61	52	232	1.600

V — PERCENTAGEM DE CONSUMIDORES, SEGUNDO OS ALIMENTOS E AS REFEIÇÕES

Do meio-dia e da noite

Carne de res	m.	+ 32,5 % +. 27,5 % +. 10 %	Ovos	m.	+ 7,5 % +. 0 +. 5 %	Arroz polido	m.	+ 95 % +. 0 +. 0	Milho	m.	+ 0 +. 0 +. 0
	n.	+ 27,5 % +. 5 % +. 2,5 %		n.	+ 5 % +. 0 +. 5 %		n.	+ 90 % +. 0 +. 0		n.	+ 2,5 % +. 0 +. 0
Carne de porco	m.	+ 7,5 % +. 5 % +. 2,5 %	Banha	m.	+ 95 % +. 0 +. 0	Feijão preto	m.	+ 95 % +. 0 +. 0	Batata inglesa	m.	+ 35 % +. 5 % +. 0
	n.	+ 5 % +. 0 +. 2,5 %		n.	+ 90 % +. 0 +. 0		n.	+ 90 % +. 0 +. 0		n.	+ 25 % +. 0 +. 0
Carne de aves	m.	+ 7,5 % +. 5 % +. 12,5 %	Farinha de trigo	m.	+ 0 +. 0 +. 0	Verduras	m.	+ 5 % +. 0 +. 0	Batata doce	m.	+ 40 % +. 0 +. 5 %
	n.	+ 12,5 % +. 7,5 % +. 12,5 %		n.	+ 0 +. 0 +. 0		n.	+ 10 % +. 0 +. 2,5 %		n.	+ 25 % +. 0 +. 0
Carne de peixe	m.	+ 2,5 % +. 0 +. 7,5 %	Farinha de mandioca	m.	+ 20 % +. 0 +. 0	Abóbora	m.	+ 10 % +. 0 +. 0	Mandioca	m.	+ 57,5 % +. 0 +. 2,5 %
	n.	+ 0 +. 0 +. 0		n.	+ 30 % +. 0 +. 0		n.	+ 17,5 % +. 0 +. 0		n.	+ 55 % +. 0 +. 0
Carne seca	m.	+ 2,5 % +. 0 +. 2,5 %	Farinha de milho	m.	+ 7,5 % +. 0 +. 0	Tomate	m.	+ 2,5 % +. 0 +. 0	Frutas	m.	+ 30 % +. 0 +. 0
	n.	+ 2,5 % +. 0 +. 0		n.	+ 7,5 % +. 0 +. 2,5 %		n.	+ 2,5 % +. 0 +. 2,5 %		n.	+ 10 % +. 0 +. 0
Carne em frios	m.	+ 2,5 % +. 0 +. 0	Massas	m.	+ 0 +. 0 +. 0	Cebola	m.	+ 5 % +. 0 +. 0	Sobremesa (doces)	m.	+ 15 % +. 0 +. 0
	n.	+ 5 % +. 0 +. 2,5 %		n.	+ 20 % +. 0 +. 5 %		n.	+ 15 % +. 0 +. 2,5 %		n.	+ 17,5 % +. 0 +. 0

CONVENÇÃO

+ usa bastante

+. usa pouco

+. usa raramente

Da manhã e da tarde

Leite	m.	+ 70 % +. 2,5 % +. 0	Doces	m.	+ 10 % +. 0 +. 0	Café	m.	+ 80 % +. 0 +. 0	Mel	m.	+ 12,5 % +. 0 +. 0
	t.	+ 40 % +. 2,5 % +. 0		t.	+ 5 % +. 0 +. 2,5 %		t.	+ 50 % +. 0 +. 0		t.	+ 10 % +. 0 +. 0
Açúcar	m.	+ 87,5 % +. 0 +. 0	Mate-chimarrão	m.	+ 30 % +. 0 +. 0	Pão misto	m.	+ 75 % +. 0 +. 2,5 %	Bolos fritos	m.	+ 15 % +. 0 +. 0
	t.	+ 52,5 % +. 0 +. 0		t.	+ 25 % +. 0 +. 0		t.	+ 55 % +. 0 +. 0		t.	+ 10 % +. 0 +. 0
Manteiga	m.	+ 25 % +. 0 +. 0	Frios	m.	+ 5 % +. 0 +. 0	Queijo	m.	+ 12,5 % +. 0 +. 0	Batata doce	m.	+ 0 +. 0 +. 0
	t.	+ 15 % +. 0 +. 0		t.	+ 0 +. 0 +. 0		t.	+ 2,5 % +. 0 +. 5 %		t.	+ 2,5 % +. 0 +. 0

CONVENÇÃO

+ usa bastante

+. usa pouco

+. usa raramente

A

Percentagem de consumidores em relação aos alimentos mais usados

Arroz, média de	92,5 %	1.º
Feijão, média de	92,5 %	2.º
Banha, média de	92,5 %	3.º
Açúcar, média de	69,5 %	4.º
Mandioca, média de	56,2 %	5.º
Café, média de	55 %	6.º
Pão mixto, média de	55 %	7.º
Leite, média de	55 %	8.º
Batata doce, média de	32,5 %	9.º
Batata inglesa, média de	30 %	10.º
Carne, média de	29,5 %	11.º
Mate-chimarrão, média de	25,5 %	12.º
Farinha de mandioca, média de	25 %	13.º
Frutas, média de	20 %	14.º
Manteiga, média de	20 %	15.º

VI — DADOS ECONÔMICOS

Comparação econômica

Número nas Observações	Número de pessoas	Número dos que trabalham	Total dos ganhos diários	<i>Para a alimentação de cada pessoa</i>	
				Importância	Número de refeições
5	9	4	16\$500	1\$800	Tôdas as refeições
9	6	1	de 10\$ a 15\$	2\$500	" " "
33	3	1	7\$000	2\$400	" " "
41	7	3	12\$500	1\$800	" " "
43	8	3	15\$500	1\$900	" " "
156	7	1	7\$000	1\$000	" " "
172	5	3	17\$000	3\$400	" " "
323	—	—	—	5\$000	" " "
300	—	—	—	3\$000	Cada refeição
340	—	—	de 8\$ a 10\$	3\$100	Tôdas as refeições
371	—	—	—	4\$000	" " "
401	—	—	—	3\$100	" " "
498	—	—	—	13\$500	" " "
500	—	—	—	10\$000	" " "

Salários nas Empresas Risícolas

Diária para adultos	6\$000 a 8\$000
" " mulheres	3\$500 a 5\$000
" " crianças	2\$500
" " operários de	8\$000 a 14\$000

Preços correntes dos gêneros alimentícios

GÊNEROS E QUANTIDADES	Comêço de 1941	Fins de 1941
Arroz, Kg.	1\$200	1\$800
Açucar, Kg.	1\$800	1\$900
Abóbora	—	—
Aveia, pacote	2\$800	3\$200
Banha, Kg.	3\$600	4\$800
Batata inglesa, Kg.	\$800	1\$500
Batata doce, saco	7\$500	7\$500
Bananas, cento	2\$500	2\$500
Café moído, Kg.	4\$200	5\$800
Cebola, Kg.	3\$200	5\$000
Carne de gado, Kg.	1\$800	2\$000
Carne seca, Kg.	3\$200	4\$000
Carne de porco, Kg.	3\$200	4\$000
Couve, pé	\$100	\$100
Feijão preto, Kg.	1\$000	1\$000
Farinha de trigo, Kg.	1\$500	1\$600
Farinha de mandioca, Kg.	\$500	\$600
Farinha de milho, Kg.	\$700	\$800
Galinha, uma	5\$000	6\$000
Leite, litro	\$800	\$800
Massa, Kg.	2\$600	2\$600
Manteiga, Kg.	8\$000	12\$000
Milho — canjica, Kg.	1\$400	1\$400
Mandioca, saco	7\$000	2\$000
Laranja, %	3\$000	3\$000
Peixe fresco, Kg.	2\$000	2\$500
Pão mixto, Kg.	2\$800	3\$000
Ovos, Dz.	3\$000	1\$800
Uvas, Kg.	2\$000	—
Queijo comum, Kg.	3\$000	10\$000
Pêras, uma	1\$200	1\$500
Maças, uma	1\$300	1\$200
Alho, Kg.	6\$000	16\$000
Erva-mate	—	—

Quadro comparativo

52,5 %	cultivam horta
35 %	cultivam árvores frutíferas
60 %	criam aves
27,5 %	criam vacas para fornecer leite
47,5 %	têm casa de alvenaria
17,5 %	têm casa de madeira
30 %	têm casa de sapé

VII — ESTATÍSTICA BIOLÓGICA

Percentagens das Cáries de dentes

COM NUMEROSAS	54,40 %
DE 5 PARA BAIXO	27,00 %
AUSÊNCIA	13,60 %

Dados sôbre sorteados

	<i>Peso</i>
Com 55 Kms. em média	44,44 %
Com 60 Kms. em média	33,33 %
Com 50 Kms. em média	11,11 %
De 70 Kms. para cima	5,55 %

	<i>Altura</i>
De 1 mt. 66 a 1 mt. 70	50,00 %
De 1 mt. 71 a 1 mt. 75	22,22 %
Até 1 mt. 65	17,44 %
De mais de 1 mt. 75	11,11 %

Diâmetros Toráci- cos Expiratórios

De 81 a 85 centímetros	50,00 %
Até 75 centímetros	17,44 %
De 76 a 80 centímetros	17,44 %
De mais de 86 centímetros	17,44 %

Clínica privada em Rio Pardo

MOVIMENTO DE CONSULTÓRIO, SEGUNDO AS DOENÇAS

Aparelho digestivo	27,6 %
Aparelho respiratório	13,9 %
Aparelho genital	11,9 %
Doenças da pele e anexos	11,1 %
Aparelho circulatório	7,4 %
Sistema nervoso	5,0 %
Doenças infecciosas	4,9 %
Aparelho urinário	4,9 %
Sífilis	4,3 %
Acidentes	2,6 %
Verminose	2,4 %
Doenças das articulações	1,5 %
Intoxicações	0,6 %
Tumores malignos	0,5 %
Órgãos dos sentidos	0,7 %
Tuberculose	0,5 %
Diabetes	0,5 %
Doenças de glândulas internas	0,2 %

Hospital dos Passos de Rio Pardo

MOVIMENTO DE DOENTES DE 1930 A 1940

3.436

Aparelho digestivo	16,3 %
Aparelho genital	16,2 %
Aparelho respiratório	14 %
Acidentes	11,7 %
Sífilis	11,1 %
Doenças da pele e anexos	9,2 %
Aparelho circulatório	5,7 %
Sistema Nervoso	3,5 %
Doenças das articulações	2,3 %
Aparelho urinário	2,3 %
Infecções não especificadas	2,4 %
Tuberculose	1,4 %
Tumores malignos	1,2 %
Verminose	1,5 %
Intoxicações	0,6 %
Doenças das glândulas internas	0,09 %
Diabetes	0,08 %

1940

Obituário de Rio Pardo

SEGUNDO OS BOLETINS DO D. E. S.

Aparelho digestivo	18,6 %
Aparelho respiratório	16,6 %
Tuberculose	16,6 %
Acidentes	14,7 %
Aparelho circulatório	10,7 %
Doenças infecciosas	7,8 %
Sífilis	4,9 %
Tumores malignos	3,9 %
Aparelho urinário	2,9 %
Aparelho genital	1,9 %
Sistema nervoso	0,9 %

Anos	População	Óbitos gerais	Óbitos por tuberculose	Coefficiente por 100.000 habitantes	Coefficiente por 1.000 óbitos gerais
Do Estado do Rio Grande do Sul					
1918	1.985.500	30.219	2.597	130,8	85,9
1919	2.005.870	23.068	2.174	108,3	94,2
1920	2.046.480	23.459	2.193	107,1	93,3
1921	2.097.500	23.477	2.257	107,6	96,1
1922	2.149.060	22.499	2.255	104,9	100,2
1923	2.182.410	25.551	2.256	103,3	88,2
1924	2.226.688	25.429	2.438	109,0	95,8
1925	2.287.940	26.648	2.273	99,3	85,2
1926	2.358.000	23.344	2.488	105,5	106,5
1927	2.612.500	25.970	2.358	90,2	90,7

Da cidade de Pôrto Alegre, capital do Estado					
1918	163.500	5.087	724	442	142,3
1919	165.000	3.091	641	396	213,8
1920	168.500	3.864	658	395	172,9
1921	172.000	3.515	643	373	182,9
1922	176.500	3.580	667	377	186,3
1923	180.750	4.124	708	391,6	171,7
1924	190.450	4.269	769	403,8	180,1
1925	200.100	4.080	767	383,3	187,9
1926	210.000	4.250	816	388,5	192,0
1927	247.960	4.501	827	333,8	183,7

(Segundo o Boletim de Bio-Estatística do D. E. S. P. do Estado)

Da cidade de Rio Pardo					
1918	4.500	143	12	250	83,9
1919	4.500	107	9	200	84,1
1920	4.500	74	6	130	81,0
1921	4.650	61	7	150	114,7
1922	4.650	50	5	110	100,0
1923	4.800	51	7	150	137,0
1924	4.800	80	5	110	62,5
1925	4.950	98	7	150	71,3
1926	5.000	67	2	50	32,2
1927	5.000	100	15	330	150,0

VIII — *Inquérito sôbre a média dos regimes alimentares
no Rio Grande do Sul.*

1.^a

ZONA COLONIAL

1 — ALFREDO CHAVES

Pela manhã: Café com leite, pão ou polenta, salame ou queijo, manteiga ou marmelada.

Almôço: Sopas (de verdura ou massa); carne, especialmente de porco; polenta, arroz e vinho.

Das 15 às 16 horas: Merenda: pão com mel e, às vezes, café.

Janta: Carne pouca, polenta, verduras, arroz e vinho.

2 — ANTÔNIO PRADO

Pela manhã: Salame, queijo, polenta, raramente pão, vinho; café, às vezes, e de qualidade inferior.

Almôço: Sopas (de feijão, massas e verduras), polenta, carne poucas vezes, aipim, ovos, hortaliças e vinho.

Das 15 às 16 horas: Uma fatia de pão com salame ou mel; ou batata doce e vinho.

Janta: Semelhante ao almôço.

Observação: A batata inglesa é pouco cultivada e a carne de gado, pelo seu alto preço, usada raramente.

3 — BENTO GONÇALVES

Pela manhã: Classe média: Café, leite, pão, manteiga.

Classe rural: Pão ou polenta, salame, ovos, queijo, vinho.

Almôço: Classe média: Carne, saladas, massas, queijo, vinho.

Classe rural: Sopa de massa, polenta, carne de porco ou de galinha, salada, queijo, macarrão e vinho.

Das 15 às 16 horas: Classe média: cafézinho.

Classe rural: Polenta, salame, queijo, vinho.

Janta: As mesmas iguarias do almôço.

Observação: Esta alimentação é fundamental na zona denominada italiana. Entre a reduzida população genuinamente brasileira a refeição se reduz a: carne verde, arroz, feijão, batata, legumes.

4 — CANDELÁRIA

Pela manhã: Café, leite, pão, manteiga, mel, "schmier".

Almôço: Sopas, arroz, feijão, carne de gado, batata, aipim, legumes.

Das 15 às 16 horas: Não é hábito esta refeição.

Janta: Café com leite, pão, manteiga, reforçados pela sobra do almôço.

5 — CAXIAS

Pela manhã: Salame, queijo, polenta e vinho.

Almôço: Sopas (de legumes ou cereais), carne de porco sob formas diversas, polenta, massas, saladas (de radice ou alface), queijo e vinho.

Das 15 às 16 horas: Raramente usam merenda.

Janta: Semelhante ao almôço, acrescida de ovos e verduras.

Observação: Raramente usam carne de gado. Entre a população da cidade são usados o café e o leite.

6 — ENCANTADO

Pela manhã: Chimarrão, café, polenta e presunto.

Almôço: Arroz, feijão, polenta, macarrão, carne, radice, queijo, laranja, vinho.

Das 15 às 16 horas: Chimarrão.

Janta: A comida do almôço.

7 — FARROUPILHA

De manhã: Classe média: Café com leite, pão, manteiga ou marmelada.

Zona rural: Polenta, salame, queijo e vinho.

Almôço: Classe média: Sopa de legumes, arroz, massa, carne de porco sob diversas formas, batatas, saladas, frutas.

Zona rural: Sopa de legumes, salame, polenta, queijo, saladas, vinho.

Das 15 às 16 horas: Geralmente não usam refeição.

Jantar: Classe média: Sopas, carne, arroz, legumes, vinho.

Zona rural: Sopa, "Minestrão", reforçada.

Observação: Na zona rural há dias de excepcional fartura; atualmente, a vontade de vender todos os produtos impõe diminuição nos alimentos: galinha já não é prato costumeiro; o pão tende a desaparecer das refeições; o vinho já não se recomenda pela qualidade, lamentavelmente.

8 — FLORES DA CUNHA

De manhã: Café feito de misturas, banana, marmelada ou polenta.

Almôço: Sopas (de feijão, ervilha ou massas), carne de porco sob formas diversas, arroz, verduras (chicória, alface, couve) ovos, batatas, vinho.

Das 15 às 16 horas: Em geral não é usual esta refeição.

Janta: Sopa, arroz, às vezes ovos ou carnes, saladas, marmelada ou queijo, vinho.

9 — GUAPORE

De manhã: Salame, polenta ou pão, vinho. Raramente café.

Almôço: Sopa (de feijão ou massa), carne de porco sob formas variadas, polenta, vinho.

Das 15 às 16 horas: Não é costume usar esta refeição.

Jantar: Carne, polenta, verdura, vinho.

Observação: A carne às vezes é de galinha.

10 — JAGUARÍ

De manhã: Café, pão ou polenta, queijo ou salame, leite.

Almôço: Feijão, arroz, carne, massas, sopa, ovos.

Das 15 às 16 horas: No verão: café com pão.

Janta: Saladas (radice ou alface), polenta, carne, ovos, massa.

11 — MONTENEGRO

De manhã: Café, leite, pão de milho ou mixto, "Schmier" ou coalhada com "Schmier".

Almôço: Feijão, arroz ou massa, carne de porco (mais usada) ou de gado, legumes ou hortaliças. Frutas.

Das 15 às 16 horas: Raras vezes merenda.

Jantar: Semelhante ao almôço ou então sopa "Menestrão".

12 — PRATA

De manhã: Café, polenta ou pão, carne de porco ou ovos.

Almôço: Sopa de legumes, polenta, arroz, feijão, batata, carnes, especialmente de porco.

Das 15 às 16 horas: Raramente pão com mel.

Janta: Polenta, verduras, carne de porco, batata, pão.

13 — SANTA CRUZ

De manhã: Café com pão ("broto"), "Schmier" ou manteiga.

Almôço: Feijão, arroz, carne, em geral de porco, batata e verduras.

Das 15 às 16 horas: O mesmo alimento da manhã.

Janta: O mesmo alimento do almôço.

14 — SÃO PEDRO

De manhã: Café e pão.

Almôço: Feijão, arroz, carne de porco ou de gado, batata, mandioca, farinha de mandioca.

Das 15 às 16 horas: Café e pão.

Janta: Idêntico ao almôço.

15 — TAQUARA

De manhã: Café, leite, pão, manteiga.

Almôço: Feijão, arroz, carne, batata.

Das 15 às 16 horas: Café com farofa.

Janta: Mais ou menos como no almôço.

Observação: O uso do leite não é muito espalhado.

16 — TAQUARÍ

De manhã: Chimarrão, ou café simples, pão ou bolinho.

Almôço: Feijão com farinha, aipim, batata doce, ovos, às vezes.

Das 15 às 16 horas: Chimarrão.

Janta: Semelhante ao almôço.

Observação: Carne usada uma vez por semana.

17 — VENANCIO AIRES

De manhã: Chimarrão. Depois, Café, pão, melado, nata. Coalhada ou mel.

Almôço: Carne, especialmente de porco, feijão, arroz, batata, aipim, verdura (couve, alface, repólho). Chimarrão.

Das 15 às 16 horas: Café com pão.

Janta: Geralmente o que sobra do almôço. Chimarrão.

Observação: O pão é geralmente de farinha de milho.

L I T O R A L

1 — GUAÍBA

Pela manhã: Café puro ou com leite, pão de trigo e de milho. As classes pobres usam também nas devidas épocas batata doce ou aipim.

Almôço: Classe média: Carne, feijão, arroz, batata inglesa e batata doce.

Classe pobre: Feijão, arroz, canjica de milho, batata doce e aipim.

Das 15 às 16 horas: Café ou mate.

Janta: O mesmo usado no almôço.

2 — PELOTAS

De manhã: Café, pão, manteiga.

Almôço: Via de regra: feijão, arroz, batata, excepcionalmente carne.

Das 15 às 16 horas: Mate-amargo.

Janta: Sopa, feijão mexido, arroz, algumas vezes ovos ou linguiça.

3 — PÔRTO ALEGRE

De manhã: Café com leite, pão e manteiga.

Almôço: Feijão, arroz, batata, carne, cafezinho.

Das 15 às 16 horas: Cafezinho.

Janta: O mesmo que no almôço, de cujas sobras se compõe.

4 — RIO GRANDE

De manhã: Café e pão (mais ou menos 20 % pode adquirir leite e 10 % manteiga).

Almôço: Feijão e arroz. Farinha de mandioca. Carne (20 % pode acrescentar ao feijão: linguiça, xarque ou carne de porco).

Das 15 às 16 horas: Nada.

Janta: Repete o almôço.

Uma xícara de café simples e pão.

5 — SANTO ANTÔNIO

De manhã: Café (de batata ou cevada) polenta ou pão.

Almôço: Polenta, feijão, batata, verduras, carne de porco ou de galinha. Raramente carne de gado.

Das 15 às 16 horas: Nada.

Janta: Os mesmos alimentos relacionados para o almôço.

Observação: Entre os elementos de origem alemã é muito usado o chimarrão.

6 — SÃO JOÃO DO CAMAQUAM

De manhã: Café, leite, pão, manteiga.

Almôço: Feijão, arroz, carne, batata.

Das 15 às 16 horas: Café com pão.

Janta: Semelhante ao almôço.

Observação: O leite não é muito abundante.

7 — SÃO LOURENÇO

De manhã: Zona rural: café, leite, pão, manteiga, mel, linguiça.

Cidade (classe rica) café, leite, pão, manteiga.

(Cidade classe média) café, leite, pão.

Cidade (classe pobre) café e pão.

Almôço: Classe abastada: feijão, arroz, carne, verduras, ovos.

Classe média: feijão, arroz, carne.

Classe operária: feijão, arroz, farinha, carne de quando em vez.

Das 15 às 16 horas: Classe abastada: café, pão, manteiga.

Classe média: café e pão.

Classe operária: café simples.

Janta: Os mesmos alimentos do almôço.

Observação: Na Zona rural a alimentação é farta; na cidade é a estritamente necessária.

8 — TÔRRES

De manhã: Café com pão ou batata doce.

Almôço: Feijão, arroz, carne de peixe, farinha de mandioca, legumes.

Das 15 às 16 horas: Café.

Janta: Sopa (de arroz), feijão e carne de peixe.

9 — VIAMÃO

De manhã: café, pão, manteiga.

Almôço: Feijão, arroz, batata doce, aipim, verduras.

Das 15 às 16 horas: Café com pão.

Janta: Semelhante ao almôço.

Observação: A maioria da população pobre usa café sem leite.

3.^a

FRONTEIRA

1 — ALEGRETE

De manhã: Chimarrão. Depois café com bolacha.

Almôço: Feijão, carne de gado, arroz, batata doce.

Das 15 às 16 horas: Café simples ou chimarrão.

Janta: Feijão, arroz, carne, legumes.

2 — DOM PEDRITO

De manhã: Café, leite e pão.

Almôço: Feijão, arroz, carne, batata, verduras pouco usadas.

Das 15 às 16 horas: Café, pão ou bolacha. Frutas.

Janta: Sopã de massas, arroz, carne, batatas.

3 — ITAQUI

De manhã: Chimarrão, churrasco com farinha.

Almôço: Feijão, carne, arroz, mandioca.

Das 15 às 16 horas: Nada.

Janta: Como no almôço.

Observação: A comida principal é a carne.

4 — JAGUARÃO

De manhã: Chimarrão, café com bolacha.

Almôço: Feijão (prato forte), arroz, carne, batata.

Das 15 às 16 horas: Café com bolacha ou chimarrão.

Janta: Da mesma maneira que no almôço.

5 — LAVRAS

De manhã: Café simples, chimarrão, pão ou bolacha.

Almôço: Carne, feijão, arroz.

Das 15 às 16 horas: Como de manhã.

Janta: Como no almôço.

6 — LIVRAMENTO

De manhã: Café, leite, pão ou bolacha.

Almôço: Carne, feijão e arroz, são os principais. Canjica de milho e alguma verdura.

Das 15 às 16 horas: Apenas o chimarrão.

Janta: Semelhante ao almôço, mais sopa.

Observação: Poucos usam manteiga ou mel.

7 — PINHEIRO MACHADO

De manhã: Café, leite (no verão) pão.

Almôço: Feijão, arroz, carne (de carneiro) canjica de milho ou batata doce com leite.

Das 15 às 16 horas: Café e pão.

Janta: Repete-se quasi o almôço.

8 — QUARAÍ

De manhã: Churrasco e chimarrão.

Almôço: Feijão, carne, canjica, batata doce, abóbora ou mandioca.

Das 15 às 16 horas: Leite com farinha ou pão.

Janta: Sopa (de arroz ou massa) carne, batata.

9 — ROSÁRIO

De manhã: Café, pão, leite e manteiga, às vezes.

Almôço: Carne, feijão, arroz, verdura.

Das 15 às 16 horas: Café e pão.

Janta: Sopa, arroz, carne e verduras.

10 — SÃO BORJA

De manhã: Café, leite e pão.

Almôço: Carne, massas, cereais e leguminosas.

Das 15 às 16 horas: Café e pão.

Janta: Semelhante ao almôço.

11 — SÃO GABRIEL

De manhã: Zona rural: Chimarrão. Café, leite, bolacha.

Zona risícola: Café, bolacha ou batata doce.

Almôço: Zona rural: feijão preto, carne, arroz, farinha de mandioca, alternando, às vezes, com canjica de milho, abóbora, milho verde ou batata doce com leite.

Zona risícola: quasi a totalidade se alimenta de arroz com guisado de carne.

Das 15 às 16 horas: Nada.

Janta: Semelhante ao almôço e sopa.

Observação: Diária dos trabalhadores na lavoura de arroz: 6\$000 a 7\$000, de sol a sol, na safra seca. Nos cortes: 7\$000 a 8\$000 por dia.

Ordenados nas fazendas: Com alimentação de 60\$000 a 80\$000 mensais.

12 — SÃO LUIZ GONZAGA

De manhã: Café com pão.

Almôço: Feijão, arroz, carne, mandioca, canjica.

Das 15 às 16 horas: Nada.

Janta: O mesmo que no almôço.

Observação: O leite é pouco usado, bem como as verduras.

13 — SANTA ROSA

De manhã: Café, pão (de farinha de milho ou mixto), mel, leite e manteiga, às vezes.

Mate ou café com farinha, é comum.

Almôço: Feijão (sagrado), pouca banha, carne de gado (uma vez por semana), assim também o arroz, farinha de mandioca, aipim, polenta. Verduras e ovos raríssimos. Sobremesa: laranja, melado, rapadura.

Das 15 às 16 horas: Chimarrão.

Janta: Repete o que sobra do almôço. Outros tomam café com polenta ou pão.

14 — SANTA VITÓRIA DO PALMAR

De manhã: Chimarrão, café, pão ou bolacha.

Almôço: Feijão, carne, (de gado ou de ovelha), arroz, canjica.

Das 15 às 16 horas: Café com pão.

Janta: O que sobra do almôço. Leite com batata doce ou abóbora.

Observação: O trabalhador rural é muito mal alimentado bem como a classe média. Agora começam a procurar nos legumes e frutas o alimento que lhes é necessário.

15 — URUGUAIANA

De manhã: Café, leite, pão.

Almôço: Carne, cereais, legumes.

Das 15 às 16 horas: Chá ou café, pão.

Janta: Carne, cereais e legumes.

4.^a

S E R R A

1 — BOM JESÚS

De manhã: Café com misturas. Pão.

Almôço: Feijão, arroz, carne, batata.

Zona agrícola: Feijão, farinha de mandioca e xarque.

Das 15 às 16 horas: Nada.

Janta: Semelhante ao almôço.

Observação: Nas zonas agrícolas onde a maioria dos habitantes é pobre, o almôço é pouco variado, pois é quasi constituído de feijão com farinha e xarque; e às vezes batata doce ou inglesa.

2 — CRUZ ALTA

De manhã: Abastados: Café, leite, chocolate, pão, manteiga.

Classe média: Café e pão.

Classe pobre: mate.

Almôço: Abastados: Carne, feijão, arroz, batata, verduras, frutas, doces.

Classe pobre: Feijão, xarque, arroz, ou feijão mexido com arroz.

Das 15 às 16 horas: Frutas, mate ou café.

Janta: Semelhante ao almôço.

3 — ERECHIM

De manhã: Café, leite, pão, manteiga ou mel.

Almôço: Feijão preto (os outros são quasi desconhecidos) arroz, carne de porco ou de galinha, saladas verdes, massas.

Das 15 às 16 horas: Café, pão, para alguns.

Janta: Polenta, carne, café.

4 — GETÚLIO VARGAS

De manhã: Café, leite, pão, manteiga ou mel.

Almôço: Feijão, arroz, batata inglesa, massa, carne (verdura, mandioca e batata doce nas respectivas épocas).

Das 15 às 16 horas: Café, pão e mel.

Janta: O que sobra do almôço. Alguns usam simplesmente café com frios.

Observação: A variada população (brasileiros, italianos, alemães, russos, israelitas, suíços, etc.) impõe regime diferente.

5 — IRAÍ

Pela manhã: Mate, café, pão.

Almôço: Polenta, radice, feijão, pão, às vezes carne.

Das 15 às 16 horas: Nada.

Janta: Polenta, radice, feijão, às vezes carne.

6 — JOSE' BONIFÁCIO

De manhã: Café, leite, pão, salame, manteiga.

Almôço: Feijão, arroz, carne de porco, batata, mandioca, verduras. Frutas.

Das 15 às 16 horas: Café, pão, doces, frutas.

Janta: Como no almôço. Polenta.

Observação: Classes rurais. De preferência polenta, agrião, chicória e alface.

7 — PALMEIRA

De manhã: Café, leite, pão, manteiga ou mel.

Zona agrícola: Feijão, carne e ovos.

Almôço: Feijão, arroz, carne de porco, hortaliças, mandioca.

Na campanha: mais canjica com leite.

Das 15 às 16 horas: Café e pão.

Janta: Feijão, arroz, verduras, carne, ovos, mandioca.

Observação: São escassos as verduras e os ovos.

8 — SOLEDADE

De manhã: Café, bolos, queijo, pão, salame.

Almôço: Sopa, feijão, carne, arroz, verduras.

Das 15 às 16 horas: Semelhante ao da manhã.

Janta: O que restar do almôço. Café com pão e salame.

Observação: As verduras são raras.

9 — VACARIA

De manhã: Café, leite, pão e manteiga.

Almôço: Feijão, carne, arroz e legumes.

Das 15 às 16 horas: Café, pão e mel.

Janta: Sopa, batata, arroz e carne.

5.^a

C E N T R O

1 — CACHOEIRA

De manhã: Chimarrão: Café, bolos fritos, leite, pão.

Café preto com farinha de milho.

Almôço: Zona de origem germânica: Carnes, ovos, feijão, sopas, batata, mandioca, leite, verduras. Coalhada. Cerveja.

Frutas.

Zona de origem italiana: Salame, queijo, massas, batata, vinho.

Zona de origem nacional. Feijão, arroz, carne, ovos, verduras. Chimarrão.

Observação: Ovos, verduras, leite são escassos.

Das 15 às 16 horas: Café, pão, mel.

Janta: O que resta do almôço, mais canjica com leite, café com pão.

2 — CAÇAPAVA

De manhã: Café e pão.

Almôço: Feijão, arroz e carne (é a base). Verduras (escassas). Laranjas. Canjica.

Das 15 às 16 horas: Café, bolinhos ou pão. Chimarrão.

Janta: Sopas. Feijão, arroz, carne, batata, mandioca.

Observação: No verão sempre há um pouco de leite.

3 — CANGUSSÚ

De manhã: Mate. Café, leite, pão.

Almôço: Feijão, arroz, batata, carne, às vezes. Canjica de milho.

Das 15 às 16 horas: Café e pão.

Janta: Semelhante ao almôço.

4 — ENCRUZILHADA

De manhã: Café ou mate, leite e pão.

Almôço: Feijão, arroz, carne, verduras.

Das 15 às 16 horas: Mate, café e pão.

Janta: Repete o almôço, mais sopas.

Observação: O uso da carne se faz assim: O xarque é o mais consumido; nas fazendas a ovelha vem substituindo o gado; na zona colonial é o porco. O leite não é muito abundante, bem como as verduras.

5 — GENERAL CÂMARA

De manhã: Café ou mate doce com pão de milho ou polvilho.

Almôço: Feijão, arroz, xarque, batata doce, aipim.

Das 15 às 16 horas: Mate com pão.

Janta: Feijão, arroz, xarque, batata doce ou aipim, sopa.

6 — SÃO JERÔNIMO

De manhã: Café, pão ou bolacha.

Almôço: Feijão, carne, arroz, batata doce e mandioca.

Das 15 às 16 horas: Como pela manhã.

Jantar: A mesma alimentação do almôço.

Observação: O leite não é abundante.

7 — SANTIAGO DO BOQUEIRÃO

De manhã: Café, pão, chimarrão.

Almôço: Carne, arroz, feijão, batata, verduras, poucas vezes.

Das 15 às 16 horas: Café ou chimarrão, pão. (Quasi não é usada esta refeição).

Janta: Sopa e repetição do almôço.

Observação: No almôço como no jantar o alimento fundamental continua sendo a carne. E' raro o uso de verduras e escasso o leite, a-pesar-de ser município pastoril.

8 — SÃO SEPE'

De manhã: Café e pão (o leite é escasso).

Almôço: 50 % tem alimentação completa.

Os outros: Feijão, arroz e farinha de mandioca, (a carne é caríssima e as verduras escassas).

Das 15 às 16 horas: Raras as pessoas que tomam alimentos.

Janta: De acôrdo com o almôço.

9 — TRIUNFO

De manhã: Mate doce ou café com pão.

Almôço: Feijão com xarque, arroz, batata, aipim. Raramente carne fresca.

Das 15 às 16 horas: Chimarrão.

Janta: Repetição do que se come no almôço.

IX — REGIME DOS FLAGELADOS DA ENCHENTE DE 1941

PÔRTO ALEGRE

Secção da Escola de Engenharia

RAÇÃO

Pela manhã:	CAFÉ simples com açúcar	250 grs.
	PÃO mixto	110 grs.
12 horas	: SOPA — massa, pão torrado, caldo de osso com restos de carne	um prato fundo
	FEIJÃO preto	½ concha
	ARROZ	½ concha
	ENSOPADO DE CARNE COM BATATA (torpedo)	1 concha
	FARINHA de mandioca	20 grs.
À noite	: SOPA novamente CAFÉ simples PÃO mixto	

**RAÇÃO PREPARADA POR FLAGELADOS, NOS POSTOS DE SOCORROS,
DURANTE A ENCHENTE, DIARIAMENTE**

RIO PARDO

ALIMENTOS	Quantidade	Prot.	Lip.	Glic.	Calorias	Valor econômico	OBSERVAÇÕES
Café	10	1,5	—	1	7	0.005	A mulher = 0,85 do homem
Erva-mate	a d l i b i t u m				—	0.003	A criança = 0,53 do homem
Açúcar	50	—	—	48	194	0,60	Atendidos de 478 a 1.800 pes.
Pão mixto	200	12.	0,25	120	580	400.	480 homens
Arroz	140	11	—	110	504	140.	360 mulheres
Feijão	200	45.	9.	100	645	280	960 crianças
Farinha de mandioca	35	0,5	0,25	40	102	0,75	$480 \times 1.700 = 816\$000$
Batata doce	a d l i b i t u m				—	100.	$360 \times 1.500 = 540\$000$
Banha	50	—	48	—	454	200.	$960 \times 0.950 = 912\$000$
Carne de rês	100	20	1,5	—	90	180.	
Sal	30	—	—	—	—	0.012	Gasto diário.. 2:268\$000 nessa ocasião
		90	59.	419	2.566	1\$302	1.700 para a ração homem
							1.500 para a ração mulher
30 % p/quebras						\$390	950 para a ração criança
Total		90	59.	419	2.566	1\$692	

X — REGIMES USADOS EM HOTÉIS DE ZONAS COLONIAIS DO RIO GRANDE DO SUL

Regime usado em hotéis de colônias agrícolas no Rio Pardo (de origem alemã)

- Manhã : CAFÉ com leite
QUEIJO "SCHMIER" (feito com coalhada, sal, cebola, e
nata de leite batida)
PÃO de milho
MELADO
OVOS
- 9 horas : LINGUIÇA ou CARNE de porco seca
CAFÉ com leite
PÃO de milho
OVOS
- 12 horas : FEIJÃO
ARROZ secado em casa
BATATA inglesa
ou BATATA DOCE
MANDIOCA
CARNE geralmente de porco
ABÓBORA, chuchú, couve, nabo, repólho, alface ou outra
verdura
FRUTAS — laranja, figo, ameixa, uva ou outra qualquer,
conforme a época;
Ou frutas secas, cozidas, misturadas com arroz com leite
- Às 15 horas : CAFÉ com leite, pão, manteiga ou melado
- Ao escurecer: COMIDA deixada ao meio dia, requentada
CAFÉ com leite, pão, manteiga.

**Média de Regime alimentar, em hotéis de zonas da colônia italiana, no
nosso Estado**

ALIMENTAÇÃO DA MANHÃ	10 HORAS	ALMOÇO	15 ½	JANTAR
Frutas Café com leite Presunto Mortadela Queijo Manteiga Doces Pão: puro mixto centeio	Frutas	Sopa (massa legumes) Massas (macarrão e ta- lharim) Galinha Carne de gado Ovos Arroz Batata inglesa Milho cozido Saladas (tomate e cebola) <i>Verduras:</i> Nabo Repólho Couve Cenoura Radice Frutas	Leite Biscoitos Chá Café	Frios Sopas Massas Carne de gado Galinha Carne de porco Batata inglesa Verduras Legumes Arroz Ovos

XI — MÉDIA DE REGIME ALIMENTAR MAIS COMUM EM DIVERSOS PAÍSES ENROPEUS

NA ALEMANHA DO NORTE

De manhã: 6 ou 7 horas: Café ou leite, pão com manteiga ou bolachas ou chocolate.

As 9 horas: Presunto ou linguiça, queijo, ovos; ou batatas fritas com compotas de frutas secas, bolinhos de farinha de trigo fritos em toucinho ou manteiga. Tomate com pão. Aveia com leite e frutas. Coalhada com batata inglesa. Pão de centeio.

As 12 horas: Refeição principal: Sopa de carne (de porco, principalmente, ovelha ou galinha) com legumes e leguminosas (cenoura, repólho, couve, feijão branco, ervilha) massas, toucinho. Verduras — bastante — (nabo, beterraba, abóbora, aspargo, espinafre, pepino, cebola). Batata inglesa em abundância e diversas formas. Salchichas ou peixe. Pão de farinha de trigo. Frutas em abundância. Maças, pêras, cerejas, ameixas, pêssegos.

As 16 horas: Chocolate, chá com pão, manteiga ou marmelada. Bolos doces ou frutas. Radice cortada, sal. Pão centeio e cerveja.

As 19 horas: Sopa de leite, batatas fritas em manteiga ou toucinho, ovos, compotas de frutas secas, saladas com vinagre, pimenta e nata de leite. Pão, manteiga, chá da Índia ou chocolate.

EM PORTUGAL

De manhã: Sopa de couve com pão (de trigo), ou de toucinho com pão. Vinho ou leite com pão.

As 12 horas: Sopa (engrossada e mais verduras, toucinho e pão. Bacalhau com batata — muita — e verduras. Sardinhas assadas ou fritas. Pescada com batatas. Carne, mais de ovelha. Toucinho ou óleo de olivas. Pão de farinha de milho com farinha de trigo. Cebola e alho; verduras abundantes, salientando-se o tomate. Frutas, abundantes, — pêras, maçãs, uvas, figos, cerejas, avelãs, nozes, castanhas.

À noite: Sopas de feijão branco, com verduras, grão de bico, toucinho, ovos, carne de ovelha, Carne de porco, em formas diversas. Pão. Saladas com muita batata inglesa e cebola. Frutas, vinho, peixe.

NA ESPANHA

De manhã: Sopa (engrossada com farinha e pão) ou chouriço, toucinho e pão (de trigo) ou chocolate (feito com água) e pão.

Ao meio-dia: Puchero: Grão de bico ou feijão branco, chouriço, batata inglesa (muita), couve, repólho, ou cenoura, cebola, alho, fava ou ervilha em sopa ou de outra forma, ovos, verduras com muito tomate, pão em abundância. Frutas abundantes: pêras, maçãs, figos, ameixas, castanhas, nozes, avelãs silvestres.

À noite: Sopas com verduras, farinhas e grão de bico. Peixes, muita sardinha, olivas ou óleo de olivas. Conservas de carne de porco, toucinho, pão, frutas.

NA POLÔNIA-ALEMÃ

Manhã: (Café só para ricos e doentes), leite com pão de centeio (integral) ou de trigo ou sopa de batata inglesa, feijão miúdo ou canjica de milho, leite, pão, farinha de milho ou de trigo ou coalhada com batata inglesa e nata de leite. Pão.

Meio-dia: Sopa de leguminosas (feijão, ervilha, lentilha) com verduras (repólho em conserva, nabo, couve-flor). Batata inglesa cozida, ralada com ou sem casca, sem gordura, e assada em forma de bolinhos, na chapa; ralada e misturada com leite ou coalhada ou queijo ralado, farinha de milho ou de trigo, cozida e comida com pão; assada com casca no borralho; cortada em finas fatias e assadas na chapa, tudo com sal. Verduras, em abundância e sempre presente. Carne, rara e pouca quantidade, assim mesmo de aves domésticas, galinha, pato, marreco, ganso. Arroz com leite raramente e só em dias sem trabalho por ser considerado alimento de fraco poder nutritivo, não garantindo força para os serviços pesados. Farinha de milho em polenta, comida só ou com frutas cozidas e concentradas. Frutas constantes e permanentes em todas as mesas, em abundância, e variadas. Pão. Massas pouco, apesar-de feitas com farinha integral. Cebola e alho constantes. Toucinho ou óleo de linho.

À janta: Sopa de leguminosas, de verduras com batata. Batata sob as mais variadas apresentações. Leite, pão, frutas. Infuso de chá local com açúcar de beterraba ou de batata (expô-la à neve até endurecer bem, depois recolhê-la para dentro de casa, onde, pelo calor, amolece e desprende suco adocicado).

NA UCRÂNIA E BULGÁRIA

Pela manhã: Tzicória (Tipo de melado denso que se dissolve em água fervente, deixando-a escura como café, e que se mistura com leite) com pão de centeio — abundante — E' usado também o pão de trigo. Queijo às vezes. Usa-se muita manteiga.

Ao meio-dia: Boerste (sopa de beterraba, carne, feijão — branco ou pintadinho — ou ervilha, toucinho). Sopa de aveia — muito usada. — Massas de farinha de trigo pura, pouco usada. Carnes de gado (pouca), ovelha, galinha, porco. Verduras (com abundância): repólho, couve — pouca — cenoura, rabanete, alface, — couve-flor, cebola, alho (em quantidade). Batata inglesa em quantidade e permanente — Frios de porco, uso médio. Azeite de oliva, muito. Arroz (quase não é usado). Farinha de milho para polenta, especialmente, muito usada. — Frutas — abundantemente — pêras, maçãs, pêssegos, figos, melancia. Ovos (muito usados). Milho também muito usado, sob formas diversas.

A noite: Sopas de feijão, de aveia, pouca carne, cevadinha. Queijo. Batata inglesa, alho, verduras, pão, cenoura, Melancia, frutas, chá da Índia.

NA SICÍLIA (ITALIA)

Pela manhã: Leite cru com pão de trigo (muito) ou Suco de uva concentrado com pão de trigo ou Frugata — Pão com queijo, alho, olivas (ou óleo de olivas), sardinha, pimenta.

Ao meio-dia: Carne de gado (uma vez por semana), de perdiz, coelho, de galinha. Massa — muito. — Leguminosas — muito — fava, ervilha, grão de bico, lentilha. Verduras abundantemente, — chicória, alcachofra, alho, mostarda, alface, repólho, couve-flor, brócolos, funcho, cebola, aspargo, acelga, tomate, pimentão, abóbora de 40 dias, pepino, aipo, espinafre, radice. Trigo ou milho cozido, ovos, sopas (minestra) de massa com verduras e leguminosas, é prato constante como a massa. Óleo de olivas — a banha não é empregada. Frios (mais usados no inverno) toucinho salgado com carne, tipo presunto, salames, mortadelas, salchichas, linguça. Frutas — abundância — figos, pêras, laranjas, poucas, passas de uva, pêssegos. No inverno — avelãs, nozes, castanhas, marenas. Mel, café (chicória) e açúcar de beterraba) como sobremesa, nunca como alimento principal.

A noite: Sopas, batata inglesa, verduras, queijo ou coalhada, pão, vinho.

O agricultor faz sua alimentação principal à noite; as do dia são frugais, ao contrário do citadino.

RACIONAMENTO NA RÚSSIA

PERÍODO DE GUERRA (16-7-1941)

para os OPERÁRIOS-TÉCNICOS industriais

						Prot. lipid. glicid. Cal.						
Pão	6.400	grs.	por	semana	ou 800	grs.	por	dia	73,6	10,4	424,8	2112
Cereais ..	2.000	"	"	"	250	"	"	"	28,5	2,5	187,7	900
Açúcar ..	1.500	"	"	"	187,5	"	"	"	—	—	185,6	759
Carne ..	2.200	"	"	"	275	"	"	"	56,3	4,6	—	247
Pescado ..	1.000	"	"	"	125	"	"	"	26,2	0,5	—	112
Graxa ..	800	"	"	"	100	"	"	"	—	96,0	—	911
Total ..									184,6	114,0	798,1	5141

(As OUTRAS categorias — CLERO, NÃO TRABALHADORES, MENORES DE 12 anos — recebem de 50 % a 80 %) ou sejam

80 %	147,2	91,2	638,4	4112
50 %	92,3	57,0	399,0	4570

REGIME ALIMENTAR NA SIBÉRIA

Pela manhã, cedo: Leite com pão (feito de farinha integral de trigo e centeio)

Às 10 horas: Samovar (chá apresentável como o nosso fumo em rama, cortado em pedaços e pôsto a ferver o dia todo, sendo servido à família como às visitas, a qualquer hora, como fazemos com o nosso chimarrão) tomado em grandes copos.

Às 12 horas: Carne (abundante) de ovelha, gado, porco, galinha. Batata inglesa (a abundância é tal que quasi não se faz caso, servindo mais para preparar cachaça ou cerveja, tipos locais). Arroz, (vindo da China ou do Japão), que também não é muito apreciado, por não ser considerado como de muito valor nutritivo. Feijão miúdo, branco ou amarelo (não é conhecido o preto). Verduras em abundância. Massas de farinha de milho, também muito usado. A comida nacional por excelência é a sopa, preparada com carne, verduras, ovo, toucinho, feijão. Samovar.

Frutas, manteiga, queijo, fazem parte da mesa, em abundância; doces não são usados; açúcar de beterraba existe com fartura, especialmente para o uso do SAMOVAR.

À noite: Repete em geral, como durante o meio-dia. O leite, às mais das vezes, é usado cru. Mandioca, farinha de mandioca, chimarrão, café, banha não são conhecidos.

ALMOÇO E JANTA NUM SUBMARINO INGLÊS

Sopa de ervilhas, Carneiro assado, Batatas cozidas, Mólho de Tomate. Pudim com mólho de geléia.

REGIME ALIMENTAR INGLÊS

Manhã: Presunto com ovos. Leite, chá, pão, manteiga ou queijo, geléias.

Às 10 horas: Caldo de sopa.

Às 12 horas: Frios, roast beef, sopa de cereais ou leguminosas com verdura. Peixe, conservas de verduras. Ovos, manteiga, pão.

Às 17 horas: Chá, pão e manteiga, geléias.

À noite: Frios, leguminosas, sopas, ovos, manteiga, pão, geléias.

XII — TIPOS APRESENTADOS COMO PADRÃO PARA RAÇÃO ALIMENTAR

Hiss-Zurich

Rose

TRABALHO	PROT.	LIP.	GLIC.	CALOR.	CALOR.
I					
Ração de equilíbrio	60 — 100 15 %	40 8 %	400 77 %	2,192	2,200
II					
Trabalho moderado	60 — 100 13 %	50 8 %	500 79 %	2,666	2,700
III					
Trabalho pesado	60 — 100 10 %	65 8 %	650 82 %	3,388	3,000
IV					
Trabalho muito pesado	60 — 100 8 %	80 8 %	800 84 %	4,090	4,000
Oscilante em ascensão	A mesma quantidade	A mesma percentagem	Percentagem em oscilação ascendente	Em oscilação ascendente	

O TIPO I CORRESPONDE A ÊSTE CARDÁPIO

ALIMENTOS	Quantidade	CALORIAS		RÉIS	
Leite	200	208		160	
Café	20	14		85	
Açúcar	50	100		90	
Pão mixto	150	426		420	
Manteiga	10	75	823	80	\$835
Carne	200	180		440	
Arroz	100	357		120	
Feijão Preto	60	193		60	
Banha	40	364		145	
Batata	100	65		80	
Ovo	1	140		250	
Massa	15	54		40	
Verdura	200	50		200	
Farinha de mandioca ..	20	68		10	
Suco de frutas	100	44	1.515	100	1\$445
TOTAL		—	2.338	—	2\$280

XIV — CONCLUSÕES

Em regra, a alimentação da manhã do nosso trabalhador se cinge, após o chimarrão, ao café simples, pão mixto ou “misturas” — bolinhos, batata doce, ou restos de comida. — E com ela atravessam, trabalhando, dessa hora até o almoço. A quantidade média de leite consumida por habitante e por dia foi de 50 gramas e a de manteiga 35 gramas por mês. Julgamos baixa essa média em relação com o rebanho bovino que atinge à bela soma de 100.000 cabeças em todo o município.

O almoço do trabalhador rural se limitou especialmente ao feijão preto, o arroz polido, um pouco de gordura, sal, farinha de mandioca, carne (quando há), assim como mandioca, batata doce ou abóbora: Os primeiros são considerados elementos de “escora”.

A deficiência se verifica nas verduras, nos ovos, na carne, pão, leite e derivados e frutas. Déficit permanente de sais, vitaminas e protídeos.

Raramente ouvimos falar nas sopas nutritivas.

O magro cardápio do meio-dia se repete à noite, com a agravante de ser “o que sobrou”. E’ enganador, matando a fome, mas não nutrindo integralmente.

Não é um mal local, convenhamos, e dêle não está isenta nem mesmo a zona colonial, como bem deixamos assinalado no município de Farroupilha. A ânsia do lucro leva a miséria até a mesa, empobrecendo-a e encarecendo-a.

Entre nós, como nessa mesma zona, se introduziu o espantinho da monocultura. Se aqui é o arroz; ali, o gado; acolá, o fumo ou outra qualquer atividade isolada que ameaça a economia do município, com crises imprevisíveis mas infalíveis. Em especial evolue a desnutrição da população pobre, operária ou agrícola-pastoril.

A Secretaria da Agricultura reage fortemente. Em Rio Pardo, experimentado pelas crises da lavoura risícola, já se presta atenção ao milho, ao feijão, à batata, à mandioca, etc. E’ um início de convalescença.

Notemos que o uso da carne é excepcional; deixou ela de fazer parte da tríade — carne, feijão, arroz —. O churrasco foi alimento característico do gaúcho, mas hoje se circunscreve o seu uso habitual a poucos municípios, especialmente aos da fronteira. O gado vacum, pelo preço a que chegou, foi substituído pela ovelha; é mais sóbria e não deixa margem a distribuição generosa entre os agregados. Resta o peixe, cujo uso ainda não se generalizou, como no norte do país. Assim, a tríade se reduz ao binômio — arroz, feijão — reforçado pela farinha de mandioca. Esboça-se uma outra ameaça a esta equação: é o preço a que atingiu o arroz!

Vinguemo-nos, mostrando a sua nudez: polido, como se apre-

senta, é apenas uma fonte de glicídeos, perdendo, no embelezamento, a melhor parte do valor alimentício. Foi ponto de partida para experimentação de carência; o seu consumo produz o beriberi, por não conter vitaminas, que ficam no farelo.

Voltemos a carne. A percentagem local de consumidores é apenas de 30 %. Mas o que nos diz a capital do nosso Estado? :

"Sinopse estatística de Pôrto Alegre, 1940".

Págs. 126/7. Consumo de carne verde.

1939:44 Kgs., 27 por ano e por habitante ou sejam 120 gramas por dia (com osso).

LEITE

1939:40 litros, 40 por ano e por habitante ou sejam 0,ltr. 135 por dia."

A Rio Pardo cabe a média máxima de 90 gramas de carne e 0,ltr.50 de leite por dia e por habitante.

A alimentação do trabalhador dêste município, como da maioria do Estado, é, pois, insuficiente, envolvendo para a subnutrição.

Os nossos quadros estatísticos locais fazem ressaltar a debilidade do aparelho digestivo, comprovado pela concordância entre o consultório, o hospital e o cemitério. Sobrecarrega permanentemente os cofres públicos e particulares com o crescendo das instituições de assistência social.

O benemérito Governo atual se empenha para resolver êste problema, base do trabalho e da saúde, como há muito clamam médicos e publicistas.

O reajustamento alimentar está em marcha.

A boa alimentação dá energia física e saúde, eleva o moral e conduz à alegria de viver.

A terra é pródiga, mas o homem é pobre por ignorância, por falta de estímulo; come mal e insuficientemente. Enquanto o trabalhador europeu vai ao campo para adquirir a sua alimentação, o nosso homem do campo vem à cidade para o mesmo fim, comprando caro e pouco. O seu poder aquisitivo se anemia paulatinamente.

O nosso aborígene é mais lógico na razão alimentar: come caça ou peixe, frutos silvestres e mel, milho, mandioca. Exercita-se constantemente para a sua aquisição e para a guerra.

Pastos rurais de ensino integral é medicação heróica. Os títulos de "Jeca", "vasto hospital", "preguiça" recaem em indivíduos ignorantes, sem assistência técnica, sem saúde, sem conforto material e moral para si e sua miserável prole, explorado e mal alimentado.

Se o trabalho é manifestação exterior da energia que a alimen-

tação fornece internamente, é para ela que devem convergir todos os esforços, pois os demais problemas serão correlatos.

O Governo quer amparar o trabalhador; a legislação social nesse sentido, está acima da de qualquer outro país. Orientam-se os esforços agora para a questão alimentar e não tardará que, ao trabalhador rural, lhe seja fornecido o que o operário já adquiriu: ração alimentar diária, barata, completa e sadia.

— :: —

XV — ÁGUA DO RIO JACUÍ, EM CUJA MARGEM SE ACHA RIO PARDO.

Água bruta (6 de Janeiro de 1941)

Côr (em graus) — 17,5
Turvação (em graus) — 58
Temperatura (em graus centígrados) — 26
Gás carbônico livre (em miligramas por litro) — 6,25
Alcalinidade (em miligramas de CaCO_3 por litro) — 30
Matéria orgânica (em miligramas de oxigênio absorvido por litro)
— 2,8

Água tratada (6 de janeiro de 1941)

Côr (em graus) — 0,1
Turvação (em graus) — 0,2
Temperatura (em graus centígrados) — 25
Gás carbônico livre (em miligramas por litro) — 5,92
Dureza total (em graus franceses) — 1,87
Alcalinidade (em miligramas de oxigênio absorvido por litro) —
18,7
Índice do pH — 6,80
Cloro livre (em miligramas por litro) — negativo
Matéria orgânica (em miligramas de oxigênio absorvido por litro)
— 1,0

Água bruta (6 de maio de 1941, período da enchente)

Côr (em graus) 18,6
Turvação (em graus) 61
Temperatura (em graus centígrados) 20
Gás carbônico livre (em miligramas por litro) 6,13
Alcalinidade (em milig. de CaCO_3 por litro) 30
Matéria orgânica (em miligr. de oxigênio absorvido por litro) 2,8

Água tratada (6 de maio de 1941, período da enchente)

Côr (em graus) 0,3
Temperatura (em graus) 20
Turvação (em graus) 0,5
Gás carbônico livre (em miligr. por litro) 4,80
Dureza total (em graus franceses) 1,94
Índice do pH 6,8
Alcalinidade (em milig. de CaCO_3 por litro) 19,4
Cloro livre negativo
Matéria orgânica (em milig. de oxigênio absorvido por litro) 1,0.

(Dados fornecidos, em 29 de agosto de 1941, pelo Dr. Bruno Jalfine, engenheiro-chefe do DAER de Cachoeira).